

Espírito
Léon Tolstói

A ETERNA MENSAGEM DO MONTE

Psicografia de: **Célia Xavier de Camargo**

A eterna mensagem do monte

Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Léon Tolstói

A eterna mensagem do monte

Matão, SP

7ª edição

2013

CASA EDITORA

O CLARIM

Copyright © 1999 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

7ª edição: março/2013, 5 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

1ª edição: março/1999

ISBN 85-7357-044-X

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa: Clayton Barros Torres

Projeto gráfico: Luiz Carlos Pasqua

Revisão: Teresa Cunha

Catálogo na Publicação (CIP)

C172e Camargo, Célia Xavier

A eterna mensagem do monte / Léon Tolstói, [psicografado por] Célia Xavier Camargo. – 7. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2013.

232p.; 21 cm

ISBN 85-7357-044-X

1. Espiritismo. 2. Romance espírita. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Prefácio

Léon Tolstói (1828-1910), romancista, filósofo e sociólogo russo, escritor de estilo muito próprio e que abandonou título nobiliárquico e bens de fortuna, deixando mais de 15 obras marcantes na literatura mundial, entre as quais “Ressurreição”, “Que é a Religião”, “O Reino de Deus está dentro de Ti”; sociocorrespondente da Academia Brasileira de Letras faz um século, haveria de expressar-se em obras mediúnicas de grande beleza literária com magistrais ensinamentos. Já o fizera em “Ressurreição e Vida”, de Yvonne A. Pereira, edição FEB, 1964. O estilo, os enfoques, a preocupação com a transformação do Homem à luz da Boa Nova do Cristo continuam a sua tônica.

Bem-vinda, pois, “A Eterna Mensagem do Monte”.

Alberto de Souza Rocha

Outubro de 1998.

Apresentação

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.”

(João, 1:1 a 3.)

Desde os tempos em que eu peregrinava pelo Planeta, em minha última encarnação, quando vivi numa bela região da “Santa Rússia”, denominada Iasnaia Poliana, tão grata ao meu coração, sentia-me poderosamente atraído pela figura do meigo Nazareno que um dia habitou a Terra, deixando aos homens a herança do Seu Evangelho, notável código de conteúdo moral insuperável, ensinamentos cuja estrita observância seriam suficientes para transformar o nosso Orbe num abençoado mundo de paz e de prosperidade, sob as divinas leis de Amor, Justiça e Caridade.

Não raro, sentado na varanda da residência a apreciar o pôr do sol – que na minha terra natal reveste-se de poética beleza –, ou caminhando pelas plantações da propriedade rural pertencente à nossa família, perdia-me em divagações tendo a excelsa imagem de Jesus de Nazaré como foco central dos meus devaneios.

Parecia-me vê-lo em meio ao povo nas mais belas prédicas, ocasiões em que tecia as singelas parábolas que se perpetuariam no tempo e no espaço, orientando as criaturas humanas.

Confesso que a figura do Cristo exercia tão grande fascínio sobre mim que parecia ganhar vida e colorido, movimento e sonoridade. Tudo aquilo me era extremamente familiar e, pelas vias da intuição, eu “sentia” que tinha vivido lá, naquela época; que conhecera o humilde carpinteiro galileu, que ouvira as mensagens da sua boca e cuja voz repercutia indelevelmente ainda em meus ouvidos.

Hoje, habitante da Espiritualidade e cidadão do Universo, “sei” que estive “lá”. Os arquivos psíquicos mostraram-me isso sem sombra de dúvida. Todavia, na ocasião, não aproveitei a grande oportunidade que me

fora concedida por Deus, o que lamentei e amarguei pelos séculos futuros, em dolorosas encarnações, uma vez que o espírito eterno reconhecia que falhara, e a consciência, em despertando, não lhe concedia paz.

Assim, sempre tive impulso de escrever sobre as vidas de quantos estiveram com Jesus àquela época, de quantos conviveram com Ele e foram conquistados pela suave e, ao mesmo tempo, revolucionária mensagem, que repercutira em seus espíritos fazendo com que se transformassem à luz do Evangelho redentor.

Especialmente o Sermão do Monte, que reputo a mais extraordinária peça oratória que jamais ouvi, o mais belo poema que já foi dado a alguém escutar, lembrando as palavras do apóstolo João quando diz: “– Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que delas se houvessem de escrever”.¹

O apóstolo escreveu conforme suas ideias à época, mas suas palavras foram grafadas como uma “figura de expressão” que, não obstante os excessos de linguagem, mostram a força da missão que trouxe Jesus à Terra e a grande influência que exerceu sobre as pessoas do seu tempo.

É sobre essas vidas que me debrucei a pesquisar com dedicação e desinteresse, elaborando posteriormente estes textos, que ora entrego ao público, com o objetivo de aclarar um pouco mais aquela época e aquela gente e de jogar o foco das atenções para A Eterna Mensagem do Monte, que continua a iluminar nossas vidas e a de quantos têm conhecimento dela.

Ao mesmo tempo, aproveitei o ensejo para relatar também outras histórias que chegaram ao meu conhecimento e que têm profunda ligação com as mensagens eternas de Jesus e as leis morais exaradas pelo Criador.

Sem qualquer pretensão literária, que ora reputo de menor interesse para o ser imortal do que o crescimento interior que deve nortear o verdadeiro discípulo do Cristo, candidato a trabalhador na sua seara, confesso-me humildemente grato ao Mestre Maior pela oportunidade que me concedeu de poder servir em seu nome.

A grandiosidade, porém, daquele que veio à Terra e que ficou conhecido como Jesus de Nazaré somente será reconhecida com o passar do tempo e a conseqüente evolução do gênero humano, conforme inspiradamente escreveu o apóstolo João, no capítulo 1, versículos 4 e 5:

“A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas

trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela”.

Rolândia, 25 de julho de 1997.

Léon Tolstoi

1

1 - João, 21:25

Palavras da Médiun

Pesa-me sobremaneira a responsabilidade de colocar o nome de Léon Tolstoi, conhecido internacionalmente e venerado em todo o mundo por sua obra literária, como autor espiritual deste livro.

Contudo, a presença desse generoso e amável amigo espiritual é tão forte que me vejo na obrigação de atender-lhe aos apelos, atestando a autoria destes textos que foram recebidos por mim, a partir de 7 de setembro de 1992.

Por essa ocasião, estava recebendo, através da psicografia, páginas do querido amigo espiritual Jésus Gonçalves, constantes do capítulo XXIV da obra que recebeu o título de Em Busca da Ilusão.

Nesse dia, porém, não foi o generoso orientador, conhecido como o “Apóstolo de Pirapitingui”, quem se apresentou para escrever. Sumamente surpresa, através das minhas faculdades psíquicas, percebi a presença de um espírito diferente daqueles a quem eu estava habituada. Desejava ditar uma mensagem por meu intermédio. Aquiesci, e ele escreveu o texto que peço licença para transcrever:

“Minha querida Irmã.

Com as bênçãos de Deus, aqui estou para mandar-te uma mensagem que é de carinho, de confiança e de incentivo ao trabalho que executas, mercê da Bondade Divina.

Recebi de Jesus a permissão de algo relatar das minhas experiências e submeto à tua apreciação este meu desejo.

Caso concordes, iremos trabalhar juntos por um largo período, o que será muito gratificante para mim.

Não temas dificuldades ou fracassos, pois estaremos trabalhando em conjunto e o Senhor não deixará de nos amparar.

Não te cause inquietação o fato de aprazer-me escrever sobre o regionalismo russo, sempre difícil para os que não estão afeitos a ele.

Descobri em teu passado que já viveste em certa região da Rússia, o que facilita o cometimento, sendo uma das razões por que foste escolhida. Além disso, possuímos afinidades intrínsecas e vibracionais, o que tornará viável

o programa que ora se estabelece.

Contudo, é preciso que te prepares mental e espiritualmente para a tarefa que te é proposta, colocando-te em condições de ser a intérprete do texto que te será concedido receber.

Que o Senhor nos ampare o propósito de servir e nos dê forças para levarmos adiante as tarefas que, por Sua infinita bondade, ora nos são confiadas.

Estaremos mais intimamente ligados daqui por diante, com vistas ao trabalho futuro, uma vez que estás laborando num texto que deverá ser concluído num período não muito longo.

O meu abraço fraterno recebas neste instante, juntamente com minhas vibrações de muita paz e carinho enobrecedor.

Do amigo,

Léon Tolstoi

Rolândia, 7 de setembro de 1992.”

Nesse mesmo dia, talvez para mostrar-me que não seria tão difícil assim a nossa parceria (uma vez que eu estava apavorada diante da responsabilidade da tarefa que de mim se exigia), o paciente amigo ditou o texto da primeira história incluída nesta obra, a que deu o título de “O Paralítico”.

Desde esse dia, como ele mesmo afirmou, sua presença ao nosso lado tem sido constante; e não se passa uma semana sem que receba um ditado de sua autoria.²

Assim, submeto humildemente à apreciação dos leitores estas páginas que foram escritas com delicadeza e profundo amor por todos os sofredores do mundo.

Cabe ressaltar, no entanto, que os erros porventura detectados devem ser debitados à médium e não ao extraordinário autor espiritual, pois, apesar da sua fluência e verve literária, teve ele que contentar-se com as minhas precárias e insuficientes condições e tentar sobrepor-se a elas, o que não é tarefa fácil.

Paz em Jesus!

Célia Xavier de Camargo

Rolândia, 25 de julho de 1997.

2

2 - Léon Tolstoi, durante esse período, escreveu também um romance, ainda sem título.

Capítulo 1. O Paralítico

“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o também vós a eles; porque esta é a Lei e os profetas.”

(Mateus, 7:12.)



Há muito tempo, na Judeia, vivia um jovem chamado Davi. Nascera sadio, tivera infância alegre e descuidada e a juventude cheia de prazeres e divertimentos.

Era forte, bonito e elegante, razão pela qual as mulheres se apaixonavam perdidamente por ele.

Numa manhã de inverno, porém, acordou com certa fraqueza nas pernas, acompanhada de dores horríveis que o obrigaram a permanecer no leito.

Ao cabo de uma semana, tentou levantar-se, mas não conseguiu. Os médicos, consultados, recomendaram-lhe tisanas, unguentos, banhos e massagens; nada disso, porém, se mostrou eficaz para amenizar-lhe a dolorosa situação.

Davi, ao perceber que não mais poderia ter uma vida normal como qualquer outro jovem de sua idade, deixou-se dominar por incoercível desespero. Chorou muito, debatendo-se em angústias inomináveis. Contudo, depois de alguns meses, conformou-se com o que não poderia

mudar: estava parálitico.

A alegria desapareceu de sua vida, tornando-se uma pessoa triste e melancólica.

Apesar da desgraça que o atingira em pleno florescer das esperanças, possuía um coração bem formado e apiedava-se das outras pessoas, não obstante o seu próprio sofrimento.

Certa ocasião ouviu falar de um profeta, que andava curando cegos e surdos, coxos e estropiados, endemoninhados³ e até leprosos, e se tomou de vivo interesse por conhecê-lo.

Ao ser informado de que esse homem – conhecido por Jesus de Nazaré, um carpinteiro galileu – se aproximava de sua cidade, desejou ardentemente ir a seu encontro. Queria também ser curado por ele, como já ocorrera com tantas pessoas.

De família muito pobre e sem recursos para alugar uma condução que o transportasse mais confortavelmente, suplicou ao irmão mais velho, Jacó, que improvisasse uma maca e o levasse ao encontro do carpinteiro galileu.

A princípio, o irmão ficou relutante. Não acreditava em milagres e temia alimentar as esperanças de Davi, pois sabia que sua doença era irreversível. Este, todavia, insistiu tanto que ele acabou concordando.

Saíram no dia seguinte logo cedo, acompanhados de outras pessoas que também desejavam conhecer o rabi. Pelo caminho iam encontrando mais criaturas, muitas delas enfermas, que se dirigiam para o mesmo lugar onde estaria Jesus. Ao se aproximarem do local, avistaram grande número de pessoas.

Sob intensa expectativa, acomodaram-se o melhor possível, dadas as circunstâncias, e ficaram também esperando.

Uma multidão incontável de criaturas doentes e necessitadas ali se aglomerava: cegos, surdos, mudos, paráliticos, leprosos, enfim, toda a escória do mundo. Todos traziam estampada no rosto a secreta esperança de serem curados pelo profeta nazareno.

Ao lado de Davi, um pobre infeliz também aguardava como todos os outros. Puseram-se a conversar e Davi ficou sabendo que Jonas, além de parálitico, também era cego. Completamente tomado por uma enfermidade que, aos poucos, o reduzira àquela condição atroz, somente conseguia ouvir e falar. Nada mais.

Davi encheu-se de compaixão pelo pobre homem que ali estava, quase

que na condição de um vegetal. Ele, Davi, pelo menos podia movimentar os braços à vontade, fazer algum serviço com as mãos, ajudando Jacó na manutenção da casa; enxergava e apreciava o que acontecia a seu redor, participando de tudo. Só não podia andar com as próprias pernas. Imaginou como deveria ser triste a vida de Jonas, mergulhado em trevas eternas.

Nesse momento o ruído da turba indicou que o profeta se aproximava, e eles se calaram.

De onde estavam, podiam ver toda a gente que se agitava, sofrida e ansiosa.

A figura majestosa que assomou da multidão deixou Davi muito impressionado. Ao caminhar, perpassou o olhar pelo povo, que se aquietara por completo.

Vestia-se muito simplesmente, com uma túnica de tecido rústico. Os cabelos castanhos, repartidos à nazarena, desciam até os ombros, e trazia tanta paz e ternura estampadas no rosto que Davi se enterneceu. Ao fitar aqueles olhos que eram dois pedaços de um céu muito azul, o rapaz teve ímpeto de ajoelhar-se aos pés do Mestre galileu, só não o fazendo em face de suas precárias condições físicas, que não o permitiam.

O profeta começou a falar com voz terna e timbre inesquecível. Sob a branda aragem que soprava. Davi sentiu imensa paz a invadir-lhe o íntimo.

Enquanto Jesus falava, a grande massa humana deixava-se prender sob o magnetismo daquela figura extraordinária.

“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”⁴

O chamamento do Rabi a todas as criaturas tristes e desesperançadas repercutiu na alma de Davi, sensibilizando-o até às lágrimas. Olhou ao redor e viu que muitos dos que ali estavam, como ele mesmo, também choravam, emocionados.

E ele continuou falando e explicando a sua doutrina ao povo faminto de consolo e de paz. Quando terminou sua alocução, o Profeta nazareno começou a atender, impondo as mãos longas e diáfanas sobre a cabeça de quantos se aproximavam.

A multidão agitou-se. Como todos desejavam acercar-se do Mestre, formou-se um grande tumulto. Jesus curava sem cessar, mas era muito difícil chegar até ele. As pessoas se acotovelavam na ânsia de serem atendidas.

Na confusão que se estabelecera, Davi conseguiu aproximar-se conduzido por Jacó. O Rabi curava havia horas e sua fisionomia demonstrava cansaço.

Um homem que estava sempre junto dele e que diziam ser um de seus discípulos, um pescador por nome Simão Barjonas, afirmou com voz trovejante:

– O Mestre precisa retirar-se. Só atenderá mais uma pessoa.

Davi sorriu. Estava bem próximo do nazareno e com certeza seria ele o felizardo.

Nesse instante, olhando para o lado, viu o pobre e infeliz parálítico Jonas, com quem estivera a conversar enquanto aguardava e por quem se tomara de sincera amizade, e sentiu-se mover de infinita compaixão. O companheiro não poderia sequer ter a felicidade, que lhe fora concedida, de ver a figura majestosa do Mestre galileu, ali tão perto, visto que, além de tudo, era cego.

Jesus dissera um pouco antes: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei e os profetas”.

Buscou com o olhar o Rabi da Galileia que o fitava com olhos serenos e ternos. As palavras ouvidas há pouco da boca de Jesus repercutiam ainda em seus ouvidos e sentiu, no imo d’alma, que a mensagem lhe seria suficiente para toda a vida. Ser curado já não lhe parecia tão importante.

Sorriu para o Mestre e virou-se para o parálítico a seu lado. Jesus o entendeu, sem necessidade de palavras.

Acercando-se mais, o profeta colocou a mão suavemente sobre a cabeça de Davi.

O rapaz sentiu um nó na garganta e as lágrimas lhe inundaram o rosto, tal a emoção que o dominara naquele momento supremo. Entendeu a lição e percebeu que o Mestre aprovava seu gesto.

Em seguida, o Rabi dirigiu-se a Jonas, que tentava entender o que estava acontecendo naquele momento a seu redor e, impondo-lhe a mão na cabeça, ordenou-lhe:

– Levanta-te e anda! Estás curado.

Sob gritos de alegria, o rapaz ergueu-se do leito improvisado, exclamando:

– Aleluia! Aleluia! Estou curado! Estou enxergando! – e chorava e ria, e

ria e chorava.

O nazareno afastou-se envolvido pela multidão e, aos poucos, o local ficou deserto.

Davi retornou para casa satisfeito, conquanto não tivesse sido curado. Jacó não entendeu o que se passara sob suas vistas, considerando um absurdo o irmão não ter aproveitado a oportunidade que tivera, estando tão perto de Jesus.

Davi permanecia calado e pensativo durante todo o trajeto de volta à aldeia, não se dando conta sequer das recriminações do irmão. As palavras que ouvira da boca do Messias (agora não tinha mais dúvidas de que o fosse realmente) lhe propiciaram infinito consolo e resignação diante dos infortúnios. Renunciara à única oportunidade que tivera de ser curado milagrosamente pelo Mestre galileu, mas isso agora já não lhe parecia ter tanta importância. Uma nova luz nascera-lhe no íntimo, clareando a compreensão de seus problemas.

Regressou para sua cidadezinha resignado e disposto a prosseguir suportando a enfermidade, confiante naquele Deus que era todo amor e misericórdia, ao qual Jesus se referira.

Ao chegar em casa, quando o irmão Jacó o ajudava a deixar a maca improvisada para acomodar-se no leito, Davi percebeu cheio de júbilo – oh! maravilha! – que também podia andar. Também fora curado, mercê da infinita bondade daquele Mestre Jesus, que era todo compaixão pelos sofredores.

Nesse momento, profundamente emocionado, Davi recordou-se das palavras que ele lhe dissera e que ficariam gravadas em seu espírito para todo o sempre:

“– Faze aos outros tudo o que queiras que eles te façam”.

3

3 - Entenda-se por “endemoninhado” qualquer pessoa obsidiada, isto é, criatura encarnada sujeita, através das ligações espirituais, a espírito desencarnado inferior e vingativo, ou obsessor.

4

4 - Mateus, 5:3 e 4.

Capítulo 2. A Cura de Sara

“Deixai que venham a mim as criancinhas, e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham. Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.”

(Marcos, 10:14 e 15.)



Em meio à multidão que se acotovelava, ansiosa, o pequeno tentava aproximar-se do Rabi, cujas palavras as pessoas ouviam, embevecidas. Jesiel tinha apenas cinco anos, mas não trepidara em deixar sua casa em busca daquele profeta nazareno de que todos falavam.

Morava numa pequena aldeia como tantas que existiam na região da Galileia. Seu pai, pescador, um dia saíra para o mar e não mais retornara, colhido por repentina e violenta tempestade. Em virtude desse fato, a mãe de Jesiel adoecera e encontrava-se acamada havia meses, fazendo o menino temer por sua vida. Tendo ficado órfão de pai, não queria o garoto também ficar órfão de mãe.

Cheia de dor pela morte do marido, a quem muito amava, Sara deixara-se envolver por enfermidade insidiosa, não mais logrando abandonar o leito.

As amigas e vizinhas, condoídas da sorte da pobre mulher e do seu pequeno filho, esmeravam-se em ajudá-los nos afazeres domésticos, na limpeza da humilde moradia, amassando o pão, cozendo os legumes e

revezando-se na lavagem das roupas e no atendimento à enferma.

Foi assim que o pequeno Jesiel ficou sabendo da existência do profeta. Enquanto as amigas de sua mãe executavam os serviços caseiros, tagarelando entre si, ele, sentado numa pedra à porta da cozinha, ouvia interessado.

Falavam de um carpinteiro, homem muito bom que curava os doentes: cegos, surdos, mudos, coxos, parálíticos, endemoninhados ou portadores de qualquer outra enfermidade. Diziam que era um profeta de Nazaré e que percorria as vilas e cidades, estradas e montes. Nas sinagogas, nas ruas, em qualquer lugar, pregava uma doutrina de amor aos semelhantes e falava de um Deus, Pai de todas as criaturas, que amava a todos, indistintamente, ricos ou pobres, grandes ou pequenos.

Jesiel suspirou. Com os grandes olhos castanhos vivos e arregalados, sombreados de longas pestanas, não perdia uma palavra do que diziam.

Ah! Gostaria tanto de conhecer esse homem! – pensava ele. Se era tão bom, com certeza poderia curar sua mãezinha enferma. Mas como levá-la até ele?

Jesiel sentia-se fraco e impotente. Apesar de maduro para a idade, era muito pequeno ainda e sozinho nada poderia fazer.

Levantou-se e foi até o quarto da enferma. Fitou a mãe, que parecia mais fraca ainda na penumbra do humilde aposento, e resolveu que teria de tomar uma atitude enquanto era tempo. Depois, talvez fosse tarde demais, e ele temia perder a mãe como já perdera o pai, de quem sentia tanta falta.

Decidiu que, se sua mãezinha não poderia ir até o profeta, ele iria procurá-lo e, se era tão bom como afirmavam, não deixaria de apiedar-se dele, atendendo a seu pedido e vindo até sua casa para curar a doente.

Procurou informar-se e ficou sabendo que o Rabi, conhecido por Jesus de Nazaré, não estava muito distante. Ignorava qual o caminho que deveria tomar, porém, como ouvira dizer que muita gente se dirigia para lá, inclusive da sua aldeia, decidiu acompanhar essas pessoas.

No dia seguinte levantou-se bem cedinho, pois não queria perder tempo. Arrumou-se em silêncio para não acordar a mãe, que ainda dormia.

Como não tivesse noção de distância, Jesiel apanhou um resto de pão que sobrara do dia anterior, para o caso de ter fome, e colocou-o dentro de uma pequena bolsa de couro de carneiro, que seu pai costumava usar quando ainda vivo. E pôs-se a caminho.

Dentro de pouco tempo, encontrou algumas pessoas que seguiam o mesmo destino, segundo ele pensava. Fez amizade com uma das famílias e acompanhou-a, conversando animadamente com as crianças. Os adultos não estranharam a presença de um menino desacompanhado, acreditando que seus parentes deveriam estar próximos.

Algumas horas depois perceberam que estavam perto do local previsto, pois grupos numerosos de pessoas acorriam de todos os lados, convergindo para um mesmo ponto.

Quando lá chegaram, a multidão era tão grande que não conseguiam aproximar-se do Rabi, que ali já se encontrava.

Fiel ao propósito que se impusera, Jesiel tentava abrir caminho por entre o povo, até que se aproximou de Jesus, podendo mesmo tocá-lo se quisesse.

Ficou deslumbrado com a figura à sua frente. Era um homem alto, vestido simplesmente como alguém do povo; seus pés calçavam alpercatas empoeiradas; pareceu-lhe um tipo bastante comum. Contudo, quando Jesiel olhou para o rosto do profeta, para seus olhos serenos, sentiu a bondade que se exteriorizava dele e desejou acercar-se mais, tocá-lo.

Nesse momento, algumas pessoas trouxeram crianças para que Jesus as abençoasse, e Jesiel acabou ficando no meio delas.

Seus discípulos, porém, não gostaram, afastando-as com palavras ásperas; um deles, até segurou Jesiel pelo braço, empurrando-o, para distanciá-lo do Mestre, bem como as outras crianças que ali se encontravam.

Nisso, Jesus voltou-se e fitou-as com grande ternura e disse com inflexão de voz que Jesiel não esqueceria jamais:

“– Deixai que venham a mim as criancinhas, e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham. Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará”.⁵

Ouvindo isso, o homem soltou-o e Jesiel correu para os braços daquele homem extraordinário, deixando-se envolver por eles.

O que Jesiel sentiu naquele instante não poderia descrever com palavras e jamais se lhe apagaria da memória, apesar da sua pouca idade. Um bem-estar intraduzível, uma consciência de que nada deveria temer, que tudo estava bem.

Ergueu a fronte e seus olhos se cruzaram com os de Jesus, enquanto um

cálido sorriso surgia naquele semblante irradiante de ternura.

Nada pediu, pois de nada mais precisava. Compreendeu, sem necessidade de palavras, que o Rabi lhe assegurava que sua mãezinha ficaria curada, que ele nada temesse. Ela estava bem!

Foi um momento rápido. Depois Jesus abraçou as outras crianças que ali se encontravam e abençoou-as, impondo-lhes as mãos.

Em seguida, começou a atender os inúmeros enfermos que requisitavam sua atenção e afastou-se, juntamente com seus discípulos.

Ainda maravilhado com aquele contato, Jesiel decidiu retornar para casa. Tinha pressa em relatar para todos o que tinha visto e ouvido.

Ao aproximar-se da aldeia, percebeu que alguma coisa acontecera e ficou preocupado. Correu em direção à sua casa e, ao chegar lá, encontrou inúmeros amigos, vizinhos e transeuntes que festejavam e gritavam:

– Hosanas ao Senhor! Aleluia! Aleluia!

Uma amiga de sua mãe viu-o chegar e correu a seu encontro, contando-lhe entre lágrimas:

– Tua mãe está curada! Onde estiveste, Jesiel? Há muitas horas te procuramos!

Com expressão que soava muito séria para sua pouca idade, Jesiel informou aos ouvintes, espantados:

– Eu sei. Minha mãe foi curada pelo Profeta nazareno.

E adentrando-se pela casa, para pasmo de toda gente, abraçado à mãezinha, Jesiel relatou sua aventura, como tinha ido em busca de Jesus e o que acontecera.

Ninguém duvidou da sua palavra, porque realmente ele não poderia saber o que ocorrera em sua ausência.

Cheios de júbilo, comemoraram o milagre feito por Jesus, o Messias que todo o povo aguardava havia séculos e que agora chegara para alegria de todos.

E por muitos dias Jesiel repetiu a sua história para quantos o procurassem. E veio gente de longe para ouvi-lo narrar seu encontro com Jesus e ficavam todos emocionados diante daquela pequena criança que, muito séria, falava para pessoas estranhas, demonstrando uma maturidade superior aos seus cinco anos de idade.

Jesiel nunca mais teve a ventura de ver o Rabi da Galileia. Não muito tempo depois, ficaram sabendo que aquele homem bom e generoso, que

somente pregava o amor, o perdão e a paz; que curava os enfermos sem nada pedir em troca; que não desprezava os simples e humildes; que consolava e fortalecia os sofredores e aflitos; que amava as criancinhas, que esse homem fora preso e condenado, e morrera crucificado entre dois ladrões, como se fora um criminoso vulgar.

Jesiel e sua mãe choraram muito, lamentando a morte daquele homem a quem haviam aprendido a amar e com quem Sara tanto desejava encontrar-se para agradecer o bem que lhe fizera.

Mas as notícias da ressurreição de Jesus correram de boca em boca, alegrando seus seguidores e dando-lhes novo ânimo, assim como a quantos o admiravam.

Jesiel cresceu tendo as palavras do Mestre nazareno em seus ouvidos. A doutrina que ele deixou, passada através da tradição oral pelos seus apóstolos e por quantos haviam tido a honra de acompanhá-lo em suas andanças, norteou toda a sua vida.

Tornou-se um cristão fervoroso e também ele falava ao povo, ensinando o Evangelho que Jesus legara como roteiro para toda a Humanidade. Em suas prédicas nunca deixou de dar seu testemunho pessoal, relatando o momento mágico do seu encontro com o Messias.

Muito mais tarde, em Roma, visitando a grande metrópole para onde fora levar a mensagem da Boa Nova, fiel ao propósito que estabelecera como norma de vida, foi preso e condenado à morte.

Juntamente com dezenas de outros cristãos que entraram cantando na arena do grande circo, cheios de fé e confiança em seu Mestre, veio a perder a vida na boca de feras esfaimadas, enquanto a multidão inconsequente e ébria de gozo divertia-se aos gritos de:

– Morte aos cristãos! Morte aos cristãos!

Em todos os momentos, contudo, a lembrança de Jesus estava presente em sua mente, e foi com alegria que deu sua existência por amor ao Evangelho de seu Mestre nazareno.

Ao deixar o corpo, liberto das algemas da carne e dos restos sanguinolentos que atestavam a ignorância e a barbárie dos homens, Jesiel ouviu melodia dulcíssima entoada por um coro de vozes angélicas, provinda dos arcanos do infinito, e cheio de emoção vislumbrou Jesus, em vestes resplandecentes, que aguardava de braços abertos as vítimas do arbítrio e da prepotência do homem, para levá-las rumo a seu reino de amor.

“Vinde a mim todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e encontrareis repouso para vossas almas, porque meu jugo é suave e meu fardo é leve.”6

5

5 - Marcos, 10: 14 e 15

6

6 - Mateus, 11: 28 a 30.

Capítulo 3. Confia! Ama! Perdoa!

“Bem-aventurados os que choram porque serão consolados.”

(Mateus, 5:4.)



Era um pobre doente necessitado de tudo. Nascera de uma família paupérrima, em que cada um, para sobreviver, tinha que cuidar de si próprio. Rejeitado por todos, nem mesmo a mãe o amava. Os outros membros da família, o pai e dois irmãos mais novos, o desprezavam e nem sequer conversavam com ele.

A mãe, infeliz mulher, ignorante e supersticiosa, acreditava que aquele filho, nascido de suas entranhas, representava castigo divino por sua conduta moral desregrada na mocidade.

Em virtude disso, ela o odiava. Odiava aquele ser abjeto, nascido do seu corpo sadio e formoso, e que a envergonhava perante toda a aldeia.

Jasão era o divertimento de todos que o conheciam, pois sua figura provocava repulsa e medo.

Contava, então, 25 anos. Na fase juvenil, quando o coração floresce em esperanças, quando a beleza e a alegria andam juntas, ele era a antítese de tudo isso. Ao caminhar, o corpo desengonçado balançava como um boneco

de pano; os braços, muito compridos, caíam ao longo do corpo ou faziam gestos desconexos. A cabeça, algo desenvolvida, parecia enterrada no pescoço, curto e grosso. Os cabelos, descendo até os ombros, estavam sempre sujos e desgrenhados. De toda a sua fisionomia extravasava um ar de imbecilidade com aqueles olhos que dançavam nas órbitas.

Não falava a não ser por grunhidos, uma vez que era surdo-mudo de nascença.

Crescera o infeliz sem quaisquer cuidados que representassem o carinho e a solicitude maternas. Andava sempre imundo e esfarrapado pelos matos, comendo o que lhe davam por esmola e dormindo numa enxerga, que a mãe colocara num cômodo pequeno e desajeitado no fundo do quintal. Ali, Jasão entrava e saía sem que ninguém tomasse conhecimento dele.

Vivendo em completa solidão, era tratado como um animal e tido como um idiota, pois, como não podia se expressar e dizer o que sentia, acreditava-se que não entendesse nada do que se passava a seu redor.

Muitas vezes, ouviam-se seus grunhidos de dor ao voltar machucado das ruas, apedrejado por crianças, jovens e até adultos desocupados. Nessas horas o pobre diabo recolhia-se ao seu tugúrio e, se alguém pudesse vê-lo, perceberia que grossas lágrimas lhe desciam pelo rosto disforme, e que ele sofria muito.

Apesar de suas dificuldades e de seu aspecto, Jasão possuía “coração” como qualquer outra pessoa e, ao contrário do que se acreditava, tinha percepções e sentimentos, compreendendo tudo o que se passava à sua volta.

Meditava com frequência na solidão do seu mísero aposento, olhando as estrelas pela fresta da janela no azul profundo do céu, sem saber as razões do seu sofrimento. “Por que teria vida tão difícil e um fardo tão pesado? Por que ninguém o amava?” Via outras pessoas cercadas pelo carinho dos entes queridos, e seu coração se confrangia.

Não raro, avançava sobre as pessoas grunhindo assustadoramente apenas para que elas o deixassem em paz. No fundo, era dócil e gentil.

Por essa época começou a notar, pelo comportamento das pessoas, que algo de diferente estava ocorrendo. Seus rostos se iluminavam ao conversarem entre si; e se encaminhavam, juntas, para algum lugar.

Certo dia resolveu segui-las, curioso. Mantinha uma certa distância para evitar que, percebendo sua presença, elas o escorraçassem, como sempre

aconteciam; e se surpreendeu com o número cada vez maior de pessoas, que surgiam de todos os lados e se dirigiam para um mesmo ponto.

Percebeu também outra coisa: que aquelas pessoas, vendo-o, não reagiam como de costume, desprezando-o. E ele, aos poucos, não se sentindo rejeitado, foi perdendo o medo e caminhando ao lado delas, satisfeito e tranquilo.

Houve até uma mulher que, condoída, por certo, do seu aspecto e adivinhando que estaria com fome, deu-lhe um bom naco de pão que Jasão comeu feliz e agradecido.

Afinal, chegaram a um lugar onde se concentrava um número incalculável de pessoas, sentadas no chão, ansiosas. A multidão estendia-se a perder de vista, e ele estava cada vez mais admirado e curioso, identificando, intimamente, que algo de muito importante estava para acontecer. Acomodou-se como pôde e dispôs-se também a esperar.

Não demorou muito e viu um grupo pequeno de pessoas que se encaminhavam para uma elevação. No meio delas vislumbrou um homem de majestática beleza, em cuja cabeça o sol incidia respingando reflexos dourados em seus cabelos. De estatura elevada, impressionava pelo porte altivo e pela expressão de bondade e paz que irradiava do seu rosto e de sua pessoa, atraindo a atenção dos presentes. Em seus olhos azuis havia tal magnetismo que deixou Jasão extasiado.

O homem olhou em derredor e, levantando as mãos diáfanas, começou a falar; sua voz soava clara e nítida, com tonalidade inconfundível e única, sendo ouvida até pelos que estavam mais distantes.

Jasão ansiava ouvir aquele mensageiro, diferente de quantos já conhecera até então. E – coisa singular! – logo em seguida passou a compreender perfeitamente o que estava sendo dito, apesar de sua deficiência auditiva. Não sabia como isso estava ocorrendo. Ouvia, simplesmente.

E, na acústica da alma, a mensagem daquele ser admirável ficou gravada com tintas indeléveis.

“– Bem-aventurados os humildes de espírito porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos porque herdarão a Terra.”

Bebendo avidamente as palavras consoladoras, Jasão olhou para os lados e percebeu que todos estavam igualmente extasiados. Via as lágrimas que corriam de seus rostos, tal qual acontecia consigo mesmo, enquanto que

uma sublime luz de esperança brilhava em seus olhos.

Uma brisa soprava mansamente e parecia balsamizar os corações aflitos e sofredores. E o Rabi continuava:

“– Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”.

Plenamente satisfeito, Jasão suspirava, pela primeira vez gozando de paz e consolação. Percebia que durante toda a sua vida tão sofrida ansiara por aquelas palavras, que pareciam estar sendo ditas especialmente para ele.

E prosseguia o Profeta:

“– Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vós”.⁷

A beleza das palavras caíam em sua alma torturada como bálsamo consolador.

Muito mais coisas disse aquele Mestre em dia de tão grandes ensinamentos e gratas recordações.

As lágrimas há muito represadas desceram pelo rosto de Jasão, lavando-lhe o interior atormentado.

Não conseguia parar de chorar, mas era um choro manso e resignado; e uma doce paz o dominava por inteiro.

Quando o Rabi parou de falar, muita gente acercou-se dele para ser curado. Ao impor as mãos sobre a cabeça do enfermo, este ficava logo completamente bom e se afastava aos gritos de júbilo.

Jasão, porém, não ousou se aproximar. Como ele, um infeliz obscuro e sem valor, poderia aproximar-se daquele profeta que era a Luz do Mundo?

A multidão começou a dispersar-se, retornando cada qual para sua região de origem. E Jasão, conquanto sem vontade de deixar o Rabi, demandou a estrada que o conduziria para casa, pois nada mais tinha para fazer ali.

Caminhava lentamente ainda sob o encantamento da palavra do Profeta, quando percebeu, pelas vibrações do solo, atrás de si um grande ajuntamento de pessoas vindo em sua direção.

Postou-se à margem do caminho para que o grupo pudesse passar. Para sua surpresa, viu entre as pessoas o Rabi, que se aproximava com seus

discípulos.

Com o coração aos saltos, envergonhado da sua presença indesejável, Jasão procurou encolher-se o mais possível, tentando passar despercebido. Abaixou a cabeça, escondendo-a entre os longos braços.

De repente, notou, com assombro, que alguém estacara a seu lado. Sem erguer a fronte, viu os pés empoeirados, calçados com alpercatas. Temeroso, levantou a cabeça e – oh! maravilha das maravilhas! – era o Rabi em pessoa que estava à sua frente a fitá-lo com carinho infinito.

O Messias colocou-lhe a mão levemente sobre a cabeça, enquanto lhe falava de alma para alma, sem que nenhuma palavra fosse pronunciada. Não obstante, Jasão entendia perfeitamente o que lhe estava sendo dito:

“– Confia! Ama! Perdoa”!

Foi apenas um segundo. No momento seguinte, o Rabi prosseguiu seu caminho acompanhado dos discípulos, enquanto Jasão permaneceu ali, estático, sem coragem para continuar a jornada, ainda emocionado pela ventura que lhe fora concedida de estar tão próximo daquele homem extraordinário.

Tomou uma decisão. Não retornaria mais para o seu tugúrio, onde, de resto, ninguém sentiria sua falta. Aquele dia havia sido o mais importante de toda a sua vida e decidiu que não poderia mais afastar-se de Jesus.

A partir de então, onde quer que o Mestre estivesse, ele estaria por perto. Mantinha sempre uma distância conveniente porque não desejava incomodar as pessoas. E estas se incomodavam com a sua presença, muitas até sentiam medo dele.

Grunhindo de prazer, acompanhou Jesus na sua entrada triunfal em Jerusalém, feliz porque seu Rabi estava sendo reconhecido pelo povo como um profeta da sua raça.

Na semana seguinte, quando o Mestre foi preso, Jasão ficou nas imediações da prisão, desesperado e aflito, sendo escorraçado pelos soldados que temiam sua presença.

No dia da crucificação de Jesus, acompanhou todo o trajeto, em lágrimas e grunhidos de dor, desejando ter poder para salvar seu querido Mestre das mãos dos seus algozes.

Permaneceu ao lado de Jesus, perdido no anonimato da multidão, até o momento final. Foi com sofrimento atroz que se afastou do Monte da Caveira, após tudo consumado, para abrigar-se da tempestade que

escureceu o céu transformando o dia em noite.

Não tendo mais o que fazer nem para onde ir, por muitos dias perambulou sem destino pelas estradas poeirentas, até resolver voltar à sua aldeia, onde foi recebido com as zombarias e os gracejos costumeiros.

Que falta lhe fazia o querido Mestre! Agora, mais do que nunca, sentia-se solitário e infeliz.

Nada o incomodava, porém. Lembrava-se das palavras de Jesus e sabia que era ali, no seio do seu povo, que precisava colocá-las em execução.

“– Confia! Ama! Perdoa!”

Essas palavras continuavam a repercutir em seu íntimo, como um divino convite à mudança de vida.

Sim, compreendia agora que precisava confiar em Deus, aquele Pai bom e misericordioso, que ama a todos os seus filhos indistintamente. Agora, sentia-se “amado” pelo Pai, conforme ouvira tantas vezes Jesus afirmar. E uma fé profunda inundava sua alma.

Precisava, contudo, ele mesmo, amar as outras criaturas como o Mestre ensinara. “Amái-vos uns aos outros como eu vos ameí” – dissera Jesus.⁸⁸

Percebia agora, analisando seus sentimentos, que também ele, revoltado com sua situação, nunca amara ninguém. Procuraria remediar isso.

Perdoa! Sim, também precisava aprender a perdoar àqueles que o magoavam. O Rabi fora mais longe ao falar sobre o amor, afirmando que deveríamos estender o amor até aos inimigos, fazendo o bem aos que nos odeiam, bendizendo os que nos amaldiçoam e orando pelos que nos perseguem e caluniam, para sermos filhos do nosso Pai que está nos céus.

E disse mais o Messias: que deveríamos nos reconciliar com os adversários enquanto estivéssemos a caminho.

Meditou muito no silêncio do seu pobre quarto e compreendeu que, se Jesus não estava mais entre os homens para demonstrar o seu amor por ele, deveria exemplificar tudo o que ouvira da sua boca, naqueles dias felizes às margens do lago de Genesaré, em Cafarnaum, Jerusalém, Betsaida ou qualquer outra cidade, fosse nas sinagogas, nas ruas, nas praças ou nos montes.

A partir de então, Jasão modificou completamente seu comportamento. Agora tinha algo a seu favor, desde o dia do encontro com Jesus. Podia escutar “mentalmente” o que lhe diziam. Não “escutava” com os ouvidos do corpo, mas “entendia” com os ouvidos da alma.

Compreendia que o Mestre não o curara fisicamente porque, com certeza, ele, Jasão, tinha uma cruz para carregar. Também não sentia que esse tipo de cura fosse necessário. Isso não o incomodava nem um pouco, pois recebera muito mais com a presença do Messias, que lhe dera resignação e coragem para prosseguir na sua vida junto com ensinamentos que ficariam gravados para sempre em sua memória.

Agora, quando alguém se aproximava, Jasão o recebia com um sorriso; quando uma criança lhe jogava uma pedra, ele oferecia uma fruta silvestre que havia colhido no mato, pelas imediações, estendendo o braço alegremente.

E não guardava mais rancor de ninguém, compreendendo que a maneira de proceder das pessoas era ditada pela ignorância das leis da vida.

Assim, dentro de pouco tempo, o ambiente estava totalmente diferente. Perplexos, a princípio, aos poucos os habitantes da aldeia foram percebendo que o pobre Jasão não era mau. Apenas não podia se expressar como as outras pessoas. Compreenderam também que ele era inteligente e entendia tudo. Não era um imbecil como julgavam, e passaram todos a tratá-lo com o respeito e a consideração que ele merecia. Somente a sua família insistia em considerá-lo um idiota.

Algum tempo depois, a mãe de Jasão ficou doente e caiu de cama para não se levantar mais. Todos fugiram, inclusive o pai e os irmãos, temerosos do contágio. Contudo, o filho desprezado permaneceu à sua cabeceira e cuidou dela até o dia em que o Criador a chamou para o mundo espiritual.

Antes, porém, ouviu as palavras de despedida que ela lhe dizia, com dificuldade:

– Compreendo que fui muito injusta contigo, Jasão. Não te amei como deveria. Todavia, agora passei a ver o tesouro que tens no coração. Perdoa-me, meu filho, se puderes.

A agonizante estendeu os braços e ele, pela primeira vez, em choro convulsivo, abraçou a mãe, exprimindo todo o seu carinho, naquele gesto de amor tanto tempo represado.

Nesse instante, percebeu que densas nuvens de mágoa se desfaziam libertando-os, finalmente, das amarras do passado. Com um sorriso feliz, a mãe exalou o último suspiro.

Ainda alguns anos viveu Jasão, agora completamente modificado, tentando fazer o máximo por todas as pessoas que o procuravam e doando

amor como o seu Mestre Jesus ensinara.

Quando deixou o corpo, a pobre vestimenta que por tantos anos usara, sentindo-se leve e feliz, Jasão pôde ainda ouvir, acompanhadas por melodias celestes, as palavras de Jesus repetidas por vozes do infinito, como no dia inesquecível do sermão da montanha:

“– Bem-aventurados os que choram porque serão consolados”...

“– Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”...

7

7 - Marcos, 10: 14 e 15.

8

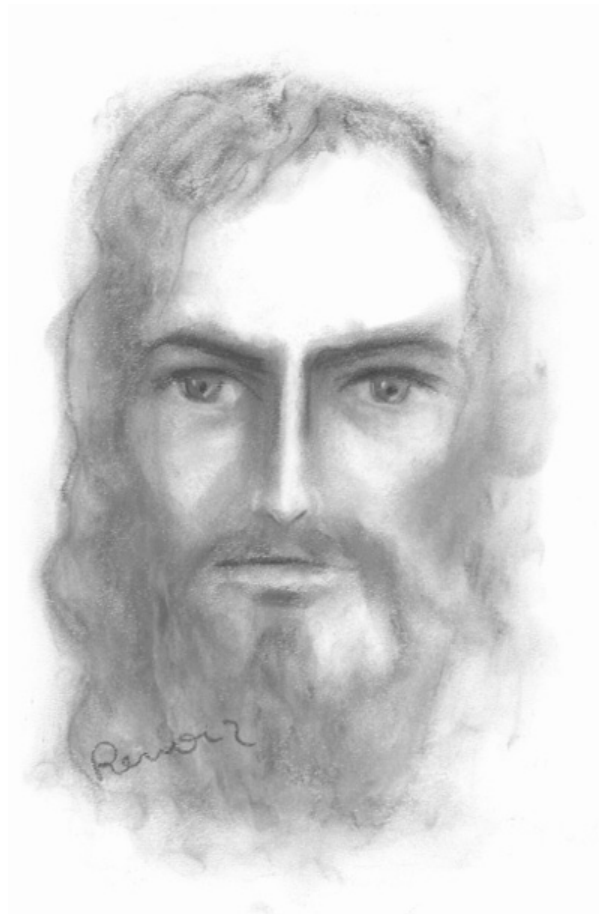
8 - João, 15:12.

Capítulo 4. Retorno ao Passado

“Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.”

(Mateus, 5:25.)





Abandonado e sozinho, ele caminhava sem destino. Os pés sangrando, feridos pelos seixos da estrada, o conduziam para lugar nenhum. Os calçados rotos ofereciam parca resistência contra o frio e a neve; por isso, os pés, congelados, doíam dolorosamente.

A neve voltara a cair, recobrando tudo com seu manto alvo, e o céu plúmbeo prenunciava tempestade próxima.

Aconchegou-se mais ao casaco velho e puído, de tecido inferior, protegendo o peito do vento enregelante que soprava. Escondeu o rosto sob o gorro e continuou a caminhar.

Tanto ouvira falar de Deus, Pai de todas as criaturas, em quem ele não acreditava. Se um Deus realmente existisse e fosse Pai, como afirmavam, não deixaria um filho seu em tamanho sofrimento.

Enquanto caminhava sem destino, lembrava-se do que fora toda a sua vida.

Desde pequeno só conhecera o sofrimento. A mãe morreu ao dar à luz e

ele foi criado por uma mulher sem entranhas, uma vez que seu pai não quis saber dele, culpando-o pela morte da esposa.

Jamais tivera algo de seu. Comia do que lhe davam, vestia e calçava o que pessoas condoídas da sua sorte lhe ofertavam. Tornara-se homem sem ter quem lhe ensinasse coisa alguma.

Para viver, fazia pequenos serviços nas aldeias por onde passava, ajudando às pessoas em troca de um prato de comida, de uma roupa ou de um calçado.

Através das janelas, via as famílias reunidas em torno de uma mesa, risonhas e felizes, e um aperto no coração fazia as lágrimas lhe assomarem aos olhos.

Ah! como gostaria de ter uma família, pessoas que o amassem e com as quais pudesse compartilhar seus pensamentos. No entanto, somente ele parecia não ter alguém.

A tempestade se aproximava. Era preciso apressar o passo para não ser alcançado por ela.

Contudo, estava tão cansado! As pernas recusavam-se a caminhar, exaustas da longa jornada. Sentiu-se fraquejar e as pernas se dobraram, arremessando-o ao chão, sobre a neve. Ali, em meio à intempérie, sem forças para prosseguir, ele cerrou os olhos ardentes.

Estava no fim. Morreria por certo sem socorro, uma vez que a região era deserta e ninguém se atreveria a sair de casa com um tempo desses.

Novamente mergulhou nos próprios pensamentos, aguardando a dolorosa morte por congelamento, que não tardaria.

Por quê? Por quê, meu Deus?

Inconscientemente o nome do Criador lhe veio aos lábios. Muitas vezes, tivera sonhos estranhos, para os quais não encontrara explicação lógica.

Sonhara que habitava uma região próspera e que era rico proprietário de terras. Possuía extensas plantações de trigo, cevada e aveia. Nas “deciatines”⁹ bem cuidadas, mujiques¹⁰ trabalhavam sem descanso. Não obstante, jamais propiciara aos camponeses condições dignas de vida.

Conquanto imensamente rico e gozando de prestígio na sociedade em que vivia, nunca a ninguém ajudara. Seus servos morriam na miséria, depois de uma existência de penúria, maldizendo-lhe o nome.

Orgulhoso ao extremo, não conhecia outra vontade além da sua. A família, tratava-a com despotismo e, muito egoísta, só pensava em si

mesmo. Profundamente avarento, só acumulava bens, vivendo quase que miseravelmente.

Desse modo, os filhos abandonaram a casa paterna, tão logo despertaram para a vida, em busca de melhores condições de sobrevivência e para fugir ao tacho do pai, a quem odiavam.

A esposa, pobre mulher sofrida e infeliz, suportou-lhe os maus-tratos, uma vez que não tinha para onde ir. Um dia, cansada da vida de privações a que era submetida, entregou a alma ao Criador, readquirindo a liberdade que perdera com o casamento.

Solitário, o grande senhor tornou-se ainda mais detestável, extravasando sua ira sobre os infelizes criados e mujiques de suas terras.

Uma só pessoa ainda o amava e continuava a seu lado, apesar de tudo. Era um velho servo que o vira nascer e que nutria por ele carinhos de pai.

O proprietário morreu, alguns anos depois, entregue à bebida e aos excessos de toda ordem.

Lembrando-se desse sonho que muitas vezes tivera, o infeliz se questionava intimamente por que ele se sentia sempre como aquele grande senhor, proprietário de vastas “deciatines”? Com horror, via-se chicoteando os mujiques por qualquer deslize, cheio de cólera; humilhando os filhos e a mulher com a sua autoridade soberana; e gargalhando de satisfação a qualquer maldade praticada contra os próprios e raros amigos que possuía.

Existiriam mesmo outras vidas, como muitas vezes ouvira comentar? Se assim fosse, poderia ter sido ele outrora, realmente, aquele proprietário de terras, cruel e sem entranhas?

Se isso fosse verdade, então merecia o sofrimento atual por tudo o que já fizera. Contudo, eram apenas conjecturas.

Naquele instante, um desejo imenso de fazer algo de bom e de útil dominou-lhe o íntimo. Se tivesse que recomeçar, faria tudo diferente. Ah! quisera poder acreditar em Deus e em sua bondade!

Todavia, era tarde demais. Sentia o corpo enregelado e entorpecido. Estava no fim.

Naquele momento ouviu vozes que se aproximavam e, com imenso alívio, percebeu que o socorro chegara.

– Ainda vive! Vamos levá-lo com cuidado. – Disse alguém.

Colocaram-no numa maca improvisada e conduziram-no até uma casa pequena e aconchegante. Acomodado defronte da lareira sentia-se, pela

primeira vez, estranhamente feliz.

Enquanto o fogo crepitava, após lhe terem tirado as roupas molhadas, trocando-as por outras limpas e aquecidas, banhado os pés com água quente e colocado meias de lã, o pobre infeliz ouvia as vozes que lhe soavam profundamente familiares.

Um garoto de olhos vivos e aveludados, aparentando seus dez anos de idade, tagarelava a seu lado.

– Não é verdade, papai, que se não fosse eu esse pobre homem teria morrido na neve?

E o velho, solícito, de olhos ternos e risonhos, respondia prontamente:

– Isso mesmo, meu filho. Graças a ti, o nosso amigo está salvo. Mas não deves incomodá-lo; está cansado e necessitando de repouso.

O recém-chegado afirmou que não estava sendo incomodado em absoluto. Ao contrário, nunca se sentira tão bem em toda a sua vida.

A dona da casa trouxe um prato fumegante de caldo de legumes e um naco de pão, que ele comeu com prazer, acompanhado de uma caneca de vinho quente, para aquecê-lo.

Assim, mais reabastecido, contou como chegara até ali e por que estava jornadeando com tempo tão impróprio. Concluiu, dizendo:

– A verdade é que não tenho casa ou família, e que estou sempre a perambular por todos os lugares.

Ouvindo essa confissão, feita em tom triste e melancólico, o dono da casa assegurou:

– Pois, meu amigo, aqui podes permanecer conosco, se for do teu agrado. Foi o Senhor que te enviou e agradeço a Nossa Senhora de Kazan o ter-te colocado no caminho de Nikolai para que te encontrássemos. Preciso de alguém para ajudar-me no plantio e, quando te recuperares e a primavera chegar, poderás ser-me de grande utilidade.

– Agradeço-te a generosidade, “paizinho”¹¹, e aceito com prazer.¹⁰

O menino Nikolai, que o observava atentamente, perguntou muito sério:

– Tens certeza de que é a primeira vez que andas por esta região?

– Sim, amigo Nikolai. Tenho certeza disso. Jamais perambulei por estes lados. Por que me perguntas?

– É estranho... – disse o garoto; e, virando-se para o pai, interrogou:

– Papai, não o achas parecido com alguém? A semelhança é muito grande!

– Com quem me achas parecido, meu jovem amigo? – tornou o hóspede.

– Sabes, estas terras outrora pertenceram a um grande senhor que diziam ser muito mau e que habitava uma grande mansão, não muito distante daqui. Já estive várias vezes no interior da velha mansão, porque tenho um amigo que mora lá, seu pai é o caseiro, e sempre me impressionou muito um grande quadro que existe sobre a lareira na sala de visitas. É realmente impressionante a tua semelhança com o homem do quadro. A única diferença é que o “outro” está bem vestido e bem penteado.

Emocionado, o viandante olhou para o velho que o acolhera e, naquele instante, sentiu que já o conhecia.

– Já havia notado essa semelhança do nosso hóspede com o antigo senhor destas terras, meu filho, que é realmente extraordinária. Deus tem caminhos que desconhecemos... – concluiu, pensativo.

Estranhamente confortado, o hóspede sentia como se nada daquilo lhe fosse desconhecido; sentia-se realmente como se aquele personagem de que falavam fosse ele mesmo em outra roupagem. Até o quadro sobre a lareira na sala de visitas era-lhe familiar, pois lembrava-se de tê-lo visto em sonhos.

Interessado, interrogou o seu gentil hospedeiro:

– Como se chamava esse cavaleiro, “paizinho”, com quem dizem que tenho tanta semelhança?

– Chamava-se Yuri Kamiensky.

O hóspede levou um susto ao ouvir o nome do antigo proprietário e, com os olhos rasos de pranto, afirmou, comovido:

– Não acreditava em Deus até esta noite. Agora, agradeço a Ele o ter-me salvo de morte certa e a oportunidade de estar aqui, nesta casa. Tens razão, “paizinho”, o Criador age por caminhos que desconhecemos.

Fez uma pausa e, fitando cada um dos interlocutores, afirmou:

– Por estranho que possa parecer, também me chamo Yuri Kamiensky.

Compreendendo a infinita misericórdia de Deus, que o conduzira até o local onde ele delinquira outrora, prometeu a si mesmo que tudo faria para reparar o mal que praticara, espalhando o amor e a paz por onde fosse. Especialmente naquela região, onde certamente teria muito por fazer para redimir-se perante sua consciência.

9 - Deciatine – Unidade de medida agrária russa, valendo mais de um hectare.

10 - Mujiqie – camponês russo. Até 1860 era considerado escravo.

10

11 - “Paizinho” – Termo carinhoso, muito usado na intimidade.

Capítulo 5 (1ª parte). O Caminho da Salvação

“Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á.”

(Mateus, 7:7 e 8.)



Sentado à soleira da porta de humilde moradia, contemplava a Natureza que se estendia à sua frente. As flores perfumadas de um jardim se abrindo ao sol da manhã, num hino de amor à primavera que chegava; mais ao longe, os campos de verdura que rebrilhavam sob a luminosidade do dia limpo e claro; no fundo, mais distante ainda, os cumes nevados do Hermon recortando-se num céu muito azul.

Suspirou, apertando os olhos sob a claridade excessiva, enquanto duas lágrimas ardentes desciam por suas faces crestadas pelo sol do deserto.

Exausto de tanto caminhar, resolvera parar para repousar um pouco. As roupas já haviam conhecido dias melhores e eram de boa qualidade, conquanto estivessem sujas e rotas; nos pés empoeirados, as velhas alpercatas gregas atestavam as longas distâncias que o viandante percorrera.

Sentiu fome. Abriu um saco de couro de carneiro, que trazia a tiracolo, retirou um pedaço de pão duro, um último naco de queijo e pôs-se a comer, com ar distraído.

Entregue a si mesmo, as lembranças lhe afloraram à mente. Refletia ele sobre tudo o que lhe acontecera até então, e consequentes mudanças em sua vida.

Fora muito rico. Nascido em berço de ouro, tivera tudo o que poderia desejar.

Crescera prepotente e arbitrário e jamais alguém se atrevera a discutir suas determinações. Sua vontade era soberana. Os criados de sua casa eram sempre tratados com dureza e, à menor falta, caíam sob a chibata sofrendo os castigos mais cruéis.

O prazer era seu objetivo maior de todas as horas. Para satisfazê-lo, não conhecia limites.

Aos 20 anos apaixonou-se por uma jovem de família tão nobre quanto a sua, Raquel, com quem constituíra um lar. Dessa união, duas lindas e mimosas crianças vieram enriquecer de bênçãos a sua existência, demonstrando a generosidade do Deus Único de seus ancestrais.

Todavia, após poucos anos de uma felicidade que parecia eterna, Josué Ben Hanan deixou-se dominar pelo tédio. Sentindo falta da antiga vida de dissipações, voltou aos braços das amantes e ao convívio dos amigos de outrora, dos quais se havia afastado com o casamento.

Não valeram as súplicas da doce Raquel e os apelos dos venerandos pais para que retornasse ao seio das alegrias familiares e ao carinho das filhinhas Sula e Sara.

Agora, ainda mais ansioso por prazeres, como se tentando recuperar o tempo perdido, Josué passava as noites em orgias e desregramentos sem igual, junto aos amigos romanos e judeus que se afinavam com esse tipo de vida.

Passou a jogar descontroladamente, perdendo, numa noite, fortunas incalculáveis. E os haveres, amealhados lentamente ao longo dos anos pelos dignos varões da sua casa ilustre, foram rapidamente dilapidados pelo irresponsável jovem.

Dentro de pouco tempo, nada mais restava da sua imensa fortuna. Os pais, velhos e cansados, faleceram de desgosto.

Amargurado, Josué mal tinha com que sustentar a família, ele que nunca trabalhara e que considerava qualquer ocupação desprezível e própria de escravos, segundo os conceitos à época vigentes na sociedade. Passou a residir numa casinha humilde, na periferia da cidade, único bem que lhe

restara de todo o seu imenso patrimônio, e a tirar o sustento de uma pequena renda que o pai lhe deixara, após a sua morte, e que não caíra nas mãos dos agiotas e banqueiros judeus.

A esposa, desacostumada das rudes tarefas domésticas e frágil por natureza, contraiu uma enfermidade e veio a falecer algum tempo depois, deixando Josué sozinho com as duas filhas pequenas, com quatro e seis anos de idade.

Desesperado, maldizendo o dia em que resolvera abandonar o lar, retornando à antiga vida de prazeres, Josué entregou as meninas aos cuidados de uma parenta distante, que se prontificara a tomar conta delas, e saiu pelo mundo, solitário e arrependido.

Onde os amigos das horas alegres e felizes? Onde os companheiros de dissipações e loucuras? Onde os comensais da sua farta mesa? Afastaram-se todos, tão logo perceberam que o rico e bem-nascido Josué Ben Hanan estava na miséria.

Debalde Josué se humilhou a procurar ajuda junto àqueles que até há pouco eram seus melhores amigos, muitos dos quais, não poucas vezes, socorrera nas suas necessidades, emprestando-lhes somas expressivas das quais nunca exigira o devido pagamento. Confiante, ele procurou esses amigos em suas residências. Jamais foi recebido, porém, por qualquer um deles. Ante as desculpas dos criados insolentes, alegando que os senhores haviam saído ou estavam em viagem, em vão Josué retornou outra vez, e outra, e mais outra. Um deles até, que saía de casa exatamente no momento em que Josué chegava, não podendo se furtar de falar com o antigo companheiro de orgias, escorraçou Josué como a um cão sarnento, advertindo-o, ainda, de não o aborrecer com suas lamúrias, ou soltaria os cães.

Humilhado, percebendo a inutilidade de qualquer outra tentativa, Josué se resignara, a chorar de tristeza.

Agora, amargurado e aflito, ele lamentava profundamente a perda da felicidade que tivera um dia. Lembrava-se da doce companheira, que era um bálsamo para o seu coração ulcerado, das filhinhas que amava acima de tudo, e uma saudade torturante agitava-lhe as fibras mais íntimas.

Reconhecia-se culpado por todas as desgraças que infelicitaram sua existência e nem sequer podia se consolar na fé robusta em Deus que seus pais possuíram. Na verdade, nunca fora muito ligado à religião, apesar de

todo o empenho paterno para consolidar sua educação. E, agora, a crença num Ser Superior lhe fazia muita falta porque não tinha algo sólido em que se apoiar. Um grande vazio existia em seu peito.

Naquele momento, algumas pessoas simples do povo conversavam nas proximidades. Referiam-se a um profeta galileu que surgira, e Josué não pôde se furtar de ouvir o que diziam.

Interessado, sem saber por que, ele começou a prestar atenção. Falavam de um homem, carpinteiro de Nazaré, que percorria as estradas, as cidades e as sinagogas, falando de amor e de perdão. Diziam mais: que esse novo profeta operava milagres e já havia até curado muitas pessoas.

Dialogavam alegremente e Josué percebeu que, em suas fisionomias, havia um ar de tranquila segurança e uma paz que ele havia buscado sempre, sem jamais ter logrado encontrar.

Pelo que Josué notou, estavam à procura do profeta e tinham vindo de longe para vê-lo e ouvi-lo falar.

Após o repasto singelo e um breve descanso, as pessoas do grupo levantaram-se para prosseguir viagem. Josué Ben Hanan, decidido, dispôs-se a acompanhá-las a uma discreta distância.

Caminharam durante algumas horas, até que Josué notou que o movimento, na estrada por onde transitavam, crescia sempre. Com estranheza, percebeu que avultavam os enfermos, os cegos, os coxos, os endemoninhados, os paralíticos, conduzidos em leitos improvisados, e toda sorte de pessoas, até mesmo os leprosos, que, de ordinário, evitavam andar no meio do povo. Curiosamente, todas elas traziam no semblante uma luz diferente, entre o júbilo e a esperança. E o bando de estropiados aumentava cada vez mais.

Josué não pôde evitar um pensamento irônico, ao imaginar o que pensaria alguém de suas antigas relações se o visse em semelhante companhia, ele, o outrora rico e festejado Josué Ben Hanan.

Olhou para si mesmo e notou que não destoava do conjunto. Estava vestido de trapos, sujo, as alpercatas rotas e empoeiradas. Não, ninguém reconheceria nesse maltrapilho miserável o ilustre Josué Ben Hanan.

Ao chegar a um ponto do caminho em que a paisagem se abria, prendeu a respiração. Estendia-se a seus pés uma planície imensa onde uma multidão já se encontrava. Acomodando-se no chão, como as outras pessoas, pôs-se a esperar, surpreso e emocionado. Uma voz interior lhe afirmava que algo de

muito importante aconteceria, mudando toda a sua vida. Contudo, Josué não estava preparado, nem nunca poderia imaginar o que ia ver e ouvir naquela hora.

A tarde se fazia adiantada e o sol declinava por detrás das montanhas, enquanto uma brisa suave soprava docemente.

Nesse instante, Josué percebeu um grupo de pessoas que se aproximava. Dentre elas uma, porém, atraiu toda a sua atenção e o fez esquecer-se de todo o resto.

Era um homem de elevada estatura, vestido pobremente como alguém do povo, com uma rústica túnica clara e sandálias nos pés. Caminhava com majestática beleza e mais parecia um rei entre seus súditos, não obstante a simplicidade de suas vestes.

Era toda a sua presença que inspirava respeito e veneração, constatou Josué. Seus cabelos castanhos caíam até os ombros suavemente; a barba bipartida, como de uso entre os nazarenos. Mas os olhos tinham tal expressão de serenidade e paz, havia tal suavidade naquele semblante, irradiava tanto amor que Josué se comoveu até às lágrimas. Instintivamente, reconheceu estar defronte de alguém superior.

O Profeta nazareno subiu até uma pequena elevação e silêncio respeitoso se fez. Então, ele começou a falar, e sua voz, de tonalidade meiga e inconfundível, espalhou-se pela planície, sendo facilmente ouvida pela multidão que se aglomerava, mesmo pelas pessoas mais distantes.

Dizia ele agora:

“– Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á”.

Ouvindo isso Josué se comoveu, e pensou que não a ele, não a alguém como ele que tinha errado tanto e que perdera a felicidade pela própria desídia, essas palavras eram dirigidas. O Senhor jamais o ajudaria.

E, como se estivesse falando diretamente a seu coração sofrido e culpado, como se respondesse às suas íntimas ponderações, o profeta prosseguiu, repassando o olhar docemente por sobre a multidão que o ouvia embevecida:

“– Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com

mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem”?1211

Josué Ben Hanan jamais tinha ouvido tais coisas, e os ensinamentos desse profeta eram de fazer com que se meditasse profundamente sobre eles. A justeza dos conceitos, a lógica das palavras... era extraordinário!

Nunca pensara em Deus dessa forma. A educação judaica que tivera falava de um Deus que deveria ser temido e respeitado, mas nunca amado. Era um Senhor severo e arbitrário, que deveria ser obedecido, não compreendido.

Em sua mente surgia a ideia de um Deus-Pai, todo amor e bondade, que desejava o melhor para os homens, Seus filhos.

Um suspiro de satisfação exalou-se-lhe do peito. Agora compreendia porque o carpinteiro galileu era tão procurado pelos sofredores e infelizes. Suas palavras consoladoras atingiam diretamente os necessitados, calando fundo nos corações ulcerados.

Olhou em torno e viu que todos tinham a mesma expressão de felicidade, paz e conforto que ele próprio sentia.

O Mestre continuou falando, até que, quando terminou, os enfermos se acercaram dele com a esperança de serem curados.

Com a mesma expressão de ternura e um sorriso manso nos lábios, ele ia atendendo os que o procuravam. E os gritos de júbilo espocavam de suas bocas quando eram curados.

E muitos o foram nesse dia.

Observando a uma distância regular, Josué não teve coragem de se aproximar. Não se sentia digno de acercar-se daquele homem, em quem reconhecia, sem dúvida, o Messias tão aguardado pelo seu povo e que havia chegado para trazer a salvação a Israel.

Aos poucos a planície imensa se foi esvaziando e, depois de algum tempo, só ele continuava sentado a meditar.

O sol desaparecera completamente atrás dos montes e a noite se fizera. No céu azul-cobalto, as estrelas luziam com mais intensidade.

E Josué Ben Hanan, entregue à meditação, não via as horas passarem.

Ele não se sentia o mesmo. Nunca mais seria o mesmo após ouvir o Mestre Nazareno.

Pela primeira vez em toda a sua vida, elevou o pensamento ao Criador, abrindo o coração. Suplicou a esse Deus-Pai, todo misericórdia e amor, de

que Jesus falara em sua prédica, que lhe perdoasse e lhe permitisse reparar o mal que praticara. Desejava voltar e refazer seus passos. Procuraria as filhinhas e recomeçariam uma nova vida juntos, sob a Sua bênção.

Mais aliviado após a prece, sentindo-se envolver por novas esperanças, o coração cheio de júbilo, levantou-se, pondo-se a caminhar de retorno.

11

12 - Mateus, 7:9 a 11.

Capítulo 5 (2ª parte). O Caminho da Salvação

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua Justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”

(Mateus, 6:33.)

Josué Ben Hanan ansiava por uma vida diferente. Dedicar-se às filhinhas e levar uma existência digna e laboriosa. Trabalharia para prover ao sustento da casa. Ouvira alguém afirmar que Jesus era um modesto carpinteiro, e, se o Messias não se pejava do labor rude, por que ele, um ser desprezível, deixaria de fazer o mesmo?

E, em sua mente, o antigo potentado ia arquitetando planos. Levaria as filhas para conhecerem o profeta, e seguiriam suas pegadas. Josué já se considerava incapaz de viver sem ouvir Jesus novamente, ansiando por reencontrá-lo.

E assim, após muitos dias de viagem, de ânimo renovado, aproximou-se de Jerusalém.

O trajeto fora difícil. Sem recursos para prover à sua subsistência, dependia da generosidade dos habitantes de cada lugar por onde passava, para não morrer de fome. À noite dormia ao relento, em meio à Natureza ou em algum celeiro em que alguém, gentilmente, lhe permitisse se abrigar.

Ainda longe, avistou Jerusalém. As torres do Templo de Salomão, orgulho da sua raça, faiscavam sob o sol causticante. O coração bateu forte, antegozando o reencontro com as filhinhas.

Entrando por uma das portas da grande cidade, estugou o passo. Não desejava adiar ainda mais o momento tão esperado.

Apesar de extremamente cansado, atravessou a cidade tão rápido quanto suas precárias condições o permitiam, até o local onde se localizava a residência dos parentes, sob cuja tutela deixara as filhas.

Puxou a sineta do grande portão, mas ninguém atendeu a seu chamado. Tocou novamente. Mais outra vez. E outra.

Com certeza teriam saído. Talvez estivessem no Templo orando. Mas e os servos?

Dispôs-se a aguardar, certo de que não tardariam a voltar para casa. Sentou-se no chão. Suas pernas estavam trêmulas e cambaleantes.

Alguém passou e lhe jogou uma moeda, confundindo-o com um mendigo:

– Toma, bom homem. Que Jeová te proteja!

Sentindo o velho orgulho acordar dentro de si, Josué retrucou com dignidade:

– Não sou um pedinte, senhor.

O judeu voltou-se surpreso e, retornando sobre seus passos, indagou com

bonomia:

– E o que fazes, então, aí sentado no meio da rua?

Agradecido pela atenção que um estranho lhe dedicava, Josué animou-se a dizer:

– Aguardo o retorno de parentes meus, residentes nesta casa.

– Lamento, bom homem, mas há muitos meses esta propriedade está fechada. Mudaram-se.

– Sabes dizer-me para onde foram?

– Apesar de residir nas imediações, ignoro.

Mais abalado interiormente do que gostaria de admitir diante de um estranho, Josué conteve um gesto de contrariedade e agradeceu a gentileza do desconhecido, que seguiu adiante.

Ao se ver novamente a sós, Josué pôs-se a pensar. O que fazer? Teria que procurar um lugar para passar a noite. No dia seguinte continuaria sua busca.

Não desejava, contudo, afastar-se da casa. Tinha secreta esperança de que os parentes retornassem de uma hora para outra. Decidiu dormir ali mesmo.

O sol já sumira no horizonte e a noite descera sobre a cidade. No céu sem-nuvens, as estrelas brilhavam como a lhe dar alento. Acomodou-se numa reentrância do muro, escondido em meio à vegetação, e dormiu.

No dia seguinte, despertou com os raios do sol a bater em seu rosto. Com surpresa viu que, a seu lado, alguém deixara um prato contendo pão, carne e uma caneca de vinho.

Faminto, comeu com satisfação. Não teve dúvidas em creditar essa delicadeza a seu gentil ouvinte do dia anterior.

Assim, mais refeito, levantou-se e pôs-se a caminhar, indagando a todos os que encontrava se poderiam lhe informar o destino da família, que desaparecera.

Tudo em vão, porém. Ninguém sabia lhe dar notícias. Esforçando-se para não desanimar, resolveu permanecer em Jerusalém, para o caso de seus parentes voltarem.

Arranjou trabalho numa propriedade rural, nas imediações da cidade, e, conquanto o serviço fosse rude e pesado, nada lhe faltava. Arar a terra, jogar a semente e vê-la germinar lhe fizeram muito bem. E Josué Ben Hanan, que nunca trabalhara em sua despreocupada e luxuosa existência, sentiu o prazer de ser útil e o orgulho de produzir com o próprio esforço. A

espaços regulares, vinha até à cidade verificar se os parentes tinham retornado da viagem.

Um dia, ouviu dizer que o Profeta galileu estava na região. Sem pensar duas vezes, pediu licença ao patrão e abandonou as tarefas no campo, indo à procura dele.

Encontrou-o falando a um grupo de pessoas numa cidadezinha perto de Jerusalém.

Daí em diante, não fez outra coisa senão seguir aquele que considerava o Messias enviado por Deus.

Acompanhou a multidão com o coração cheio de entusiasmo, gritando e agitando palmas, quando Jesus entrou em Jerusalém montado em um burrico e sob o aplauso do povo:

– Hosanas! Glória ao Filho de Davi! Aleluia! Aleluia!

Sim, todos O amavam e não tardaria o tempo em que todo o seu povo reconheceria nele o Messias em pessoa, cuja vinda para libertar os hebreus da dominação estrangeira os profetas da raça haviam predito. Não tardaria, os sacerdotes do Templo de Salomão, e os próprios sumos sacerdotes, Anás e Caifás, o receberiam em toda a sua glória – cogitava ele.

Fora um dia alegre e festivo. A esperança e a confiança num futuro melhor embalavam os seguidores do Nazareno.

Quando Jesus esteve no Templo, ao ver os mercadores comerciando com as coisas divinas da religião, os cambistas trocando moedas e toda uma série de abusos, reprovou seus atos e falou-lhes do respeito que se devia às coisas sagradas de Deus.

Josué sentiu o coração se confranger. Nesse exato momento, olhou para cima e viu, numa das janelas que dava para o pátio onde ficavam os mercadores, Caifás, que observava a cena. Percebeu, pelos olhos do sumo sacerdote – que ele conhecia desde muito, pois lhe frequentara a residência e privara da sua intimidade –, que ele estava irritado e isso nada pressagiava de bom.

Além do mais, algo de estranho estava acontecendo. Percebia Josué um ambiente tenso entre o povo. Os soldados romanos, em maior número nas ruas do que de costume, como se esperassem algum levante ou coisa parecida. Com a proximidade da Páscoa, os peregrinos lotavam a cidade, vindos de todos os lugares para as festividades religiosas costumeiras, quando o povo hebreu comemorava a libertação do seu cativo no Egito.

Apesar de um tanto preocupado, Josué prometera retornar ao trabalho após o prazo concedido pelo patrão e não poderia faltar à palavra empenhada, visto ter importantes e inadiáveis serviços para fazer. Assim, voltou ao trabalho no campo. Nos dias subsequentes não pôde se afastar das tarefas, pois o proprietário precisara viajar e deixara a herdade sob seus cuidados.

Quando o patrão retornou da viagem, alguns dias depois, Josué pediu permissão para ausentar-se novamente, e partiu para Jerusalém.

Era o dia 14 de Nisan. Sorriu ao aproximar-se da grande cidade. Fazia exatamente uma semana que ali estivera acompanhando o Messias em sua entrada triunfal. Ainda ecoavam em seus ouvidos os gritos de júbilo e as aclamações do povo. Ansiava por encontrar seu Mestre, ouvi-lo.

Em Jerusalém, porém, pareceu-lhe tudo diferente, estranho. Percorreu a cidade deserta sem conseguir encontrar seu querido Rabi.

Certo momento, viu algumas pessoas que passavam apressadas, demonstrando grande aflição. Choravam muito. Intuitivamente, ele as seguiu.

Ao aproximar-se do monte da Caveira, também chamado Gólgota – local onde as autoridades romanas executavam os criminosos –, Josué Ben Hanan viu, com inaudito horror, três cruces tetricamente postadas uma ao lado da outra. E percebeu, no centro, seu querido Mestre Jesus, agonizante, pregado no alto do madeiro, com os pés e mãos sangrando, presos por cravos.

Naquele momento – o mais terrível de toda a sua vida –, Josué teve a sensação de que o mundo ruía. As têmporas latejaram e o sangue afluía ao coração, em ritmo descompassado.

Lágrimas ardentes banharam-lhe o rosto, e ele ali permaneceu lembrando os dias felizes em que acompanhara seu Rabi; ouvira suas pregações, partilhara da sua presença, alegrara-se com as curas que fizera. Ali permaneceu, sofredor e aflito, até que Jesus expirou.

Uma tempestade estranha se formara e nuvens plúmbeas escureceram todo o céu. E a chuva desabou, torrencial. Todos correram, assustados, procurando abrigo, mas Josué permaneceu no mesmo lugar, deixando que a água lhe encharcasse as vestes e as suas lágrimas se misturassem com os pingos da chuva.

Nos dias que se seguiram, Josué só chorava. Retornou para a propriedade, mas não encontrava forças para o trabalho. Preocupado, o

patrão quis saber o motivo da sua tristeza, e ele relatou-lhe o que acontecera naquele fatídico dia.

Josué ficava perambulando pelos campos a lamentar e a se culpar. Se ele não estivesse longe, se não tivesse abandonado o Messias, talvez pudesse ter usado sua antiga influência para falar com o sumo sacerdote ou com Pilatos, o Cão de Roma. Quem sabe tudo teria sido diferente, e Jesus ainda estivesse entre eles, vivo?

Alguns dias depois, recebeu a notícia alvissareira que corria de boca em boca em Jerusalém: Jesus ressuscitara de entre os mortos. Dizia-se que fora visto e que até mandara recado aos seus apóstolos.

Jesus estava vivo! Não morrera! Então, tudo aquilo que ele pregava era a mais pura expressão da verdade!

Um júbilo imenso tomou conta de Josué, que se pôs a dançar e a cantar com alegria incontida.

A partir de então, cheio de novo alento e de fé, Josué não se cansava de falar sobre o que ouvira dos lábios de Jesus e sobre os milagres que presenciara, para todos aqueles que quisessem ouvi-lo.

Ao cair da tarde, terminado o labor no campo, reunia os trabalhadores e relatava-lhes tudo o que sabia sobre o Mestre. E também o que ouvira de outros lábios, de pessoas que passavam por aquelas estradas e tinham outras experiências interessantes para contar.

Aos poucos, atraídos pelas reuniões singelas, trabalhadores de outras propriedades das imediações vinham ouvi-lo, e Josué, com imensa satisfação, discorria sobre o Evangelho de Jesus.

Falava também, humildemente, os olhos rasos de pranto, da sua vida passada, de como perdera a família e a felicidade, e de como a mensagem de Jesus o modificara, pois se tornara mais brando, mais responsável e procurava amar mais as criaturas, visto serem todos seus irmãos, filhos de Deus.

E as pessoas também se modificavam, cativadas pelo seu exemplo edificante. O ambiente na propriedade tornava-se mais fraterno e mais amigo, uns solidários com os outros, ajudando-se mutuamente.

Certa ocasião, um viandante, ouvindo-o relatar a sua história, tomou-se de compaixão por ele. Ao terminar a alocução, à luz das fogueiras, o desconhecido acercou-se dele e disse-lhe, comovido:

– Meu amigo, creio que Deus ouviu tuas preces. Acredito agora que não

vim a estes sítios por acaso. Ouvi tua história e acho que posso ajudar-te. Conheço a família a que te referiste e com quem deixaste tuas filhas. Sei onde estão. Ou, pelo menos, acredito saber.

Mal podendo acreditar nas palavras do desconhecido, Josué inquiriu, ansioso:

– Tens certeza? Então, por piedade, dize-me. Onde estão?

– Bem – disse o homem sorrindo –, não sei se ainda lá permanecem, visto não ter notícias deles há tempos.

– Ah! não importa. Fala assim mesmo. É a primeira informação que consigo obter. Para onde foram?

– Saíram de Jerusalém com destino à cidade de Roma.

– Roma?! ...

– Sim! O dono da casa, Simeão, tinha negócios na capital do Império, que estavam a exigir cuidados. Então, depois de muito pensar, resolveu transferir residência para lá.

Josué não sabia como agradecer ao viandante. Tomou-lhe a mão, depositando um ósculo de enternecida gratidão.

– Deus te abençoe, meu irmão! – disse, enquanto as lágrimas lhe desciam pelo rosto.

Na manhã seguinte, Josué arrumou seus magros pertences, despediu-se do patrão, que estimava muito e de quem se tornara amigo sincero, abraçou os companheiros de trabalho, de cada um deles recebendo uma lembrança, e, cheio de renovadas esperanças, partiu para a Cidade dos Césares.

Capítulo 5 (3ª parte). O Caminho da Salvação

“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa que não caiu porque fora edificada sobre a rocha.”

(Mateus, 7:24 e 25.)

A viagem, longa e difícil, arrastou-se por muitos meses. O navio que tomara, com destino ao porto de Óstia, levava muitas cargas, que ia deixando nos portos em que atracava.

Enfrentaram-se tempestades terríveis, ocasiões em que Josué acreditava que o navio fosse soçobrar, tal a fúria dos elementos. Mas, mesmo nessas circunstâncias, quando o barco balouçava como uma casca de noz no mar encapelado, Josué Ben Hanan reunia os passageiros e, enquanto a tripulação lutava para manter o navio a salvo, ele orava ao Criador, elevando o pensamento em súplicas para que não os deixasse perecer tão longe da terra natal. Contava-lhes passagens da vida de Jesus, seus ensinamentos e as doces parábolas que ouvira da boca do Mestre.

E os aterrorizados passageiros aos poucos se acalmavam, ouvindo-lhe a voz serena a discorrer sobre a Boa Nova e a incentivar, em cada um, a fé em Deus, Misericordioso e Bom, Pai de todas as criaturas.

Após dificuldades de vulto, aportaram em Óstia, para júbilo de todos, que haviam se tornado amigos e que passaram a respeitar e a admirar profundamente o companheiro de viagem que tanto os ajudara.

Entrando na grande metrópole, Josué sentiu uma profunda emoção. Amante do belo e da arte, não pôde deixar de curvar-se perante a beleza e a grandiosidade de Roma. Percorrendo as vias públicas, olhava com admiração as construções imensas, os templos faustosos, os banhos públicos, a agitação do mercado, as residências luxuosas e senhoris.

Contudo, um certo aperto no coração lhe afirmava que seria muito difícil, quiçá impossível, encontrar as filhinhas em meio à imensa população da metrópole.

Entretanto, confiante em Jesus, não desanimava, certo de que o Senhor não deixaria de ampará-lo nessa penosa conjuntura.

Resolveu dirigir-se aos bairros mais pobres e populosos para arranjar um alojamento. Após instalar-se num quarto que lhe ofereceram por preço módico, num bairro miserável, região que em nada lembrava a beleza da arquitetura e o luxo das vestimentas que vira na cidade, saiu para procurar serviço. Qualquer trabalho seria bem-vindo, desde que lhe permitisse prover à própria subsistência, pois não era mais aquele orgulhoso judeu, cuja única atividade era atender ao próprio prazer. Mudara de forma radical, não apenas física, mas moralmente.

Lembrava, agradecido, que devia essa viagem aos amigos que fizera na

herdade em que trabalhou. Na despedida, o patrão e os demais, cada qual dentro das suas possibilidades, iam lhe entregando, discretamente, aquilo de que podiam dispor, certos de que a viagem seria longa e ele precisaria de recursos para sobreviver. Alguns colocavam moedas em suas mãos; outros, uma vestimenta, uma túnica para aquecer-se do frio, ou mesmo gêneros alimentícios como pães, carnes salgadas, tâmaras. Mesmo agora, era graças a essa ajuda que pôde alugar um cômodo humilde; contudo, se não começasse logo a trabalhar, breve não teria como se manter.

Encontrou serviço junto aos comerciantes, no mercado. Transportar cestos de legumes e de frutas, limpar e varrer as lojas, carregar água para os lojistas, tratar dos animais e auxiliar as nobres damas, carregando suas compras e entregando-as nas residências, seriam suas obrigações dali por diante.

Só após ter tudo acertado, retornou ao pequeno alojamento para repousar o corpo cansado. No dia seguinte iniciou o trabalho logo cedo.

Com o passar do tempo fez amizades e, um mês depois, convidaram-no para ir ao Grande Circo. Aceitou, prazeroso. Sentia-se sozinho e algo diferente viria a calhar; mesmo porque tinha desejos de conhecer o Circo Máximo. Passara nas imediações muitas vezes, entregue às suas tarefas, mas nunca entrara.

No dia combinado dirigiram-se ao Grande Circo. Era uma ocasião festiva, mas Josué se deu conta de que não perguntara a Martus o programa a que iriam assistir.

O impacto de ver as instalações já praticamente lotadas foi grande. Nas arquibancadas, enorme multidão se aglomerava, inquieta e febricitante.

Acomodaram-se. Não demorou muito e o imperador chegou com seu séquito, tomando o lugar de honra que lhe estava reservado.

A um sinal quase imperceptível do soberano, deu-se início ao espetáculo. Gladiadores entraram na arena e Josué acompanhou com interesse as lutas, lembrando-se dos velhos tempos em Jerusalém, quando também ele participara de eventos semelhantes. Um tempo que lhe parecia muito distante e que agora não lhe dava nenhum prazer.

Assistir a seres humanos a lutarem até à morte numa arena, segundo suas novas convicções, era-lhe penoso. Infinita piedade por todos eles lhe inundou o coração.

Após essa primeira parte, o público pôs-se a gritar:

– Queremos os cristãos! Os cristãos na arena! Morte aos cristãos!

Sob mudo assombro, Josué perguntou a seu acompanhante:

– Martus, o que dizem?

– Isso que ouves. Pedem a morte dos cristãos!

Perplexo, Josué retrucou:

– Será crível? Por quê?! ...

– Porque os malditos seguidores do carpinteiro galileu são criminosos e merecem morrer! – respondeu-lhe o amigo.

– Mas... mas... por quê? O que fizeram eles? – gaguejou Josué, incrédulo.

– Porque o Imperador Calígula quer acabar com eles. São responsáveis por muitos males em nossa cidade, e a cada novo lote de cristãos aprisionados, comemora-se uma data festiva em que são mortos, para alegria do povo. Ah! mas ainda não sabes. Chegaste há pouco à capital do Império.

Procurando controlar-se, Josué nada mais disse, mantendo-se calado.

Com infinita dor no coração, viu uma porta se abrir e duas fileiras de criaturas avançarem lentamente para o centro da arena, sob os acúleos dos guardas e as chacotas da multidão que gritava enlouquecida.

Entre os condenados viu homens e mulheres no vigor da idade; jovens, velinhos andando com dificuldade, amparados pelos mais fortes. Caminhavam alguns tímidos, outros firmes, mas em seus olhos havia determinação e coragem.

Quando suas vozes se elevaram, entoando cânticos em louvor à paz e ao amor, fez-se um silêncio estarrecedor. Aquelas almas nobres e dignas pareciam comandar o espetáculo. Uma emoção inusitada começou a tomar conta do imenso público.

Percebendo o “perigo”, alguém gritou:

– As feras! Soltem as feras! Morte aos cristãos!

Como se fora um sinal previamente combinado, vencendo aquele momento mágico, a multidão despertou do seu torpor e pôs-se a fazer coro:

– Morte! Morte aos cristãos! Soltem as feras! Queremos as feras!

Lentamente, as grades existentes sob as arquibancadas foram-se abrindo, e leões e tigres esfaimados deram entrada na arena. A princípio, as feras caminhavam a esmo, indiferentes ao terror que se estabelecera entre os condenados, que, no centro da arena, abraçados, formavam um único grupo, coeso.

Os mais corajosos continuavam cantando em meio à gritaria da assistência e aos uivos dos animais selvagens.

As feras, que haviam permanecido sem alimentação por muitos dias, farejando a presença das vítimas, partiram para cima delas, provocando correria e pânico indescritíveis.

Apesar dos esforços, a luta era desigual e os prisioneiros eram apanhados e esfaqueados à vista do populacho ensandecido, enquanto a arena se tingia de sangue.

A multidão delirava. Indiferente ao sofrimento das criaturas humanas que lá estavam, torcia pelas feras, gargalhando de prazer satânico ao vê-las atacar alguém.

Em pouco tempo, o espetáculo terminava e os animais, saciados, acomodavam-se para descansar, enquanto os restos sangrentos dos despojos permaneciam entregues às moscas.

Deixando o local do espetáculo em meio ao povo satisfeito e sorridente, Josué despediu-se do amigo que o convidou para beber alguma coisa, estendendo a comemoração. Tentando controlar as emoções desordenadas em virtude do espetáculo deprimente que fora obrigado a presenciar, declinou do oferecimento:

– Agradeço-te o convite, amigo Martus. Contudo, estou algo indisposto e desejo repousar. Fica para outro dia.

Retornando a seu quarto, livre de olhares estranhos e dando vazão ao sofrimento que lhe ia na alma, Josué jogou-se de joelhos no chão a chorar convulsivamente, enquanto o pensamento se elevava ao Mestre dos Mestres, suplicando ajuda para seus seguidores, que tão covardemente eram assim destroçados.

Sentia-se culpado por não estar ali junto deles, morrendo por amor daquele doce Rabi Nazareno, a quem os condenados tão bem e fielmente, com tanta dignidade e nobreza, haviam provado a sua fé.

No dia seguinte, Josué Ben Hanan pôs-se a perguntar a Martus, discretamente, sobre a situação dos cristãos na metrópole. E, assim, soube que os adeptos do carpinteiro se reuniam secretamente.

Certo dia (ainda não tinha conseguido manter contato com nenhum irmão de ideal) viu alguém, nas imediações do mercado, desenhar com o dedo um peixe na areia.

Àquela época os cristãos se reconheciam por esse símbolo. Aproximou-

se e entabulou conversação com o desconhecido. Era um escravo de rico patrício, e Josué descobriu que não se equivocara. Tratava-se de um seguidor de Jesus.

Conversaram, e o escravo contou-lhe que sempre que podia vinha ao mercado para fazer novos conhecimentos. Assim, já tinha descoberto cinco novos irmãos de ideal, confidenciou com orgulho.

Sumamente satisfeito, Josué quis saber onde se reuniam, e o escravo disse-lhe que daí a três dias haveria um encontro. Combinaram avistar-se nesse mesmo local e seguirem juntos até à assembleia.

Foi sob intensa expectativa que Josué aguardou o dia aprazado.

Tarde da noite, quando o movimento da grande cidade diminuía e só se viam raros transeuntes nas vias públicas, Josué dirigiu-se ao encontro do novo conhecido, acompanhando-o até ao local da reunião.

Caminharam bastante, deixando a cidade para trás. Depois de um certo tempo, Josué notou outras pessoas que, como eles, se dirigiam caladas numa determinada direção.

Chegando ao local, o escravo se identificou e apresentou o novo amigo.

– Sê bem-vindo, Káliu. Pode entrar.

Penetrando no recinto, andaram por corredores estreitos talhados nas pedras até emergirem num local amplo, onde algumas dezenas de criaturas já se encontravam.

– Que local é este? – indagou Josué.

– Estamos nas catacumbas. É onde são enterrados os mortos, e ninguém nos descobrirá aqui. Dentre todos os lugares utilizados para as nossas reuniões, este tem se mostrado ser o refúgio mais seguro. Apesar disso, sempre mudamos de local para não correremos riscos desnecessários.

Josué notou que as pessoas portavam-se de maneira discreta, geralmente mantendo o rosto encoberto por mantos ou capuzes. Quase não falavam e, quando o faziam, era em voz baixa, como se temessem, mesmo ali, ser descobertas.

Pouco tempo depois chegou aquele que faria a pregação. Era um senhor de idade avançada, cabelos e barbas brancos e fisionomia serena.

Discorreu sobre Jesus, que ele conhecera pessoalmente nos felizes dias da sua passagem pela Terra, na Galileia distante. Falou dos ensinamentos do Mestre que pregava o amor a todas as criaturas, inclusive aos inimigos.

Alguém muito jovem, mal saído da adolescência, interrompeu o orador

perguntando, inflamado:

– Irmão Josias, devemos amar até os soldados romanos, que nos golpeiam e ferem?

– Sim, como não? – respondeu o interpelado. – Somos todos irmãos em Cristo Jesus, filhos de Deus, que é Pai amantíssimo. A ignorância e a maldade são transitórias no coração do homem e, um dia, todos serão bons e amarão a seu próximo como Jesus ensinou.

– Mas Irmão Josias – perguntou um homem de meia-idade –, e se vierem nos prender?

– Devemos perdoar e nos entregar em suas mãos, cheios de confiança. Deus sabe o que faz, meus filhos, e, se nos destinar ao martírio, devemos aceitá-lo com resignação e coragem. Além disso, que maior satisfação poderemos almejar do que entregar a vida por amor Dele?! ...

Com sorriso nos lábios e olhos faiscantes de fé, todos concordaram com movimentos de cabeça.

– Então, vamos orar e agradecer a Jesus a oportunidade de estarmos hoje, aqui, reunidos em seu nome, gozando destes momentos de convívio fraterno e amigo, tão raros na atualidade.

Com uma prece emocionada, o pregador encerrou a reunião, visto que ela não poderia alongar-se muito. Finalizando, alertou a assistência para que todos saíssem aos poucos e em grupos pequenos, de modo que não despertassem suspeitas.

Capítulo 5 (4ª parte). O Caminho da Salvação

“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.” (Mateus, 5:11.)

Intimamente confortado por estar novamente em meio a companheiros de ideal, Josué acompanhou o escravo Káliu, que desejava apresentar ao orador da noite. Simpatia mútua se estabeleceu de imediato. Ao saber que se encontravam defronte de um conterrâneo, Josias e Josué trocaram lembranças e informações. Josias estava na capital do Império há mais tempo e ouviu, com ansiedade e interesse, notícias recentes de sua terra, contadas por Josué.

Mais satisfeito ainda ficou Josias ao saber que o novo amigo também conhecera Jesus pessoalmente e que fora seu seguidor. A lembrança e a saudade do querido Mestre envolveu-os até às lágrimas. Káliu também estava surpreso com esses relatos e orgulhoso por ser amigo de alguém que considerava de extrema importância, porque convivera com o Mestre, enquanto ele não tivera a felicidade de conhecê-lo.

A partir de então, Josué tornou-se frequentador assíduo das reuniões. Auxiliava a comunidade com tudo que estivesse a seu alcance, tornando-se respeitado e admirado pelos irmãos de ideal, que o estimavam muito.

Pela grande experiência na nova doutrina e pelo fato de ter conhecido Jesus pessoalmente, era sempre convidado para falar nas assembleias. Levava sua palavra esclarecida e cheia de consolo, emocionando às pessoas com os relatos das passagens evangélicas, especialmente daquele inolvidável dia do Sermão da Montanha.

Muitos anos se passaram. A situação dos seguidores de Jesus oscilava ao sabor da política eventual. Durante esse tempo, atravessaram períodos de perseguição e morte, outros de calma, em que chegavam a se sentir até um tanto tranquilos e seguros. De outras vezes, conforme o governante, reiniciavam-se as perseguições e as prisões arbitrárias, causando pânico em meio ao povo e obrigando os cristãos – que se reuniam nas catacumbas – a extremos cuidados para se evitarem maiores problemas.

Certa feita, fora marcada uma reunião. Estava de passagem por Roma um antigo pregador das verdades eternas e todos ansiavam por ouvi-lo.

O momento era difícil. Os soldados não davam tréguas e ninguém se sentia seguro, porque existia uma rede de espiões do imperador tentando descobrir novos redutos cristãos.

Enfrentando os perigos, os seguidores do Nazareno, cheios de coragem e de esperança, dirigiram-se para o local combinado.

O salão estava repleto. Aguardava-se apenas a chegada do convidado da

noite para se iniciar a reunião.

Não demorou muito e ele se fez presente. Tratava-se de um homem idoso, alto, cabelos e barbas brancos e encaracolados, e serenos olhos verdes. Falava pausadamente, lembrando passagens da vida do Mestre e sensibilizando a todos pelas imagens evocadas.

Discorria ele há cerca de um quarto de hora, quando se ouviu um inesperado barulho vindo da entrada. Ruído de vozes e tinir de metais anunciavam a presença de estranhos no recinto.

Imenso terror se espalhou em meio à multidão. Os mais afoitos tentaram fugir, mas foram impedidos pelos soldados que dominavam a passagem estreita.

O centurião olhava satisfeito o povo que se aglomerava no local, dizendo, galhofeiro e cruel:

– Não te afirmei, Sinfrônio, que, com paciência, os pegaríamos? Agora, vamos matá-los como a ratos.

Após essas palavras, soltou uma sonora gargalhada, sendo acompanhado por seus sequazes.

Um frêmito de pânico agitou a multidão. O orador visitante ergueu os braços e, com um gesto, impôs silêncio à assembleia, afirmando tranquilo:

– Irmãos, é chegada a hora do testemunho. O momento de demonstrarmos a nossa fé em Cristo Jesus. Sejam dignos dele, um justo, crucificado sem culpa alguma.

Como se por um passe de mágica, ao ouvirem estas admoestações, todos se calaram.

O ancião virou-se para o centurião que o ouvia perplexo, caminhou a seu encontro e apresentou-se:

– Centurião, estamos prontos. Cumpre teu dever.

Foram todos levados para a prisão, onde ficariam aguardando o julgamento.

Muitos abdicaram da fé, renunciando a seus ideais e renegando Jesus. Após jurarem fidelidade aos deuses do Olimpo, foram soltos. Outros, por terem amigos ou familiares influentes, também ganharam a liberdade.

Contudo, seis dezenas de criaturas, aproximadamente, permaneceram fiéis ao Cristo e continuaram na prisão. Alguns dias depois, foram transferidas para um cárcere nos subterrâneos do Grande Circo, onde deveriam permanecer até que se lhes deliberasse o destino.

Naquele local triste e sujo, os prisioneiros formavam realmente uma só família, unidos mais ainda pela sorte comum.

Josué andava de um grupo para outro procurando mantê-los serenos e exortando a fé nos corações.

Notando duas jovens que permaneciam abraçadas uma à outra, afastadas dos demais num canto do cárcere, aproximou-se. Sentando-se junto delas, pôs-se a conversar para animá-las.

Trêmulas, pareciam apavoradas. O capuz do manto puxado sobre o rosto impedia que se lhes visse o semblante, como era costume entre as mulheres recatadas naquela época, especialmente as cristãs. Contudo, observando-as mais atentamente, Josué notou algo de familiar.

Eram duas jovens de 16 e 18 anos, cuja beleza, estranhamente, fez com que Josué se recordasse da doce Raquel, a esposa falecida há tantos anos.

Perguntou seus nomes e, ao ouvir a resposta, levou um choque.

– Ela chama-se Sara – respondeu a mais velha. – Eu sou Sula.

Com um nó na garganta, Josué não conseguia falar, tal a emoção que o acometeu. As lágrimas deslizaram e ele só sabia fitá-las, embevecido.

– Minhas filhas! – balbuciou, finalmente.

As moças trocaram um olhar cheio de espanto, incapazes de acreditar. As lembranças do pai quase que se haviam apagado de suas mentes, tanto tempo havia transcorrido desde que se separaram. As imagens que tinham guardadas na memória eram bem diferentes dessa que agora viam. Lembravam-se de um pai jovem, cheio de vida, alegre e muito bem-vestido. Não um homem velho, de barbas e cabelos grisalhos, pobre e mal trajado. Sobretudo, um cristão.

– Papai! – gritaram ao mesmo tempo.

– Já havíamos perdido as esperanças de rever-te algum dia! – exclamou Sula, a mais velha.

Abraçaram-se demoradamente, cheios de júbilo. Afinal, Josué murmurou:

– Apesar da hora difícil por que passamos, este é o momento mais feliz de toda a minha vida. Tinha convicção absoluta de que o Senhor não deixaria de atender às minhas orações, permitindo-me rever e abraçar as filhinhas ainda uma vez antes de partir para o Seu Reino.

Falou-lhes das buscas empreendidas. Da dor, do arrependimento e das frustrações. De Jesus, que ele conhecera num momento difícil e que

modificara radicalmente sua vida. Da viagem para Roma, em busca de notícias delas, que, infelizmente, durante anos não conseguira obter.

Por sua vez, elas lhe relataram suas vidas desde que tinham sido entregues à tutela dos parentes, a mudança para a capital do Império, onde a tia Rebeca morrera e o tio Simeão encontrava-se inválido num leito. Que, a partir da enfermidade do varão, aos poucos perderam quase todos os bens, restando-lhes o indispensável para a sobrevivência; que elas eram as responsáveis por tudo em casa e temiam que agora, aprisionadas, o pobre enfermo viesse a falecer por falta de cuidados, uma vez que ficara sozinho. E Sula concluiu:

– Vê como é o destino, papai! Apesar de nos sentirmos atraídas pelos ensinamentos de Jesus, ainda não tínhamos tido a coragem de participar de uma reunião, embora os reiterados convites de uma vizinha. Naquela noite fatídica, era a primeira vez que íamos às catacumbas ouvir uma pregação.

Ao que Sara ajuntou, enxugando uma lágrima discreta:

– Todavia, não nos arrependemos. Apesar de estarmos prisioneiras e sentenciadas à morte, nada se compara ao júbilo de termos te reencontrado, papai. Só lamento por tio Simeão, que agora ficará sozinho no mundo.

Abraçando as filhinhas, Josué considerou:

– Deus é Pai e proverá, minhas filhas; não vos aflijais. O Mestre ensinou que não devemos nos preocupar com o dia de amanhã. “A cada dia basta o seu mal”, disse ele. Tenhamos confiança. Simeão não ficará desamparado.

Conversaram longamente tentando recuperar o tempo perdido e aproveitando os momentos que ainda teriam para ficar juntos, os quais, tinham consciência, seriam breves.

Josué Ben Hanan contou a todos a graça que o Mestre lhe concedera, e os companheiros se rejubilaram com ele, louvando a Jesus.

Dentro de alguns dias, haveria uma grande festa comemorativa para todo o povo romano, afirmavam os carcereiros.

Apesar das condições do cárcere, do desconforto e do destino incerto que os aguardava, Josué e as filhinhas se sentiam felizes porque, finalmente, constituíam novamente uma família.

Havia momentos em que todos oravam juntos, haurindo muita fortaleza moral e espiritual. Ouviam relatos da vida do Mestre e comentários sobre trechos dos seus ensinamentos. Cantavam hinos para desespero dos seus guardiães, que não entendiam como os prisioneiros podiam agir assim,

sabendo que estavam condenados à morte.

No dia aprazado, aguardavam com serenidade e firmeza de ânimo. Quando os soldados romanos vieram buscá-los, conduzindo-os aos magotes para o sacrifício, Josué e as filhinhas procuraram ficar juntos, para desfrutarem até o final da mútua companhia.

Quando deram entrada na arena, a princípio o sol os cegou, pois o cárcere era escuro e mal iluminado. Com a vista acostumando-se à claridade, puderam perceber a multidão que lotava as arquibancadas, gritando desvairada:

– Morte aos cristãos! Morte aos cristãos!

Pálidos, mas serenos, caminharam abraçados até ao centro da arena, cantando.

As jovens não contiveram um soluço ao ver os despojos daqueles que os haviam antecedido, e que, sangrentos, enxovalhavam a areia quente.

Logo outras feras vieram, no lugar das que estavam saciadas, e atacaram os condenados. Josué, vendo um tigre que se aproximava, empurrou as filhinhas para um lado, tentando atrair para si a atenção do animal esfaimado. Ao receber a primeira patada, sentiu-se atordoado, enquanto o sangue jorrava de sua cabeça. Procurou as filhas com os olhos embaciados – para contemplá-las, ainda uma vez, e guardar na retina suas imagens adoradas –, quando notou que um grande leão saltava sobre elas.

Nada mais percebeu. Tudo se apagou. Quando abriu novamente os olhos, já não viu mais a multidão enlouquecida que gritava sem cessar, nem as feras selvagens. Uma claridade azulada envolvia tudo e ele sentiu-se num outro mundo, tranquilo e cheio de paz.

Um coro de vozes cristalinas vinha de algum lugar ignorado, entoando celeste melodia. Logo, deparou com outras pessoas e dentre elas as filhinhas, Sula e Sara, exultantes.

Correu para abraçá-las, reconhecendo-se no Reino da Paz. Nesse momento, percebeu um vulto radiante que se aproximava, envolto em diáfanas vestes, compostas de pontos luminosos. Não teve dificuldade em reconhecer sua querida companheira Raquel, mãe de suas filhas, que vinha recebê-los.

Com gesto carinhoso, a bela entidade envolveu em grande amplexo os entes queridos recém-libertos da carne, afirmando, sensibilizada:

– Meu querido Josué, venceste as provas da existência, modificando os

próprios passos ao influxo da amável influência do Mestre, reparando os próprios erros e saldando débitos transatos, assim como as filhinas do coração. Graças à firmeza, à coragem e à fé demonstradas, agora te candidatas a uma vida mais feliz na espiritualidade.

Cheio de júbilo, Josué deixa que as lágrimas desçam pelo rosto, não contendo a emoção daquela hora.

– Sou infinitamente grato a Jesus por este reencontro, em que posso te pedir perdão por todo o mal que te causei.

– Não, meu querido, nada tenho a te perdoar. Quando praticamos o mal, é a nós mesmos que lesamos. O uso indevido do livre-arbítrio gera consequências, e, por nossas atitudes, somos responsabilizados – respondeu a generosa entidade. – Mas, com tua vida de desprendimento e de amor, saldaste os débitos contraídos para com a Justiça Divina na pessoa do teu próximo. Agora, trabalharemos juntos em favor de um mundo melhor. Esta é apenas uma etapa. Outras virão, quando teremos oportunidade de ajudar àqueles que magoamos no passado.

E assim, felizes, enlaçados ternamente, partiram para as estâncias de harmonia e paz que povoam o infinito, seguidos pelos outros companheiros, que também se haviam libertado da vestimenta corpórea e que eram igualmente recebidos pelos familiares e amigos desencarnados, com grande alegria.

Das alturas, Jesus envolve com profundo amor a todos os que retornam ao mundo espiritual, fiéis a seu Evangelho, após terem vencido as duras provas da existência, como trabalhadores da seara divina, dignos do salário celeste.

Capítulo 6 (1ª parte). Lei de Ação e Reação

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”

(Mateus, 5:7.)



O dia amanhecera tranquilo. Não obstante, algumas nuvens começavam a se acumular no horizonte, prenunciando aguaceiro para o final da tarde. Da janela da sua vivenda, olhava a paisagem que se descortinava a perder de vista. Do lado direito, um pouco distante, as “isbas”¹³ dos mujiques que trabalhavam em suas terras. Do lado esquerdo, os contrafortes das montanhas nevadas, contrastando com o céu muito azul. Ao centro, as plantações que se estendiam até onde o olhar abarcava.¹²

Suspirou de satisfação observando os mujiques a cultivarem as “deciatines” da sua propriedade.

A colheita prenunciava-se farta nesse ano, e os grãos de aveia, cevada e trigo, de boa qualidade, deveriam alcançar razoável preço no mercado, aumentando ainda mais seus haveres.

O homem que assim meditava era um típico exemplar da aristocracia russa. De estatura elevada, porte elegante, trajava-se à moda caucasiana, com calças de flanela largas, que as botas prendiam, franzindo; usava um

“beckmet”, espécie de túnica fechada até o pescoço, que descia até os joelhos, abotoada de lado. Contornando-lhe a cintura, uma faixa franjada. Quando necessário, em virtude do frio ou do vento cortante, um gorro de peles completava a indumentária.

Boris Tchernigov descendia de família tradicional, muito respeitada na Rússia, de grande poder político e imensa fortuna. Em vista disso, o rapaz crescera orgulhoso e altivo, considerando-se superior às outras pessoas e conservando, no trato com os mais humildes – especialmente os servos que trabalhavam para ele –, uma atitude de inalterável indiferença e desprezo.

Perdido em cogitações, não viu um homem que se aproximara e que humildemente esperava lhe fosse dirigida a palavra, como era de hábito entre pessoas de categoria inferior no trato com os superiores.

O recém-chegado pigarreou discretamente e Boris Tchernigov só então notou sua presença.

– Ah! estás aí, Pietr? O que queres? Dize logo porque estou ocupado.

Revirando o chapéu entre os dedos trêmulos, o servo desculpou-se de vir incomodar o “barine”¹⁴.¹³

– Desculpa-me, “barine”, procurar-te a estas horas, contudo tinha urgência em falar-te. Como sabes, tenho um filho pequeno, que está enfermo. Gostaria de levá-lo ao médico, na povoação mais próxima, mas para isso preciso de recursos.

– O que desejas, afinal? Dize logo! – interrompeu-o rispidamente o patrão, com impaciência, sem ter-se dado ao trabalho de ouvir direito o que o camponês dizia.

– Se o “barine” pudesse arranjar-me alguns rublos¹⁵, poderia dar o tratamento que meu pequeno Nikita precisa. Seria apenas um empréstimo, senhor. Pagar-te-ei com meu trabalho. Ou então, se preferires, tenho algumas aves, uma cabra e um porquinho, que venderei para reembolsar-te.

Levantando-se colérico e batendo com o rebenque nas botas, Boris retrucou:

– Pensas que tenho dinheiro para perder contigo, miserável mujique? Não te darei um rublo sequer. E o que fazes aqui, quando deverias estar trabalhando na colheita, vagabundo?

– Mas, “barine”...

– Fora! Fora daqui! Volta às tuas obrigações se não quiseres ser castigado como mereces. E agradece à minha generosidade por não te mandar embora

das minhas terras, a ti e a tua família.

Pietr teve vontade de pular no pescoço daquele homem e matá-lo. Todavia, um resto de lucidez fez com que se controlasse a tempo. Assim, com os olhos úmidos, os dentes cerrados de ódio contido, sem levantar a cabeça para que o “barine” não visse sua revolta, o infeliz mujique afastou-se, amarfanhando o chapéu entre os dedos e murmurando uma desculpa.

A caminho de sua isba, o pobre servo não continha a cólera. Para Boris Tchernigov alguns rublos não significavam nada, mas para ele, Pietr, representavam a salvação do filhinho. Bastaria um pouco de boa vontade do patrão para que seus problemas fossem resolvidos. Contudo, ele fora indiferente a seus apelos.

Entrou em casa amargurado. Viu pela fisionomia angustiada da esposa que o estado de saúde do garoto havia piorado.

Tentando tranquilizá-la, afirmou:

– Não te preocupes, “mãezinha”, hei de conseguir o necessário para que nosso pequeno Nikita tenha o atendimento de que precisa. O dono da loja, na vila, é meu amigo e não deixará de nos ajudar. Mais tarde, quando terminar o serviço, irei procurá-lo.

Voltou para o campo e trabalhou até o final da tarde.

Ao retornar para casa, pesadas nuvens ameaçavam uma tempestade. Mal colocou os pés dentro da isba e o aguaceiro despencou, torrencial, impossibilitando-o de sair para buscar socorro, e muito menos de levar o garoto ao vilarejo.

Dirigiu-se ao quarto, ansioso para ver o pequeno.

No leito, um menino de sete anos, febril, delirava. A mãe, ralada de angústia, aplicava compressas frias sobre a fronte da criança, na tentativa de abaixar a febre que a consumia.

Contudo, o pequeno não apresentava qualquer reação favorável. A mãe lembrou-se de uma receita, que lhe fora dada por uma velha curandeira que vivera nas redondezas, feita com algumas ervas que medravam nas imediações. Procurou as ervas, fez a infusão e deu ao menino, com resultado benéfico. Nikita acusou ligeira melhora, enchendo os pais de renovadas esperanças.

Segurando a mãozinha do filho, escaldante de febre, entre as suas, Pietr fitou um ícone de Nossa Senhora de Kazan, num nicho na parede, e suplicou mentalmente:

– Senhora, não deixes que meu filho se vá ou não sei o que poderia fazer. Aquele homem infame sofrerá as consequências da sua dureza de coração. Não lhe perderei jamais se meu pequeno Nikita vier a morrer por culpa dele. Boris Tchernigov não terá mais paz. Eu o juro!

Nesse momento, parecendo ter recobrado por instantes a consciência, o pequeno Nikita abriu os olhos.

– Meu filho! – exclamou Pietr. – A Senhora de Kazan ouviu minhas preces.

O menino, fitando o pai, falou com voz sumida:

– Paizinho, lembra-te das vezes em que me ensinaste que devemos ser bons e não guardar mágoa no coração?

– Sim, meu filho, lembro-me.

– Como foi mesmo que Jesus ensinou que deveríamos perdoar?

– Jesus disse que deveríamos perdoar “não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes”. – Disse o pai, num soluço.

– És muito sábio, papai. Quem foi que te ensinou essas coisas?

– Foi um pope16, meu filho, que passou certa vez pela região e esteve hospedado alguns dias em nossa casa.14

Com um sorriso, o pequeno concluiu:

– Então, paizinho, tira essas ideias ruins da tua cabeça. Não culpes ninguém pela minha morte. Vi uma mulher muito bonita, que julgo ser Nossa Senhora de Kazan, que me pediu te transmitisse este recado.

Contendo os soluços, Pietr abaixou a fronte, esmagado pelas palavras do filho agonizante. Sentiu que a pequena mão lhe fugia de entre os dedos e, levantando a cabeça, percebeu que Nikita exalara o último suspiro. Seu filho morrera.

O desespero que o dominou foi terrível. Os gritos da mãe, que entrara naquele instante no aposento, ecoaram por toda a aldeia.

A partir daquele momento, esquecido das últimas palavras do filho, uma onda surda de ódio tomou conta do seu coração.

Os outros servos vieram lhe prestar solidariedade, e na aldeia pobre todos choraram a morte de Nikita, que era criança boa e querida por toda gente.

A “barínia” veio consolá-los. Apesar de esposa de Boris Tchernigov, a senhora era boa e amável. Disse-lhes palavras de consolação, que o mujique, com expressão endurecida, ouviu sem responder.

A mãe de Nikita agradeceu, em lágrimas, a bondade da senhora que tinha

saído do conforto de sua mansão para consolá-los em momento tão doloroso.

Boris Tchernigov não apareceu.

Nos dias que se seguiram, Pietr não conseguiu fazer nada. Entregue à sua dor, não conseguia chorar nem extravasar o que lhe ia no íntimo, ruminando ideias de vingança. No quarto dia, decidido, deixou o leito, vestiu-se e foi para o campo, como se nada tivesse acontecido.

Na verdade, havia tomado uma resolução. Vingá-lo-ia daquele homem duro e cruel que não respeitara seu sofrimento de pai.

Boris Tchernigov tinha um filho de cinco anos que era a luz dos seus olhos. Para que o “barine” sentisse o que ele, Pietr, estava sentindo, resolveu que se vingaria do pai, matando-lhe o filho, o pequeno Igor.

E Pietr se pôs a estudar um plano que lhe permitisse concretizar seu objetivo. Observava, a distância, sempre que possível, os hábitos da casa. Descobriu que o garoto costumava brincar no jardim, em meio às grandes árvores, durante um período do dia, após o almoço; percebeu também que, muitas vezes, brincava sozinho, sem a companhia da serva que exercia as funções de babá, visto que ela se distraía conversando com um dos empregados, com quem estava de namorico.

Tudo planejado com detalhes, certo dia Pietr aproximou-se, resolvido a colocar em execução seu plano, após certificar-se de que o menino Igor estava só. Acercou-se com um sorriso e começou a conversar. O garotinho respondia, fitando-o com os grandes e expressivos olhos, o que fez com que Pietr sentisse o coração apertado, lembrando-se do seu pequeno Nikita.

– Queres passear comigo? – perguntou.

– Não posso. Papai não gosta que me afaste muito.

– Não te preocupes. Ninguém notará tua ausência! Já viste os lindos peixes que vivem no rio que passa aqui perto?

O pequeno balançou a cabeça negativamente, já interessado.

– Queres vê-los?

– Quero! Quero! Leva-me até o rio. Gosto muito de peixes.

Igor estendeu a mãozinha, confiante, e puseram-se a caminhar.

Para o garoto tudo era novidade e alegria. Apontava as borboletas coloridas que pousavam nas flores, os pássaros que voavam no céu ou que cantavam nos galhos das tílias, dos plátanos e dos salgueiros.

Pietr, sentindo o calor da mãozinha na sua, ouvindo a voz que tagarelava

sem parar e o riso cristalino da criança, lembrava-se do seu Nikita, e titubeava.

Ao mesmo tempo, vinha-lhe à lembrança a figura do pai, duro e prepotente, e o ressentimento retornava. Não, não podia voltar atrás. Boris Tchernigov, aquele homem insensível e cruel, que desprezara suas súplicas, que não se apiedara do seu amor de pai, teria que sofrer como ele e sua esposa tinham sofrido a perda de um ente querido.

Chegando às margens do rio, a criança se pôs a bater palmas e a pular de satisfação, dando gritinhos:

– Olha o rio! Como é lindo! Viva! Onde estão os peixes, “paizinho”?

Pietr fechou o coração, não permitindo que bons pensamentos o desviassem de seu objetivo, e apontou para o rio:

– Observa! Ali estão eles!

O menino, ansioso e sorridente, virou-se para olhar na direção que lhe fora apontada, fitando as águas revoltas.

Pietr aproveitou a ocasião e aproximou-se mais, estendendo os braços. Já se dispunha a empurrar o menino para dentro do rio, quando – por surpresa! – viu uma fumaça esbranquiçada que se elevava do meio das águas. Aos poucos, notou que essa neblina se condensava, enquanto um vulto lentamente se formava, acima da correnteza. Sob terrível espanto, reconheceu naquele vulto seu querido Nikita. A imagem era muito nítida para que pudesse se equivocar.

Fitando-o tristemente, o filhinho desaparecido suplicou:

– Papai, não cometas um crime. Essa criança não te fez mal algum. Confia na Justiça de Deus... confia... confia...

Após essas palavras, o vulto se foi diluindo lentamente até desaparecer nas águas.

Como que despertando de um sonho, alertado pelo espírito do filho, Pietr percebeu a gravidade do ato que ia praticar e arrependeu-se.

Já estava com as mãos nas costas do garoto para empurrá-lo, e Igor chegou até a perder o equilíbrio. Todavia, apavorado ante a responsabilidade que assumia naquele instante, Pietr segurou-o, impedindo que caísse no rio.

Devolveu o garoto são e salvo para alegria dos pais, que, tendo dado pelo desaparecimento do filho, o procuravam, desesperados.

O pequeno contou que quisera ver os peixinhos e que o “paizinho” Pietr

o levara. Contou até, com seu jeitinho infantil, que ele quase caíra no rio, e que o mujique o salvara, segurando-o a tempo.

Envergonhado, Pietr ainda teve que ouvir os agradecimentos de Boris Tchernigov e de sua esposa, que não sabiam como recompensá-lo por ter salvo seu querido e único filho, a razão de suas vidas.

A partir desse dia, Pietr resignou-se ao que não poderia evitar, isto é, a perda do filho. No entanto, dentro do seu coração nascera uma nova esperança, pois tinha a convicção de que seu querido Nikita estava vivo. Aquela imagem do pequeno morto, mais vivo do que nunca, flutuando sobre as águas do rio, ficaria para sempre em sua memória.

Sua situação melhorou, consideravelmente, dali por diante. Boris passou a externar sua gratidão ao mujique dando-lhe condições de vida mais compatíveis com a dignidade humana.

Nikita lhe dissera para confiar na Justiça de Deus, e Pietr entregou ao Criador a decisão de punir o culpado pela morte do seu filhinho.

12

13 - Isba – Pequena casa de madeira, bastante comum na Rússia, para moradia dos camponeses.

13

14 - “Barine”, senhor. “Barínia”, senhora.

15 - Rublo – Moeda russa muito antiga, ainda em vigor.

14

16 - “Pope” – Sacerdote ortodoxo, hierarquicamente de posição inferior.

Capítulo 6 (2ª parte). Lei de Ação e Reação

“Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores.”

(Mateus, 6:12.)

O tempo passou...

Corria o ano de 1968. Numa favela da bela cidade do Rio de Janeiro, residia uma família que passava por extremas necessidades.

O operário Bóris, descendente de nobres russos que fugiram da terra natal para o Brasil, por ocasião da Revolução Bolchevista, em 1917, trabalhava numa grande empresa como empacotador de alimentos. Seu salário era reduzido, pois não tivera oportunidade de estudar e não possuía qualquer tipo de especialização profissional que lhe garantisse melhor remuneração. Assim, tinha que se contentar com o serviço que aparecia, agradecendo a Deus a oportunidade, pois o desemprego era grande.

Também a sua descendência russa, numa época em que o Brasil passava por sérios problemas políticos após a Revolução de 1964, não tornava as coisas mais fáceis para Bóris. Contudo, o fato de a família ter vindo aportar no Rio de Janeiro, fugindo do comunismo russo contou a seu favor. Apesar disso, por duas vezes já tivera problemas com a polícia e fora intimado a prestar esclarecimentos. Por esse motivo, procurava adotar sempre uma conduta irrepreensível, não se metendo em confusões, se quisesse continuar em liberdade. Além do mais, nunca gostara de política, mantendo-se sempre afastado das discussões em torno do assunto e procurando viver apenas para a família.

O patrão, homem com trânsito livre entre os militares, político ambicioso e indiferente aos problemas dos operários, estava consciente da lei da oferta e da procura que vigorava nas relações trabalhistas. Como detivesse em suas mãos todo o poder, obrigava-os a uma vida de quase miserabilidade.

No humilde barraco de Bóris faltava muitas vezes o essencial, e, com o coração angustiado, ele ouvia os filhinhos pedirem um pedaço de pão, sem ter como atendê-los.

Nessas horas, o ódio dominava seu íntimo, envolvendo a todos no seu rancor, como se a sociedade fosse culpada dos seus infortúnios. No fundo, era orgulhoso da sua descendência nobre e detestava a posição de subalternidade que a vida lhe reservara.

Certo dia Bóris chegou em casa após um cansativo dia de serviço e encontrou o filho caçula com febre. A esposa, preocupada, pediu-lhe que tomasse providências para que o menino fosse encaminhado a um médico.

Mas, o que fazer? Ele não era empregado com “carteira assinada” e a assistência médica era difícil numa cidade grande como o Rio de Janeiro.

A criança piorava a cada minuto e Bóris resolveu-se por uma atitude extrema. Tomando o pequeno nos braços, desceu o morro a passos céleres, encaminhando-se para o bairro de luxo na zona sul, onde residia o patrão.

Ao chegar defronte da residência senhoril, percebeu que havia festa. Todas as luzes estavam acesas e, do interior, vinha o ruído alegre de vozes e de música.

Aproximou-se do portão e solicitou ao porteiro que chamasse o dono da casa, asseverando a urgência do pedido e afirmando-lhe ser operário da fábrica.

Pela expressão desesperada do recém-chegado, o porteiro aquiesceu, e, após alguns minutos, o proprietário veio até o portão. Muito bem vestido, cabelo engomado, cigarro entre os dedos e cheirando a bebida alcoólica, denotava impaciência.

– O que desejas, Bóris, de tão urgente para vires incomodar-me em casa, quando estou recebendo visitas?

Humildemente, o operário explicou:

– Desculpa-me, senhor, mas meu filhinho está doente, arde em febre e careço de recursos para levá-lo a um médico.

Indignado, o patrão retrucou, demonstrando extrema indiferença para com a situação do subordinado:

– Com que então, é por isso que me procuras a estas horas da noite? Como falaste ao porteiro em urgência, não tive dúvidas em vir atender-te pensando que se tratasse de algum problema com a empresa!

– Não, senhor, quanto a isso fica tranquilo. Tudo vai bem na fábrica. Sou eu, senhor, que preciso de ajuda. Meu pequeno, que aqui vês, está muito mal, arde em febre, e preciso levá-lo urgentemente a um médico, mas não tenho recursos para pagar a consulta. Se me adiantares o dinheiro, poderás descontar do meu salário no final do mês. Ajuda-me, por piedade! Não tenho a quem recorrer! – insistiu ainda o empregado, tentando sensibilizar o patrão.

Entre uma baforada e outra, displicente, desculpou-se o dono da casa:

– Infelizmente, não posso. Não possuo no momento a quantia de que necessitas. Sabes como é, as coisas estão difíceis e a fábrica não vai bem. Ainda na semana passada fui obrigado a dispensar duas dezenas de empregados, contra a minha vontade. E, olha, deves agradecer-me por não estares nessa lista! Lamento, mas não posso ajudar-te.

Fez uma pausa e, aspirando com volúpia a fumaça que se evolava do cigarro, considerou, à guisa de consolo:

– Além disso, febre em criança é coisa normal que não inspira maiores cuidados! Volta para casa, Bóris, e verás que ele logo estará bom. Isso é coisa passageira. Aliás, já deverias estar acostumado com essas coisas! Afinal, tens outros filhos!

O portão fechou-se com ruído metálico e Bóris, antes de se afastar, ainda ouviu quando o patrão recriminou duramente o porteiro por tê-lo incomodado sem motivo, finalizando com um “E que isso não se repita”!

Lágrimas de humilhação e de dor brotaram dos olhos de Bóris, a par de uma cólera surda contra aquele homem indiferente e cruel, diante de quem não se pejara de rastejar por amor do filhinho. Apesar de suas súplicas, o patrão não respeitou seus sentimentos de pai; não se condeou da sua situação, pois a ele nada faltava, tinha tudo e nunca soube o que era ouvir um filho pedir um pedaço de pão, sem poder atender. Não, o rico industrial não sabia o que era necessidade.

Caminhando pela avenida à beira-mar, com o menino nos braços, o operário sentia-se exausto. Humilhado e ferido em seus sentimentos mais caros, mente em desalinho, Bóris ruminava sua revolta:

– Que fiz eu para merecer isto? Se Deus existe, por que permite que estas coisas aconteçam? Por que uns têm tanto e outros carecem do necessário para viver?

A necessidade do filho, porém, fez com que do fundo do coração brotasse uma prece sincera:

– Ó Senhor! Ajuda-me. Sei que nada mereço, mas meu filhinho precisa de socorro. É pela vida dele que eu Te suplico! Ele, que é um anjo caído dos céus e que nada fez de mal, que é a luz da minha vida. Ajuda-me!

Andando a esmo, o pobre pai deixou a elegante zona sul. Sem saber o que fazer, qual rumo tomar, Bóris entrou por uma pequena rua de subúrbio, já próximo do morro onde morava.

Notou uma casa com luz acesa e portas abertas. Àquela hora da noite, a luminosidade que vinha do interior varando as trevas parecia-lhe um convite.

Uma placa singela, afixada um pouco acima da porta de entrada, indicava a finalidade. Era um Centro Espírita. Suspirou. Apesar de não se envolver com religião, sempre ouvira dizer que os espíritas tinham fama de ajudar os

pobres. Como nada tivesse a perder, resolveu entrar.

Nunca tinha entrado num Centro Espírita. (Nem sabia como era.) Com surpresa, viu-se num salão pequeno e simples, sem imagens ou atavios; algumas dezenas de cadeiras enfileiradas simetricamente e, ao fundo, uma mesa coberta com toalha branca; sobre ela, um vaso de flores e alguns livros surrados; na parede, um quadro negro onde se lia a frase: “Fora da caridade não há salvação”.

Esta frase deu-lhe ânimo e esperança para prosseguir. Deu mais alguns passos.

Ainda havia algumas pessoas. A reunião terminara e Bóris notou que se preparavam para fechar as portas.

Ao vê-lo chegar com a criança nos braços, um simpático senhor caminhou ao seu encontro.

– Boa noite! Em que te podemos ser útil, meu irmão?

Confortado pela gentil acolhida, Bóris sufocou um soluço no peito oprimido. Olhos úmidos e suplicantes, sem conseguir falar, mostrou a criança adormecida em seus braços e que ardia em febre.

Imediatamente o senhor, que se chamava Pedro, colocou a mão na fronte do pequeno e disse, apreensivo:

– Tens razão. O menino está com muita febre. Não te preocupes, porém. Já vamos atendê-lo. Um dos nossos irmãos, aqui presente, é médico, e não se negará a examiná-lo.

Bóris respirou, aliviado. Não podia acreditar em tamanha sorte.

Chamaram o companheiro, que, um pouco distante, dialogava com duas pessoas. Ao ser informado do que estava acontecendo, ele veio imediatamente, aproximando-se, gentil. Colocou o garoto sobre uma mesa e examinou-o cuidadosamente. Depois fez algumas perguntas, que o pai respondeu. Em seguida, o médico tirou da maleta um antitérmico, ministrando-o à criança. Só então explicou ao aflito pai:

– O menino está com suspeita de pneumonia e deverá ser internado num hospital imediatamente.

– Mas, doutor, eu não tenho dinheiro! – exclamou Bóris, torcendo as mãos, nervoso.

– Não te preocupes. Isso se arranja. Vamos. Não temos tempo a perder.

O médico pegou a criança nos braços, colocou-a no seu carro e conduziu-a pessoalmente à internação em hospital de sua confiança.

Poucas horas depois, o pequeno estava num quarto limpo e arejado, tomando soro e sob os cuidados de enfermeiras prestimosas.

Bóris não sabia como agradecer aos generosos benfeitores que o céu, tão oportunamente, colocara em seu caminho.

Despedindo-se do médico e agradecendo efusivamente as atenções e cuidados que ele tivera com seu filho, Bóris deixou o hospital acompanhado de Pedro, por quem sentiu especial simpatia.

Caminhando pelas ruas e sentindo o ar fresco da noite, abriu o coração ao novo amigo, falando-lhe sobre as suas condições de vida, a humilhação que sofrera ao procurar socorro na casa do patrão e do milagre que acontecera ao passar por aquela rua silenciosa e pequena de subúrbio, onde encontrara tudo o de que necessitava naquela hora tão dolorosa da sua existência. E terminou dizendo:

– Acredita, Pedro, esta é a primeira vez que conto meus problemas a alguém. Talvez porque tenhas me inspirado viva simpatia desde o primeiro momento. Sinto como se nos conhecêssemos de longa data, e, o mais incrível para mim, que sempre fui arredo e desconfiado de todas as pessoas, “sei” que posso confiar em ti!

Pedro pareceu meditar por alguns instantes e confirmou com voz pausada:

– Sim, meu amigo, Deus age por caminhos estranhos! Contudo, nada acontece por acaso. Também sinto que não é a primeira vez que nos encontramos, e que o fato ocorrido hoje tem extraordinária importância em nossas vidas. Por isso, temos sempre que confiar em Jesus, que sabe o de que necessitamos e poderá nos auxiliar sempre. Tem fé, Bóris. Teu filhinho ficará curado, com a bênção de Deus.

Despedindo-se, Bóris abraçou o novo amigo dizendo:

– Também acho que esta noite seja de fundamental importância para mim. Conhecer a ti e aos outros companheiros do teu grupo foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo. Agora, uma nova esperança nasce em mim. Quero me informar melhor sobre o Espiritismo, religião que é capaz de produzir pessoas como as que conheci hoje.

Boris Tchernigov, o cruel e despótico proprietário de terras no passado, reencontrava, em outra situação e em outro local, em pleno século XX, o mujique Pietr, a quem prejudicara. Já fazia muito tempo que este lhe perdoara de coração, denotando o progresso conquistado. Enquanto isso, o

russo Boris Tchernigov defrontava-se com a cobrança dos seus atos passados, tendo a oportunidade de redimir-se perante a Justiça Divina e de sofrer da mesma maneira que fizera sofrer, através da lei de causa e efeito.

Bóris começou a frequentar a Casa Espírita uma vez por semana e a cada oportunidade mais se encantava com os ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.

Compreendeu que os problemas que passamos hoje são consequência de erros cometidos no passado e que, dos atos praticados no presente, dependerá a felicidade ou a infelicidade futuras.

Que se ele tinha um padrão despótico e autoritário, indiferente e egoísta, é porque merecia isso e teria de suportar as lições para se reeducar à luz do Evangelho de Jesus.

E que, sobretudo, muitos dos problemas vivenciados hoje – independente da cobrança da Lei por atos negativos do passado – eram consequência do seu próprio comportamento atual; numa análise fria e desapaixonada, reconhecia-se agora orgulhoso e revoltado com a situação e, em virtude disso, descontava nos colegas, tão sofredores e carentes quanto ele mesmo.

Transformou-se. Passou a tratar as pessoas com bondade e gentileza, tendo sempre um sorriso e uma palavra amiga para cada um dos operários da fábrica. Em pouco tempo, era o líder de todos e o mais estimado. Quando surgiu uma vaga de chefe de seção, foi natural e inevitável sua nomeação para o cargo, o que tornou sua vida muito mais confortável. Com o novo salário, bem melhor que o antigo, conseguiu alugar uma casinha perto do Centro Espírita, para alegria de todos. E a sua esposa, também integrada na casa e grata por toda a ajuda recebida, passou a responsabilizar-se pela limpeza das instalações, cheia de boa vontade e de disposição para o trabalho.

E Bóris nunca mais se esqueceu de agradecer a Deus a oportunidade de conhecer a Doutrina dos Espíritos, que transformara sua vida e a de sua família, agora compreendendo a mensagem de Jesus e sua grande sabedoria quando ensinou que devemos amar ao próximo como a nós mesmos.

Capítulo 7 (1ª parte). Nenhuma das Ovelhas se Perderá

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos.”

(Mateus, 5:6.)



Diariamente ele fazia o mesmo trajeto. Saía de casa, percorria as vias de maior movimento e logo transpunha as portas da cidade em direção ao campo. Gostava de sentir o ar fresco vindo das montanhas e o aroma das flores; ouvir o canto dos pássaros pousados nas árvores e o murmúrio da água que corria por entre as pedras descendo a montanha.

Fazia-lhe bem esse contato com a Natureza, pois deixava para trás o movimento da grande metrópole, o barulho do mercado, o tumulto dos mercadores, cada qual alardeando seus produtos, colocados à venda nas barracas improvisadas; o cheiro característico de carne assada no braseiro, de frutas e de vinhos; o odor de peixes preparados em azeite fervente, que se misturava ao de óleos perfumados acondicionados em grandes ânforas, potes de cremes, muito apreciados pelas mulheres, e ervas aromáticas para defumação. Sem contar, naturalmente, os dejetos jogados em plena rua e que, com o calor do dia, recendiam ainda mais, espalhando a fedentina e contaminando o ar.

Era, pois, com infinita satisfação que Ismael deixava a cidade procurando a tranquilidade e a paz do campo. Passava horas meditando, estendido na relva macia a admirar o céu azul, onde as nuvens passavam sem se deter; ou recostado numa árvore a observar os pequenos animais que se aproximavam tranquilamente da nascente para beber a água cristalina, que, após deter-se compondo uma pequena piscina natural entre as pedras, corria transformando-se num riacho rumorejante. Percebendo-lhe a presença, não sentiam temor algum. Após saciarem a sede, achegavam-se a ele como se fossem velhos amigos. Provavelmente, por reconhecerem nele uma pessoa que lhes queria bem, que lhes dispensava afeto.

Na verdade, Ismael amava os animais, os pássaros e todas as formas de vida existentes sobre a face da Terra. Seu coração generoso estava sempre aberto para abrigar a quantos se aproximassem dele, e era com muito carinho que lhes falava. A voz terna soava cariciosa aos pequenos ouvidos, os olhos serenos eram um convite para que se acercassem e a mão que se estendia afagava-os gentilmente. Não, não tinham medo.

Familiarizando-se com sua presença, subiam em seus ombros e até em sua cabeça; repousavam em seu regaço, muitas vezes adormecendo no morno aconchego do seu colo, envolvidos pelos braços acolhedores.

Com o passar do tempo, era como se tivessem marcado encontro. Naquele mesmo horário e local se encontravam todos os dias. Quando Ismael ia embora, despedia-se de todos os amiguinhos com palavras ternas, prometendo retornar no dia seguinte.

Quando, por qualquer razão, via-se impedido de comparecer, os pequenos amigos aguardavam inutilmente, farejando o local onde ele costumava sentar-se a emitir grunhidos de tristeza, cada qual em sua linguagem particular. Contudo, isso só acontecia quando o tempo chuvoso não lhe permitia uma incursão ao campo ou quando alguma enfermidade o prostrava no leito.

Após passar algumas horas em contato com a Natureza, Ismael retornava à cidade com o sol a pino. Chegando em casa, subia célere as escadarias, atravessava o amplo corredor rumo a seus aposentos. Fazia uma higiene ligeira e descia ao térreo, onde a mãe e o pai o aguardavam para a refeição.

– Onde estiveste, meu filho? – pergunta-lhe a mãe, ansiosa.

Ao que o pai, irritado, responde sem aguardar maiores explicações:

– Para onde se dirige Ismael todas as manhãs?! Ao campo, certamente!

– Acertaste, meu pai. Passei horas agradabilíssimas em contato com a Natureza – informa o rapaz com a fisionomia serena irradiando vitalidade e alegria de viver.

– Na tua idade eu já trabalhava e era o responsável por toda uma herdade.

– Retruca Gaston de Olmedo, com azedume.

– Eras feliz, meu pai? – indaga o jovem.

– Feliz? Não sei. Nunca tive tempo para pensar em felicidade. Só em trabalho. Desde cedo dei duro e, apesar da fortuna, nunca me foram dadas as facilidades que possuis hoje.

– Aí está, meu pai. Queres que eu também seja infeliz? Não me aprazem as lutas de que os jovens da minha idade tanto gostam, nem tampouco os combates que meu irmão tanto aprecia.

– Teu irmão Michael está nas frentes de batalha defendendo a nossa pátria. – Retruca novamente o pai, com orgulhosa satisfação.

– Temos outras maneiras de defender o nosso território, senhor meu pai. Uma delas é reconhecer o direito de cada um, não querendo mais do que nos pertença por justiça.

– O que estás a insinuar? – esbravejou o dono da casa.

Vendo que a discussão resvalava para terreno perigoso e escorregadio, a mãe interveio:

– A hora da refeição deve ser sagrada para todos nós. Deixemos de lado esses assuntos que só causam aborrecimentos. Falemos de coisas mais amenas ou comamos em silêncio, saboreando estes quitutes, que estão ótimos.

Aceitando a sugestão, ambos se calaram e a família terminou o repasto em paz.

No dia seguinte, Ismael levantou-se cedo, como de hábito. O pai já o aguardava, andando de um lado para outro, os passos ressoando no lajedo. Quando o viu, comunicou-lhe sua decisão:

– Creio que é tempo de tomares um rumo na vida. Hoje irás comigo às plantações. É meu desejo que vás te informando sobre o andamento da propriedade para saberes administrá-la no futuro.

Uma ordem paterna, àquela época, não podia ser contestada. Tinha que ser cumprida. Assim, o jovem Ismael suspirou profundamente, enquanto fez uma leve curvatura, aquiescendo:

– Sim, meu pai.

Após a refeição matinal deixaram a cidade em busca do campo. As lavouras estendiam-se a perder de vista, e, enquanto cavalgavam, o pai ia fazendo observações sobre as plantações, as condições do solo, a época do plantio e da colheita.

Chegaram até uma aldeia, onde residiam os camponeses que trabalhavam em suas terras.

O estado das moradias impressionou o jovem Ismael, que passou a observá-las melhor. O telhado quebrado, as paredes de barro, quase caindo; as janelas de madeira, apodrecidas pelo tempo. O conjunto todo era precário, denotando extrema miserabilidade.

Ao ouvirem o ruído dos cascos dos cavalos, os habitantes foram-se colocando nas janelas para ver quem chegara, e, identificando o senhor das terras, Gaston de Olmedo, e o filho, vieram para fora.

Em geral, eram mulheres velhas e crianças desnudas, uma vez que as pessoas saudáveis estavam, já àquela hora, trabalhando nas plantações.

O rapaz sentiu o coração se confranger ante aquelas figuras esquálidas. As crianças, especialmente, tinham os olhos arregalados de espanto e medo, o que o surpreendeu.

Deixou que o corpo escorregasse pelo dorso do cavalo, colocou os pés no chão e aproximou-se delas, amigável.

– Vinde! Nada tens a temer. Quero conversar convosco.

Nisso, de uma das choupanas, saiu um homem de seus 40 anos de idade. Ao vê-lo, o senhor de Olmedo, colérico, indagou em altos brados:

– Maldito preguiçoso! O que fazes aqui a estas horas, quando deverias estar junto com os outros a labutar?

Temeroso, o homem aproximou-se:

– Senhor, passei muito mal esta noite e não tive condições de me levantar do leito. Sinto muitas dores e...

– Mentira! Pensas que me enganas, patife? És mandrião e não gostas de pegar no pesado.

Assim dizendo, rapidamente levantou o braço que portava o chicote, descendo-o sobre as costas do infeliz, com toda a força do seu ódio.

O couro do chicote, ao tocar o dorso do pobre homem, rasgou-lhe a velha camisa e abriu-lhe as carnes, de onde o sangue brotou, vermelho e quente.

Com um urro de dor, o camponês caiu ao solo e, não fosse a pronta ação de Ismael, levaria outras chicotadas.

– Não, meu pai, por Deus! Detém teu braço. Não o castigues mais.

O pai fitou o filho que ousava contestar-lhe a autoridade perante seus subordinados, e havia tal desespero na voz do rapaz que, fazendo um esforço sobre si mesmo, desceu o braço armado. Seus olhos, ardentes e congestos, voltaram ao normal, perdendo aquele brilho insano. A testa porejava e as mãos estavam úmidas e pegajosas.

– Seja. Tu, porém – dirigindo-se ao empregado ainda no chão –, não ficarás mais em minhas terras. Hoje mesmo deverás desocupar a casa.

E, incontinenti, esporeando o animal, partiu em desabalada carreira, deixando o filho para trás, sem se dignar dirigir-lhe um olhar que fosse.

Ismael, sobremaneira penalizado, não teve outra alternativa senão segui-lo.

Adentrando-se pelo pátio da senhoril residência, furibundo, Gaston de Olmedo deixou o animal aos cuidados de um servo e, a passos largos, dirigiu-se a seu escritório.

Logo depois o filho o alcança. Sentado atrás da secretária, segurava a cabeça entre as mãos.

– Pai... meu pai... perdoa àquele pobre homem. Tem mulher e filhos que dependem dele. Para onde irão?

Espumando de raiva e indignação, o senhor ergueu-se da cadeira pondo-se a caminhar pelo aposento com largas passadas.

– Como ousaste discutir minha decisão perante aquela ralé?

Ismael baixou a fronte, humilde:

– Perdoa, meu pai. Temi que o matasses.

– Não compreendes que esses miseráveis precisam de uma lição? Se não forem tratados com energia, logo cada qual só fará aquilo que deseja. Não, meu filho, é preciso contê-los com pulso firme. E tu, que um dia irás herdar esta propriedade, deves aprender a lidar com eles para bem administrá-la.

Percebendo que não demoveria o pai do seu intento, o rapaz falou com brandura:

– Seja, meu pai, se assim julgas necessário. Contudo, ouse pedir-te que prorrogues o prazo para desocupação da casa, dando-lhe tempo para encontrar novo abrigo, de modo que a família do faltoso não fique ao relento.

Enquanto Ismael falava, com sua voz mansa e terna, o genitor foi-se acalmando; quando o rapaz terminou de falar, ele estava mais tranquilo.

– Está bem, meu filho. Concedo uma semana para desocuparem a casa. Nem um minuto a mais.

– Oh! meu pai, eles ficarão agradecidos – disse o jovem, inclinando-se e beijando a mão estendida.

Depois, com os olhos irradiantes, ergueu-se e sorriu:

– Permite, meu pai, seja eu o portador dessa boa notícia, que demonstra tua generosidade e que, por certo, os tranquilizará.

O pai assentiu com um gesto displicente, e Ismael retornou para a aldeia, encontrando a família em prantos.

A notícia da dilatação do prazo para desocupar a moradia serenou-lhes o ânimo. No entanto, o camponês ainda continuou preocupado.

– Agradeço tua ajuda, meu rapaz, mas uma semana passa muito rápido. Onde arranjar novo abrigo? Os serviços estão escassos e, além disso, não estou bem de saúde. Contudo, sou crente sincero e tenho fé que Deus nos há de socorrer nesta emergência.

Ismael sentiu-se estranhamente bem naquela casinhola humilde. Em pouco tempo fizera amizade com todos e as crianças brincavam em seus joelhos.

A mulher contou-lhe suas dificuldades. A bronquite da menorzinha, que sempre atacava, em virtude da precariedade da habitação, onde o vento penetrava pelos buracos nas paredes e onde o telhado, danificado, não os protegia contra a chuva.

– Não reclames, mulher – retrucou o marido bonachão –, afinal é nossa casa e gostamos dela.

A mulher concordou, levando a ponta do avental aos olhos para enxugar uma lágrima:

– E vamos perdê-la...

Ismael vivamente os tranquilizou:

– Não vos preocupeis. Não saireis desta casa nem da propriedade.

– Mas, como?! – perguntou o marido.

– Ainda não sei. Mas, darei um jeito. Podeis ficar tranquilos, dou-vos minha palavra.

Aliviados, convidaram o rapaz para participar da refeição, embora envergonhados da sua pobreza. Ismael aceitou, radiante, e nunca um caldo de legumes acompanhado de pão de centeio e regado a leite de cabra lhe pareceram tão apetitosos.

Como se fizesse tarde, despediu-se, prometendo voltar no outro dia.

A semana passou rápida. Durante aqueles sete dias, o rapaz fez contato com todas as pessoas da aldeia. Na verdade, passava as horas conversando, ora com um, ora com outro. Já não fazia as refeições na mansão porque os novos amigos insistiam para tê-lo como convidado, tal o encantamento que experimentavam pelo jovem amo, simples e gentil.

Ao cabo desse tempo, estava a par de todos os problemas dos camponeses.

Notando o interesse do filho pelos negócios, Gaston de Olmedo resolveu transferir residência para o campo, onde passariam uma temporada, decisão essa que contou com a aprovação da esposa e de Ismael, especialmente, que exultou com a notícia por ficar mais próximo dos novos amigos.

Na véspera do encerramento do prazo para a entrega da casa, o filho procurou o pai no escritório, onde ele se entretinha a manusear alguns papéis.

– Ah! és tu, meu filho? Entra... entra... Queres falar comigo?

– Sim, meu pai.

– Então, senta-te e conta-me. O que tens achado da herdade? Sim, porque tenho visto com satisfação que estás a envolver-te com nossas atividades.

Um tanto constrangido, o rapaz explicou:

– Na verdade, meu pai, tenho procurado informar-me, sim, sobre a administração da propriedade.

– E então?! ...

– Bem, confesso que estou surpreendido. As nossas terras são bastante produtivas e o lucro é grande, presumo, pois são muito bem-cuidadas pelos nossos servidores, e pelo senhor, que é hábil administrador. Contudo...

– Contudo... continua.

– Contudo os nossos camponeses não participam dessa prosperidade.

– Ora, meu filho...

– É verdade, meu pai. Toda a nossa riqueza repousa no trabalho humilde desses homens, mulheres e crianças. No entanto, eles vivem miseravelmente. Talvez ignores, meu pai, mas as casas estão em péssimo estado. As telhas, quebradas, constituem insuficiente proteção contra a chuva e as paredes, esburacadas, deixam passar o vento e o frio; as chaminés estão caindo e, se não tomarmos providências imediatas, quando o inverno chegar não suportarão o frio e as nevascas.

Gaston de Olmedo fitava Ismael com olhos duros.

– Só isso? – perguntou lentamente.

Entusiasmado pelo interesse que julgava ter percebido no pai, o rapaz continuou:

– Não. Também acho que as crianças precisam de uma escola na aldeia, onde possam aprender a ler e a escrever, e até a trabalhar. Precisam de roupas e calçados, cobertores...

– Mais alguma coisa?

O jovem pareceu meditar por alguns instantes e respondeu, candidamente:

– É o que me ocorre no momento. Naturalmente, existe muita coisa mais. Como o salário, por exemplo, que é irrisório e que poderia ser melhorado.

Colérico, o senhor ergueu-se da cadeira batendo na mesa com os punhos cerrados, sem poder conter por mais tempo a sua ira:

– Basta! Cala-te! Pensas realmente que irei tratar esses preguiçosos como desejas? Já são bem-tratados em demasia e têm tudo o que merecem. E, a propósito, amanhã cedo expira o prazo para a desocupação da casa, e não terei contemplação.

O rapaz empalideceu, lembrando-se do camponês, e informou:

– É verdade, meu pai, que expira o prazo. Mas a caridade cristã nos ensina que devemos ter piedade com os que sofrem. Teu servidor procurou trabalho todos esses dias, mas nada encontrou, nem mesmo um cômodo para colocar a família. Portanto, tem compaixão, senhor meu pai, e permite que ele continue servindo em tuas terras, pelo menos até encontrar uma outra ocupação.

– Não, mil vezes, não! Dei minha palavra e não voltarei atrás.

Por mais que o filho suplicasse, ponderando seus motivos e apelando para o bom senso do pai, este não cedeu. Manteve-se irredutível.

Foi com o coração amargurado que Ismael recolheu-se para dormir naquela noite. Sem conseguir conciliar o sono, ficou muitas horas pensando numa solução para o caso.

Capítulo 7 (2ª parte). Nenhuma das Ovelhas se Perderá

*“Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã
trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.”*

(Mateus, 6:34.)

Coração generoso, Ismael sofria. Elevou o pensamento ao Criador suplicando tivesse ele condição para resolver o caso e ajudar seus novos amigos.

Não conseguiu dormir. Aos primeiros albores da manhã levantou-se, enquanto todos ainda dormiam, e foi para a aldeia. Sabia que o pai não tardaria a cobrar a desocupação da casa e não desejava deixar os camponeses desamparados nesse momento tão doloroso.

O sol estava a pino quando Gaston de Olmedo chegou. Arrogante, olhava a todos com ar de desafio e sarcasmo, como a demonstrar-lhes que não deveriam se opor à sua vontade soberana.

Os aldeões aos poucos foram saindo de suas casas e se aproximando, apreensivos.

O infeliz camponês, cabeça baixa, esperava a ordem fatal.

– E então? Estás preparado para sair de minhas terras? – indagou o proprietário.

– Meu amo, tem piedade de nós. Não nos expulses! – suplicou ainda o servo numa última tentativa de abrandar-lhe o coração.

– Não! – bradou colérico o orgulhoso senhor.

Incapaz de conter-se por mais tempo, Ismael saiu do meio do povo e, colocando a mão sobre a cabeça do empregado, que se mantinha de joelhos, fitou o pai, perplexo, que somente agora o via:

– Meu pai, por tudo o que tens de mais sagrado, poupa estas criaturas. Não podes deixar esta família desamparada e ao relento.

Impassível, o interpelado retrucou, orgulhoso:

– Posso e vou deixar. Fora!

Num átimo, o rapaz compreendeu o que lhe competia fazer e enfrentou o genitor:

– Senhor meu pai, se eles se forem, eu também irei. Não posso viver em meio a tanta crueldade.

– Nada tens a ver com isso. Ordeno-te que fiques. És meu filho, sangue do meu sangue, e deves obedecer-me!

– Lamento, meu pai. Não abandonarei meus amigos numa hora dessas. Adeus! – informou o jovem com voz emocionada, mas firme.

A cena, de grande força dramática, era acompanhada atentamente pelos assustados camponeses.

Com o coração apertado, mas não desejando dar sinais de fraqueza diante

dos subordinados pela atitude desafiadora do filho, o pai respondeu, irritado:

– Pois se assim o desejas, acompanha-os. Previno-te, porém, filho ingrato, de que, a partir do instante em que deixares estas terras, não serás mais meu filho. Uma vez que preferes a companhia execrável de simples camponeses, eu te deserdo.

Esporeando o cavalo, fez meia-volta e partiu em uma nuvem de poeira.

O desespero da pobre família era grande. Sentiam-se gratos pela nobre atitude do rapaz, mas também culpados por terem provocado uma ruptura entre pai e filho.

Ismael acalmou-os com palavras de paz e serena confiança em Deus.

– Fiz o que me ditou a consciência. Não nos preocupemos. O Senhor proverá.

– Para onde iremos? – indagou a mulher torcendo as mãos nervosamente.

Sem perder a serenidade, o moço fitou o céu e respondeu:

– O mundo é grande. A Natureza é pródiga. Encontraremos um local para nos abrigarmos. Não podemos perder tempo. Precisamos aproveitar as horas de claridade que nos restam para encontrarmos um abrigo.

Pegaram as bagagens, colocando uma parte sobre o lombo do seu cavalo e partiram, após se despedirem dos amigos que ficavam.

Os camponeses, cheios de admiração e respeito por Ismael, aproximavam-se dele para apresentar suas despedidas com lágrimas nos olhos, abraçando-o com veneração.

Antes de deixarem a morada humilde, que nunca lhes parecera tão querida quanto nessa hora acerba, oraram a Deus suplicando orientação e ajuda, pois não sabiam para onde ir ou qual caminho tomar. Em seguida, iniciaram a retirada acompanhados pelo olhar atento dos que ficavam, em lágrimas, acenando adeuses.

Ultrapassados os limites da herdade, sentaram-se para repousar sob a fronde acolhedora de uma árvore e para decidir qual o caminho a tomar. O casal estava tenso e preocupado. Nesse instante, como se por sugestão divina, Ismael lembrou-se do recanto à beira do riacho, onde costumava passar muitas horas em contato com a Natureza e onde se sentia tão bem.

Satisfeito, afirmou:

– Jetro, Deus ouviu nossas súplicas. Já sei para onde iremos. Não temam.

Puseram-se a caminho, confiantes. O local não estava longe, mas iam

devagar por causa das crianças. Algumas horas depois, ao anoitecer, chegaram ao aprazível recanto em meio às árvores.

Exaustos, sentaram-se na relva fresca. As crianças estavam encantadas com o lugar. O silêncio era cortado apenas pelos ruídos dos pássaros e pequenos animais e pelo murmúrio da água que corria por entre as pedras.

Ismael lembrou-se de uma pequena gruta existente nas imediações e, cheio de otimismo, considerou que seria o ideal para passarem a noite.

– Não caberemos todos, mas abrigará confortavelmente as crianças, o que é mais importante. Nós, os adultos, dormiremos ao relento sem maiores problemas. A temperatura está agradável e a noite promete ser limpa e clara, num céu sem nuvens.

O casal concordou, mais animado pelo bom ânimo do rapaz. Fizeram uma pequena fogueira e, acomodados em torno dela, comeram o pão que haviam trazido e beberam água da fonte. Depois, Ismael sugeriu:

– Repousemos. Estamos todos exaustos e é preciso descansar. Amanhã, mais refeitos, pensaremos no que fazer.

Dentro de pouco tempo estavam todos dormindo. Os pequenos acomodaram-se dentro da gruta e os adultos deitaram-se sobre o macio colchão de musgo, tendo a noite estrelada como manto.

No dia seguinte, aos primeiros raios de sol já estavam despertos.

Para as crianças tudo era festa. Encantados com o local, os bichos que viam, muitos pela primeira vez, batiam palmas e davam gritinhos de alegria.

Ismael, que naturalmente se tornara o chefe daquele pequeno acampamento, explicou-lhes o respeito que deveriam ter pela nascente e pelos animais que ali vinham saciar a sede.

– Este é um recanto sagrado – disse-lhes. – Não devemos fazer barulho para não assustar as aves e os animais. Se demonstrarmos amizade, se aproximarmos. Caso contrário, fugirão assustados. Quereis ver?

Como as crianças assentissem com um gesto de cabeça, conduziu-as até uma árvore. Sentaram-se em silêncio e ficaram aguardando. Logo, um coelhinho chegou aos pulos. Olhou em torno, mexeu o focinho como se sentisse um cheiro diferente no ar, agitou as orelhas e, ao ver Ismael sentado, reconheceu-o. Aos pulinhos aproximou-se, sem qualquer receio, subindo em suas pernas.

Ismael tomou-o nos braços com extrema delicadeza e apresentou-o às

crianças:

– Meu amigo coelhinho, esta é Lavínia, a menorzinha; este é Bruno, e aquele outro é Olivier. São também teus amigos, não temas.

Com carinho, colocou o coelhinho no colo de Lavínia, que não continha a satisfação. O animalzinho fitou-a com os olhos vermelhos e arregalados, curioso. Ela sorriu, dizendo:

– És muito lindo. Onde está tua mamãe?

Tranquilo, o bichinho ficou ali entre eles por alguns minutos. Depois, sempre aos pulos, foi até à margem do regato, bebendo da água cristalina; agitou os bigodes para retirar as gotículas que ficaram e distraiu-se por algum tempo a comer um pouco de grama; depois, desapareceu entre a vegetação em busca de outros interesses.

Ismael falou-lhes então:

– Vistes? Fizestes uma nova amizade!

Toda manhã as crianças, encantadas, passaram entretidas com os animais.

Mais tarde o pequeno grupo sentou-se para conversar e decidir o que fazer. Os pequenos queriam ficar ali mesmo. Os pais também gostaram da ideia.

– E por que não? – disse Ismael, concordando. – Afinal, aqui temos o que precisamos. As árvores nos fornecerão o abrigo e a alimentação necessária, pois as copas são acolhedoras e frutos não faltam. Temos água fresca em abundância. Quanto à moradia, podemos construir uma pequena casa com a madeira que existe na mata. Que tal?

Todos aprovaram. O ambiente mudara por completo. O desespero da véspera fora substituído por uma suave esperança, a angústia pela confiança, e agora estavam contentes e satisfeitos. Em apenas algumas horas, suas vidas haviam-se alterado radicalmente, mas o pequeno grupo estava animado e esperançoso com a nova situação.

Jetro, o camponês, abriu o coração dizendo o que lhe ia na alma:

– Ismael, sou grato por tudo o que tens feito por nós. Sem ti, seríamos como folhas ao vento, sem rumo e sem direção. Entretanto, Laura e eu não achamos justo que tenhas deixado o conforto da tua casa senhoril, uma posição estável, por esta vida de incertezas. Se quiseres reconsiderar tua decisão e voltar para a casa de teu pai, crê que compreenderemos e não te estimaremos menos por isso. Já nos ajudaste muito arranjando este local abençoado, e poderemos ficar bem, sozinhos.

– Jetro, não te inquietes. Acredita em mim, meu amigo. Pela primeira vez na vida, sinto-me livre e realmente feliz. A riqueza era-me um fardo demasiadamente pesado, o conforto entristecia-me. Agora estou satisfeito, pois vou viver da maneira como sempre sonhei. Não, não voltarei para a casa que me viu nascer. Além disso, meu pai deixou bem claro: não sou mais seu filho. Então, não tenho mais pai. Portanto, meu lugar é aqui, convosco.

– Se é assim, então doravante seremos uma só família – concluiu o camponês mais tranquilo.

Em seguida, cheios de ânimo e alegre determinação, internaram-se na mata em busca de madeira. Ismael não tinha conhecimentos práticos, mas Jetro, que sempre dera duro na vida, sabia como fazer as coisas.

Com seu facão, que trazia sempre preso à cintura, e um machado que trouxera, cortaram a madeira e, em poucos dias, uma pequena casa erguia-se no meio da mata nativa. Era singela, nada bonita, mas sentiam orgulho dela por ser fruto de muito esforço e dedicação. Com o tempo, da mesma forma construíram o mobiliário, constante de pequena mesa, bancos e leitos rústicos.

Abriram uma clareira na mata e passaram a cultivar o solo. Plantaram batatas, nabos, couves e ervilhas, com sementes e mudas que um morador das imediações, surgido por acaso, lhes forneceu. Era um homem rústico, de poucas palavras, mas de bom coração. Certo dia, internando-se na mata à procura de um cavalo fugitivo, bateu na porta deles. Entrou, conversaram e, em pouco tempo, eram amigos. Inteirado das dificuldades que Ismael e seus amigos enfrentavam para se manter, retornou no outro dia trazendo um pouco de trigo, carne salgada, sementes e algumas mudas para o plantio.

De outra vez, surgiu uma cabra, não se sabe de onde, e nunca mais foi embora. Indagaram nas redondezas sobre o dono, mas nunca o localizaram. Assim, o útil animal passou a fazer parte da pequena família, doando seu leite e enriquecendo a alimentação. A cabra era tratada com carinho e gratidão por todos que a consideravam uma enviada dos céus.

Assim, viviam em harmonia, de forma simples e despojada, em contato permanente com a Natureza e sob as bênçãos de Deus.

Capítulo 7 (3ª parte). Nenhuma das Ovelhas se Perderá

“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.”

(Mateus, 5:16.)

Ismael e seus amigos adaptaram-se perfeitamente às novas condições, como se nunca tivessem levado vida diferente.

Certa ocasião, alguns meses depois, Bruno encontrou um homem caído na mata. O menino foi correndo à plantação avisar o pai e Ismael, que, àquela hora do dia, estavam trabalhando.

Imediatamente Ismael e Jetro demandaram o local, acompanhados do garoto, que lhes indicava o caminho.

A pobre criatura ardia em febre. Carregada até à casa, foi acomodada num leito. Estava realmente muito mal. Jetro era de opinião que iria morrer em breve.

Ismael, resoluto, trouxe água e banhou-lhe a fronte suarenta com compressas, na tentativa de fazer baixar a febre.

Durante dois dias esteve o desconhecido entre a vida e a morte. Ismael, contudo, sem desanimar, passava as noites ao lado do enfermo, dando-lhe chás e fazendo compressas com água fria na cabeça ardente.

Aos poucos o hóspede acusou expressiva melhora. Sua natureza jovem e robusta foi reagindo até que ficou fora de perigo e entrou em franca convalescença.

Ismael orava sempre em seu benefício e o estranho, nesses momentos, sentia-se invadido por grande bem-estar, recuperando-se a olhos vistos.

Quando ficou completamente bom, despediu-se de todos, agradecendo os cuidados que recebera e afirmando, emocionado, que não os esqueceria jamais. Quis recompensá-los pelo tratamento que tivera, o tempo que ali permanecera sob as atenções da família, mas Ismael nada aceitou pelo seu trabalho. Assim, ele partiu e nunca mais o viram...

Algum tempo depois, surgiu por aquelas bandas um velho em estado deplorável. Trazia o corpo todo coberto por feridas purulentas que, ao se abrirem, sangravam, exalando terrível mau cheiro.

O infeliz aproximou-se, explicando, meio temeroso:

– Quem me mandou aqui foi um homem que encontrei por acaso. Em virtude do meu problema de saúde, a família expulsou-me de casa, apavorada, chamando-me de leproso. Não tenho para onde ir e preciso de cuidados. Esse desconhecido que encontrei disse-me que viesse procurar-vos, afirmando-me que cuidaríeis de mim como fizeram com ele.

Ismael olhou para Jetro. O que fazer?

Fitando o pobre homem, o rapaz condeu-se da sua situação, tomando a

única atitude que, de acordo com seus princípios, julgava correta:

– Faremos o que for possível. És nosso irmão e não te abandonaremos à própria sorte.

O velhinho curvou-se, agradecido. Ismael prosseguiu, observando a sujeira do doente:

– De início, vamos banhar-te para limpar as feridas.

Realmente, o enfermo exalava um cheiro nauseabundo. Não apenas das feridas purulentas, mas também da imundície do próprio corpo e das roupas.

Ismael levou-o até o regato e, protegidos pela vegetação, tirou-lhe as vestes e deu-lhe um banho. Não o lavou na nascente para evitar a contaminação da água que utilizavam para beber e preparar os alimentos. Com uma caneca, apanhava a água e a despejava sobre o infeliz, suplicando intimamente ao Criador que o curasse do seu mal.

Após o banho, queimou cuidadosamente os velhos trapos que o doente vestia ao chegar e deu-lhe roupas limpas. Em seguida, ofereceu-lhe um reconfortante caldo de legumes com pão preto, que ele comeu vorazmente. Alimentado, Ismael colocou-o num leito improvisado para repousar.

O pobre homem tinha os olhos rasos de pranto. Sem poder conter-se, afirmou emocionado ao jovem protetor:

– Até hoje todos me trataram com desprezo, inclusive meus próprios familiares. Só aqui encontrei assistência e carinho fraternal. Que Deus te abençoe!

No dia seguinte uma surpresa os aguardava.

Quando Ismael foi verificar como o enfermo havia passado a noite, encontrou-o a rir e a chorar de alegria.

Cheio de assombro, verificou que as feridas tinham desaparecido. O corpo do ancião estava limpo.

– Mas, o que aconteceu?! ... – indagou, surpreso.

Radiante de felicidade, o velho respondeu, caindo de joelhos em frente ao rapaz:

– Não sei, meu jovem amigo e generoso benfeitor. Só posso acreditar que tenha sido um milagre de Deus operado por tua pessoa.

– Não, de modo algum. Não tenho dons milagrosos – contestou Ismael, contrariado, enquanto retirava a mão que o velhinho queria beijar, demonstrando sua gratidão.

Fez uma pausa, refletiu por alguns instantes, e depois completou:

– Só pode ser a água! ...

A verdade é que todos ficaram extremamente contentes com o feliz acontecimento. O velhinho, agora gozando de perfeita saúde física, partiu, infinitamente agradecido.

Desde esse dia começaram a surgir pessoas necessitadas, informadas da cura do “velho leproso”, como era chamado, e Ismael atendia a todos com carinho e gentileza.

Acreditando que a água tivesse propriedades terapêuticas, passou a considerar aquela nascente como local sagrado. Ali, orava junto aos animais e às pessoas que procurassem socorro naqueles sítios.

Aproveitando a oportunidade, Ismael falava-lhes de Jesus e de sua mensagem de amor, conclamando todos a fazerem o bem, abandonando vícios e defeitos. Em seguida, atendia um por um. Dava-lhes água para beber numa caneca rústica que permanecia sobre uma pedra à margem do regato, e, se porventura apresentassem doenças de pele, banhava-os com o líquido puro e cristalino.

Dessa forma fez muitas curas. Sua fama se foi espalhando por todos os lugares e de muito longe vinham doentes em busca de seus cuidados, com a secreta esperança de serem curados.

Na verdade, a água da fonte não era milagrosa nem possuía propriedades especiais. Dotado de poderosa mediunidade curadora, Ismael aliava as suas potencialidades com o amor que espalhava a seu redor. Dono de um coração generoso e de raras qualidades morais, a todos envolvia nas suas vibrações cariciosas, dissolvendo, com a assistência dos Espíritos do Senhor, o mal ali existente.

Muitos “endemoninhados” – que a Doutrina Espírita, surgida muitos séculos depois, chamou de “obsidiados” – e loucos de todo o gênero ali também encontraram a cura do corpo e do espírito, mediante a mudança interior que se operava neles através das leituras e comentários do Evangelho de Jesus, e da ajuda aos espíritos endurecidos que os dominavam, num trabalho pioneiro.

Viviam felizes, cada qual com sua tarefa. Jetro e Ismael cuidavam da plantação, que os supria de mantimentos, auxiliados pelos dois garotos, Bruno e Olivier, de sete e oito anos, já crescidos.

A esposa de Jetro, Laura, cuidava da casa e da alimentação, e atendia,

como enfermeira prestimosa, os doentes que, porventura, precisassem ficar em tratamento no sítio. Era assessorada pela pequena Lavínia, de quatro anos, que tentava, também, cooperar, apesar da pouca idade.

No final da tarde, após as tarefas costumeiras, dirigiam-se à fonte, para as atividades de evangelização e atendimento aos enfermos, que já os aguardavam. Passavam horas de inefável alegria e bem-estar, no ambiente natural e saturado de emanações benéficas daquele reduto em plena mata nativa.

Capítulo 7 (4ª parte). Nenhuma das Ovelhas se Perderá

“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

(Mateus, 11:28 a 30.)

Certo dia apareceu um homem coberto com um manto, denotando profundo desequilíbrio. Era alguém que necessitava de socorro urgente, e Ismael o atendeu com a solícitude costumeira.

Às primeiras palavras ditas pelo visitante, Ismael reconheceu, com emoção, a voz, que lhe era profundamente familiar, apesar da aparência completamente modificada. Justificou-se o recém-chegado:

– Onde estou? Que lugar é este? Fugi de casa porque seres infernais me perseguem sem descanso. Desde o dia que expulsei um empregado das minhas terras, nunca mais tive paz. Tenho sido infeliz desde então. Não consigo dormir e, quando isso acontece, sou dominado por pesadelos horríveis. Vejo criaturas que desejam a minha destruição, que me odeiam e me acusam de muitos males.

Os olhos do visitante pareciam vítreos, como se perdidos em meio a visões terríficas.

– Vê! Vê! Nem aqui eles me deixam em paz. Ah!, tudo isso por obra daquele miserável Jetro, que me odeia e que roubou meu filho. Bandido! Miserável! Pagar-me-ás muito caro! Algum dia hei-de encontrar-te e, então, matar-te-ei sem piedade, o que deveria ter feito naquele trágico dia.

Fitando o genitor – pois era ele – com infinita piedade, Ismael não conteve as lágrimas. A que estado se reduzira seu pai nesse espaço de tempo de apenas dois anos de separação!... Antes forte e enérgico, irradiando vitalidade, agora era pálida sombra do que fora. Sua aparência o comovia profundamente e atestava-lhe a carência: extremamente magro e abatido, cabelos e barbas crescidos, sujos e desgrenhados, indicando que não tomava banho havia muito tempo. Os olhos, fitando sempre um ponto qualquer ao longe, eram os de alguém dominado pela loucura.

Gaston de Olmedo, o orgulhoso aristocrata, não reconheceu o filho, tal o desequilíbrio em que se encontrava.

Ismael permaneceu calado. Com muito carinho, recolheu-o no pequeno quarto que haviam construído, numa extensão da casa, para os hóspedes frequentes, acomodando-o no leito humilde.

Elevou o pensamento ao Criador suplicando ajuda para o desventurado pai, que falava sem parar repetindo sempre as mesmas coisas. Em seguida, deu-lhe um pouco de água para beber. Aos poucos, o infeliz se foi acalmando até adormecer mansamente.

Jetro e sua esposa, ao serem informados da identidade do visitante,

ficaram, extremamente, penalizados. A primeira reação do camponês, coração puro e sem ressentimentos, foi desejar ver o antigo amo. Contudo, Ismael solicitou a Jetro que, no momento, não se aproximasse do doente, pois temia que, se ele reconhecesse o antigo empregado, certamente entraria em crise, agravando seu estado.

E assim, por muitos dias, Ismael ficou ao lado do pai, orando e prodigalizando-lhe todos os cuidados necessários.

Com imensa ternura alimentava-o, banhava-o e trocava-lhe as vestes por outras limpas. Nos momentos de oração, mantinha a mão sobre sua fronte, como lhe haviam aconselhado os seres angélicos que o orientavam.

Porque Ismael, dotado da faculdade de comunicar-se com as almas daqueles que já não habitavam a Terra, via os Espíritos revoltados que acusavam o enfermo, e antigo patrão, por suas desditas. Orava também por eles, condoído de seus sofrimentos, numa ação firme e persistente sem nunca desanimar. Assim, lentamente, o doente foi apresentando melhoras.

Certo dia, em que acabara de fazer a refeição, já mais lúcido, de repente olhou para Ismael e reconheceu-o, afinal:

– Meu filho! Mas és tu? Onde estiveste por todo esse tempo?

– Aqui, meu pai, onde me encontraste.

Abraçaram-se com emoção. Intimamente, Ismael elevava o pensamento a Deus, agradecido pela melhora do pai.

– Meu filho! Se soubesses o que tenho sofrido desde que partiste com o famigerado Jetro... Tua mãe e eu não mais retornamos à mansão da cidade, permanecendo no campo, na esperança de que voltasses.

Conquanto carinhoso, Ismael retrucou, firme:

– Não blasfemes, meu pai. Tuas desventuras devem-se, única e exclusivamente, à tua maneira de agir. Espezinhaste, destruístes e torturaste pessoas que te eram subordinadas e que, passando para o outro lado da vida, pagam-te com seu ódio.

Algo despeitado ante as admoestações do filho, malgrado reconhecer serem justas, ainda tentou prosseguir na mesma linha naquela hora feliz de reencontro:

– Mas Jetro me odeia...

– Não, meu pai. Jetro nada tem a ver com teus sofrimentos. Ao contrário, há meses vem ajudando-te em tudo o que é possível e torcendo pela tua recuperação. Queres ver?

Levantando-se, Ismael chamou Jetro e Laura. Abraçados, os cônjuges deram entrada no quarto, fitando o antigo patrão, que não mais tinham visto desde que foram expulsos da propriedade.

Havia tal expressão de serena felicidade em seus semblantes que o enfermo titubeou. Jetro dirigiu-lhe a palavra, respeitoso e sem resquício de hostilidade:

– Sê bem-vindo em nossa casa, senhor. Temos muito prazer em hospedar-te. Também ficamos muito satisfeitos com tuas melhoras, que temos acompanhado desde que aqui chegaste.

Gaston, surpreso, agradeceu com voz trêmula, e Ismael confirmou:

– Estás vendo, meu pai? Jetro e Laura não te querem mal. Ao contrário, têm rogado a Deus todos os dias pela tua recuperação.

– Compreendo... mas, então, e os meus pesadelos?! ...

– É que, com o mal que fizeste a outrem, atraíste muito rancor contra tua pessoa. Por isso, meu pai, faz-se necessário reparar o mal que plantaste em teu caminho.

Ouvindo essas palavras, ditas sem sombra de recriminação e com profunda bondade, o enfermo entrou a meditar. Reconhecia agora suas falhas e intimamente tinha vontade de melhorar, mas sentia-se impotente, fraco.

Com voz humilde, que contrastava com sua personalidade despótica e arrogante de antes, Gaston de Olmedo indagou:

– Como mudar tudo isso? O que devo fazer para reparar minhas ações?

Ismael sorriu ternamente, tranquilizando-o:

– Não te preocupes, meu pai. Há tempo para tudo. Agora, estás muito combalido e necessitas primeiramente recuperar a saúde física e espiritual. Ficarás conosco o tempo que for preciso para tua cura.

A partir desse dia, o convalescente demonstrou melhoras significativas. Fiel ao propósito que se impusera, o filho envidou todos os esforços para consolidar essa mudança.

Despertavam com a alva. Oravam ao Criador agradecendo o novo dia e tomavam uma refeição frugal composta de leite de cabra, mel e pão preto. Em seguida, iam para o campo.

Já recuperado, o pai ficou surpreso a primeira vez que Ismael colocou-lhe uma enxada nas mãos. Ele, o ilustre Gaston de Olmedo, que era patrão e não empregado, trabalhar como qualquer camponês de suas terras?! ...

O filho fitou-o sereno, mas firme:

– O trabalho dignifica o homem, meu pai. Não recuses a oportunidade de servir.

Assim, ele pegou a enxada sem discutir. Trabalhou durante toda a manhã.

Na hora da refeição, almoçou com apetite, o que não lhe acontecia havia longo tempo, não obstante a alimentação singela, composta de caldo de legumes, pão e frutas frescas da estação.

Repousou algumas horas. Ao despertar, Ismael convidou-o para uma pequena reunião.

Dirigiram-se para a clareira junto à fonte que consideravam milagrosa e sentaram-se na relva.

Outras pessoas, desconhecidas de Gaston, estavam presentes, mas se portavam como que habituadas àquele mister.

Ismael proferiu tocante oração, que emocionou seu pai. Em seguida, pôs-se a discorrer sobre passagens do Novo Testamento, falando sobre Jesus de uma forma totalmente inusitada.

Aquele homem cheio de orgulho e cioso da sua linhagem estava acostumado, por tradição, a frequentar a igreja, mas jamais se preocupara em entender o conteúdo do sermão. A missa era rezada em latim e totalmente incompreensível para ele e para todo o povo.

Já as belas imagens evocadas pelo filho traziam-lhe, e aos demais, o Cristo mais para perto de seus corações. Com espanto, notou que muitos animais se aproximavam para beber água, sem sombra de medo, e estacavam como se estivessem também ouvindo as palavras ditas por aquela voz terna e melodiosa.

Sentiu-se estranhamente emocionado e não conteve as lágrimas. Em plena Natureza, sob as árvores, o ar parecia saturado de suaves vibrações, enquanto a brisa sussurrava terna melodia.

Ismael banhou na água da nascente muitos enfermos que vieram à sua procura, inclusive seu pai. Gaston sentiu-se renovado; naquela noite teve sono tranquilo.

Com o passar dos dias foi-se fortalecendo cada vez mais. Certa ocasião, reconhecendo-se curado, falou a Ismael:

– Meu filho, graças ao tratamento que aqui recebi e ao carinho de todos, estou bem.

– Agradeça a Deus, meu pai. Só Ele pode tudo.

– Sim, reconheço agora que não podemos viver à revelia das divinas leis. Gostaria de poder continuar aqui neste local abençoado, que é um oásis de paz.

E assim dizendo, olhou para Jetro e Laura, que ouviam sensibilizados. Fez uma pausa e prosseguiu:

– Contudo, meus deveres me chamam. Tenho responsabilidades que não posso abandonar e obrigações que exigem minha presença. Aprendi, também, que devemos “fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem” e que “a cada um será dado segundo as próprias obras”. Assim, minha consciência ordena que repare o mal cometido. Tenho pensado muito em tudo o que aprendi e pretendo dar melhores condições de vida, mais dignidade e alegria a todos os que trabalham nas minhas terras.

Ismael tomou as mãos do pai e, apertando-as entre as suas, afirmou:

– Jesus há de recompensar-te por isso, meu pai. Estás no caminho certo. Só assim serás realmente feliz.

O homem sentiu o pranto embargar-lhe a voz e prosseguiu:

– Sim, meu querido Ismael. No entanto, sinto-me fraco para tantas mudanças de vulto. Estimaria que me acompanhasses dando-me apoio naquilo que pretendo realizar. Juntos, seria mais fácil a empreitada.

Ismael pareceu meditar por alguns segundos e, em seguida, considerou:

– Compreendo o que sentes, meu pai. Temes que a plantinha tenra da tua vontade não suporte as intempéries da vida e perca seus frutos. Não é assim?

O pai concordou com um gesto de cabeça. Ismael continuou:

– Tenho uma sugestão que, provavelmente, atenderá às tuas necessidades maiores. Pessoalmente, não posso abandonar este local tendo em vista os sofredores e aflitos que me procuram. Contudo, Jetro poderia acompanhar-te. E, acredita, meu pai, não terias companheiro melhor nem mais leal.

O fazendeiro – que a princípio se entristecera quando Ismael começara a falar – alegrou-se com o alvitre.

– Excelente sugestão, meu filho. Dessa forma terei o ensejo de iniciar minha renovação, compensando Jetro e sua família por todo o mal que lhes fiz.

Virando-se para o antigo servo, afirmou contente:

– Serás meu administrador e o braço direito na herdade.

Jetro fitou a esposa, surpreso e satisfeito. Não julgara possível retornar à

antiga vida e em condição mais favorável.

Gaston de Olmedo olhou com humildade o antigo empregado, que ainda não respondera, e insistiu:

– Aceita, meu amigo, a oferta que te faço e mostra que realmente me perdoaste as ofensas.

Emocionado, Jetro disse:

– Quanto ao perdão, não há necessidade, pois nunca me senti ofendido por ti. Aceito a oferta generosa que me fazes, Gaston de Olmedo, e espero não te arrependas de confiar em mim.

Jetro olhou Ismael, que observava a cena sumamente satisfeito, e inquiriu:

– Mas... e tu, meu amigo? Ficarás sozinho aqui neste ermo?

Ismael sorriu, abriu os braços num gesto expressivo e respondeu:

– Sozinho, eu?! Não. Tenho por companheira esta Natureza generosa que nos rodeia, os animais que são outros tantos amigos que o Senhor me concedeu e, além do mais, tenho o povo que busca meus préstimos e que confia em mim. E, acima de tudo, tenho o auxílio de Deus e dos “amigos alados do invisível”. Não, não ficarei sozinho.

Havia tal convicção e tanta firmeza na sua voz que, satisfeitos com a resposta, sorriram todos, passando a fazer planos para o futuro.

No dia seguinte, os novos amigos arrumaram as bagagens e partiram, não sem antes obter a promessa de Ismael de que iria visitá-los.

* * *

Um ano depois, como a saudade apertasse, o desejo de rever a mãe querida, o pai, agora amigo de verdade, e os companheiros com quem convivera por mais de três anos, fez com que Ismael se decidisse.

Ajeitou tudo, deixando no lugar um rapaz de sua confiança, alguém que chegara com desejo de ajudar e que se tornara colaborador precioso; avisou o povo que ia viajar, despediu-se de todos e partiu.

Ao aproximar-se da velha propriedade rural, lar dos seus ancestrais e onde passara sua infância e juventude, caras lembranças lhe assomaram ao coração. Ismael, de pronto, notou as mudanças que tinham sido efetuadas durante sua ausência. No portão de entrada, entre floridas plantas trepadeiras, havia uma placa de madeira onde se lia:

“Deus está conosco. Sê bem-vindo!”

Uma profunda emoção tomou conta do seu íntimo. Logo em seguida, viu

alguns camponeses e pôde constatar a diferença: antes, tristes e desanimados; agora, sorridentes e esperançosos.

Passando pela aldeia, viu casas novas e reluzentes ao sol da manhã, com canteiros de flores que coloriam e enfeitavam a paisagem.

Ao aproximar-se da casa senhoril, notou uma construção nova ao lado. Era uma escola onde as crianças aprendiam a ler e a escrever.

De surpresa em surpresa, entrou em casa. Um criado foi logo avisar a mãe da sua chegada; e ela correu a abraçá-lo, não acreditando em tamanha felicidade.

– Meu filho! Meu filho! Que saudade! Quanto ansiei por este momento! Não sabes o bem que fizeste a teu pai! Contou-me tudo e agradeço a Deus tê-lo conduzido até onde estavas. Agora, vivemos em paz e harmonia. Todos estão felizes.

Com largo sorriso, Ismael perguntou:

– E onde está meu pai?

– No campo. Atualmente trabalha junto com os camponeses e não desdenha servir como qualquer um deles. Está outro homem, mais alegre, mais humano e mais compreensivo. E tudo devemos a ti!

– E meu irmão Michael, mãe, o que é feito dele?

– Teu irmão, meu filho, continua nas frentes de batalha. Durante esse período em que estiveste ausente, retornou uma vez ao nosso lar, partindo logo em seguida muito apreensivo, pois ignorávamos o paradeiro de teu pai. Contudo, tinha missão urgente a cumprir por ordem do rei e não podia ficar.

Conversaram longo tempo, matando as saudades e trocando informações. Ismael queria saber das novidades e a mãe desejava que o filho contasse como era a sua vida em plena mata. O tempo passou sem que se dessem conta.

Quando o pai e o administrador Jetro chegaram do serviço, foi com imensa alegria que o receberam.

– Quero que constates, meu filho, as profundas modificações que fizemos.

E Gaston de Olmedo fez questão de mostrar pessoalmente todas as benfeitorias executadas; e, com orgulho, falou dos planos para o futuro.

– Desejo construir um pequeno hospital para os doentes. Contratarei um médico, uma enfermeira, e será prestada assistência a todos os que necessitarem.

Ismael via essas mudanças com infinito regozijo íntimo.

À noite, reuniram-se para orar e solicitaram a Ismael que escolhesse ao acaso uma página do Novo Testamento.

Aquiescendo, o moço concentrou-se um pouco e abriu o livro, onde leu:

“– Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá”.

Ismael pareceu meditar por alguns segundos na profundidade do texto evangélico; depois, olhando a cada um dos presentes, considerou:

“– Há poucos anos, quem poderia prever tamanhas mudanças em nossas vidas? Temos que confiar em Deus e fazer a nossa parte; o resto, conforme nos assegurou Jesus, nos será dado por acréscimo da Misericórdia Divina.

“Somos criaturas imperfeitas, falíveis e cheias de erros. Contudo, o amparo do Senhor nunca nos faltará.

“Lembrando a ovelha desgarrada da parábola, que o pastor busca até trazer segura ao aprisco e se rejubila quando a encontra, nós, os filhos pródigos, da mesma forma um dia retornaremos ao regaço do Pai, que nos receberá de braços abertos, e descobriremos a alegria de servir.

“O maior criminoso não está perdido. Está apenas equivocado em suas atitudes. Não é mau, apenas ignorante das divinas leis. Despertará um dia e porfiará em ser bom.

“Quanto semearmos, quanto colheremos.

“O ambiente hoje está cheio de paz e de harmonia, de fraternidade e de amor, graças aos esforços daqueles que acreditaram no bem e tudo fizeram para implantá-lo em seus corações.

“Quando todos compreenderem essa realidade, o mundo será melhor. Mantenhamos acesa a chama da fé, do otimismo e do desejo de servir ao próximo.

“Que o Cristo nos abençoe.”

Após essas palavras singelas, encerraram a reunião. Cada qual sentia dentro do peito um bem-estar e uma paz intraduzíveis na linguagem comum.

Alguns dias depois, antes da alva, Ismael deixou aquela casa cheio de gratas recordações.

Tudo estava caminhando bem, com as bênçãos de Deus.

Nada mais tinha para fazer ali. Lá, no meio da mata, entre os enfermos e necessitados, era o seu lugar.

Caminhando, Ismael fitava as estrelas que luziam no firmamento,

enquanto uma agradável sensação de dever cumprido inundava de paz seu coração.

As primeiras tintas coloriam o céu e as estrelas desapareciam aos poucos, apagando suas luzes.

Um novo dia surgia pleno de oportunidades que era preciso aproveitar.

Capítulo 8. A Volta de Jesus

“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente.”

(João, 11:25 e 26.)



Daniel estava muito triste. O bondoso Mestre Jesus, que amava a todas as pessoas, e ainda mais às criancinhas, fora preso, julgado e condenado a morrer numa cruz, entre dois ladrões.

Daniel era pequeno ainda, mas compreendia o que isso significava: não veriam mais o doce Rabi e nem ouviriam as belas palavras que ele dirigia ao povo.

Aprendera a amar àquele carpinteiro galileu cheio de amor e de paz, que curava os doentes que o procuravam, os paralíticos, os cegos, os leprosos, os surdos-mudos, os endemoninhados. Que abraçava os pequeninos com infinito amor e dizia: “Deixai que venham a mim as criancinhas, e não as impeçais, porquanto o reino de Deus é para os que se lhes assemelham.”

A mãe não deixou que Daniel visse o Mestre pregado na cruz, para poupá-lo da dor que a visão estarrecedora de Jesus no madeiro com certeza lhe traria.

Mas, sozinho em casa, o menino compreendeu que tudo já terminara,

pelo silêncio que pesava sobre a cidade e pela tristeza que via no rosto de quantos eram seus seguidores e que passavam pela rua.

Ficou doente de tanta tristeza e não conseguia sair do leito.

– Levanta-te, Daniel, vai brincar! – dizia a mãe, preocupada.

Mas ele não tinha disposição nem vontade de deixar o leito.

Na hora da refeição, a mãezinha preparava iguarias que ele apreciava, mas o menino respondia, desanimado:

– Não tenho fome.

Durante dois dias Daniel permaneceu assim desalentado.

Até que, no terceiro dia, ouviu gritos na rua:

– Hosanas! Hosanas! O Mestre voltou! Jesus está vivo! Hosanas ao Senhor! Aleluia! Aleluia!

O alarido era grande e Daniel quis saber a razão de tanta alegria. Uma amiga de sua mãe bateu na porta e informou:

– Alegrai-vos! Jesus está vivo! Ressuscitou dentre os mortos. É só o que se comenta em toda a cidade de Jerusalém. Aleluia! Aleluia!

Daniel levantou-se de um salto, sem poder acreditar no que ouvia.

– Mas, é mesmo verdade?! ...

– Sim! ... Maria de Magdala foi ao túmulo em que Jesus estava enterrado e encontrou-o aberto e vazio. Então, ele lhe apareceu e conversou com ela, e mandou até um recado a seus discípulos mais chegados. Chegou o grande Dia do Senhor! Alegrai-vos, Jesus não morreu! Hosanas ao Filho de Davi!

E saíram todos para comemorar nas ruas a volta do Mestre.

O menino, já curado da enfermidade que o prostrara no leito, repetia também cheio de alegria o estribilho:

– Aleluia! Aleluia! Jesus está vivo! Ele não morreu! Hosanas ao Senhor!

Daniel compreendeu que o Rabi voltara dentre os mortos para dar alento aos seus discípulos e comprovar a imortalidade da alma. Comprovar a importância da vida futura, que ele não se cansara de pregar.

Uma grande paz inundou o coração dos seus seguidores naquele dia, a par de doce esperança no futuro que os aguardava, convicção profunda nos ensinamentos por ele deixados e, sobretudo, fé robusta em Deus, aquele Pai bom e magnânimo do qual o Cristo tanto lhes falara.

Daniel cresceu, tornou-se homem e foi sempre fiel ao seu Mestre nazareno, a quem ele tanto amava.

Tornou-se cristão devotado ao Evangelho e um propagador incansável da

Boa Nova. Anônimo, sua vida foi um hino de paz, de esperança e de fé num mundo melhor, como a de tantos outros que passaram desconhecidos para a posteridade, mas que deram a sua contribuição inestimável na implantação do Cristianismo na face da Terra.

* * *

A ressurreição de Jesus é dos fatos mais importantes de todo o Evangelho. É a complementação indispensável do trabalho desenvolvido pelo Cristo de Deus no planeta, a qual acrescenta veracidade e solidez aos ensinamentos que pregou durante os três anos do seu messiado.

Após a volta de Jesus às Esferas Superiores da Vida, seus discípulos ficaram perdidos, desorientados, atemorizados. Criaturas comuns temiam o poderio dos sacerdotes do Templo de Jerusalém – inimigos declarados do Mestre – e dos romanos, opressores da raça. Tanto temiam que, exceto algumas poucas pessoas, entre elas Maria, sua mãe, Maria, a redimida de Magdala, e João, seu mais jovem discípulo, todos os demais o abandonaram na hora extrema.

Em virtude da ação repressora do poder público – que desejava acabar de uma vez por todas com a doutrina nascente, exterminando os seguidores, como já o haviam feito com seu Mestre –, eles se mantiveram escondidos a portas fechadas nos primeiros dias.

O desespero, o terror de serem descobertos, a insegurança e a dor por terem perdido aquele que era a Luz do Mundo, fazia com que enorme desânimo se abatesse sobre os discípulos de Jesus.

Após terem convivido com o Mestre durante tanto tempo, gozado da sua companhia, ouvido suas palavras vazadas em profundo amor e, especialmente, sentido as emanações dúcidas da sua presença divina, era natural que se ressentissem da falta de sustentação vibratória.

Retornavam ao ambiente psíquico que lhes era próprio, de acordo com a condição espiritual de cada um, e a mudança era muito grande, imensa, insuportável.

Foi nesse momento psicológico que Jesus apareceu, dando testemunho de tudo quanto afirmara anteriormente. Mandara um recado por Maria de Magdala, mas eles não acreditaram nela, julgando-a indigna da graça de ser a primeira a poder ver e ouvir seu querido Rabi, crucificado à frente de toda uma multidão.

Se era mesmo verdade que o Cristo ressuscitara, por que não apareceu

antes a Maria, sua mãe? Ou a algum discípulo mais chegado, como João, a quem ele dedicara sempre atenção especial? Ou a Simão Bar Jonas, a quem chamava Pedro? Ou a Tiago, filho de Alfeu?

Seria crível que Jesus se apresentasse em toda a sua glória para testemunhar a veracidade dos seus ensinamentos e glorificar a Deus, perante uma mulher que reconhecidamente tivera vida dissoluta e era desprezada por todos, como Maria de Magdala? Era bem verdade que, desde que conheceu o Rabi, ela modificara radicalmente seu comportamento, desfazendo-se da sua luxuosa vivenda, repartindo seus bens com os pobres e passando a segui-lo por todos os lugares. Mas, ainda assim, daria para confiar nela? Seria sua conversão definitiva ou se cansaria da pobreza e do desconforto, retornando aos antigos hábitos?

Tais cogitações dominavam a mente dos aterrorizados discípulos do Nazareno, que discutiam o assunto entre si, quando ele se apresentou no meio deles dizendo:

– A paz seja convosco!

Jesus surgia-lhes como nos mais belos dias da sua passagem pela Terra, lembrando-lhes com sua presença os inesquecíveis momentos que haviam passado com ele, a Galileia distante, a convivência fraterna e amigável.

Seus corações se encheram de júbilo naquela hora sublime. Então, tudo o que Maria de Magdala lhes dissera era verdade? Envergonhados perante suas consciências, permaneciam em silêncio.

Jesus, porém, não estava ali para censurar o comportamento de quem quer que fosse. Chegou como o Amigo que deseja tranquilizar seus afeiçoados.

E sentou-se, e comeu com os atônitos e maravilhados discípulos, que mal podiam acreditar em tamanha felicidade. Conversou com eles, orientou-os sobre o que deveriam fazer, demonstrando cabalmente a realidade da verdadeira vida.

A partir daquele momento, mudança radical operou-se em suas existências. Já não eram mais as perplexas e temerosas criaturas que o Mestre encontrara; transformaram-se de homens inseguros e vacilantes em seguidores confiantes e valorosos do Evangelho do Cristo.

Ainda muitas outras vezes Cristo esteve com eles, e até mesmo com Tomé, que, não estando presente na primeira aparição de Jesus aos discípulos, não acreditara no testemunho dos demais companheiros. Com

gentil solicitude, o Mestre falou diretamente com o amigo incrédulo, mostrando-lhe suas chagas e permitindo que Tomé o tocasse.

Por 40 dias, Jesus conviveu com seus discípulos, fortalecendo-lhes a fé e dando-lhes as derradeiras orientações, importantíssimas para a implantação da Boa Nova na face da Terra.

Desde então, seus companheiros transformaram-se em arautos sinceros e devotados, dedicando-se com ardor à propagação da mensagem cristã, que atravessaria o tempo e o espaço como roteiro de luz para toda a humanidade.

Para o Cristianismo nascente, era o coroamento indispensável da obra do Profeta galileu, acrescentando veracidade e testemunhando a excelência do código moral admirável que trouxera ao mundo, conhecido como o “Evangelho”.

O tempo passa e as lições inesquecíveis de Jesus continuam a servir de roteiro e guia para quantos busquem com denodo a iluminação interior.

Jamais o mundo esteve tão necessitado, como hoje, das amoráveis e confortadoras mensagens vindas da Galileia distante, que, como cânticos celestes, atravessam o tempo e o espaço, falando aos nossos corações necessitados e aflitos.

Jamais o homem, que venceu dificuldades e descobriu a Ciência; que criou com seu gênio inventivo tecnologias incomparáveis; que sonda o espaço cósmico à procura de outras concepções de vida; que estuda o microcosmo em busca de respostas para enfermidades avassaladoras; que atravessa os oceanos e viaja pelos ares em máquinas notáveis – esse homem, que atingiu as culminâncias do saber, não descobriu a si mesmo. Ignora-se, ignorando a Deus.

Sofre e se desespera, mantendo a cabeça curvada para o chão. Bastaria que fitasse o céu, utilizando o raciocínio e refletindo sobre as razões da vida, para chegar a importantes e decisivas conclusões.

Uma nova esperança o impeliria ao progresso, e uma nova luz iluminaria seu caminho rumo ao porvir.

Capítulo 9 (1ª parte). O Messias

“Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus.”

(Mateus, 5:8.)



Caminhando pelas ruas, Beatriz estugou o passo ao mesmo tempo em que puxava o manto para cobrir quase que totalmente a cabeça. Não desejava ser reconhecida. Temia algum encontro inoportuno àquela hora da noite.

Retornava da casa de uma amiga que estava doente, Isabel, à qual fora prestar sua ajuda fraterna. Cuidara dos afazeres domésticos, amassara o pão, cozinhara legumes para a sopa, carregara água e varrera o quintal. Terminara o serviço tarde e, agora, noite fechada, retornava para casa.

Uma tempestade de sentimentos a dominava. Sentia dentro de si a mocidade estuante de vida. Desejo de amar e de ser amada, de compartilhar com alguém os tesouros que guardava no coração.

Beatriz era muito jovem ainda, mal completara 14 primaveras, mas sua beleza atraía a atenção dos homens. Há algum tempo já que, fascinados pelos seus encantos, eles a cercavam, olhavam-na com cupidez e maldade, faziam-lhe propostas.

A juvenzinha sentia-se pressionada e insegura, sem saber o que fazer. Na sua ignorância das coisas da vida, julgava que os homens conheciam os sentimentos que lhe iam na alma e que, em virtude disso, a assediavam. Comparava-se intimamente às mulheres de má vida, que, em todas as épocas, recebiam o desprezo da sociedade, e sentia-se humilhada, experimentando uma grande vergonha das pessoas.

Gostaria de ter alguém com quem pudesse conversar, partilhar problemas e trocar ideias, mas Beatriz não tinha família. O pai era um centurião romano que se apaixonara pela bela Míriam, hebreia que conhecera em Jerusalém, e que também caíra de amores pelo elegante soldado. Um dia, porém, da mesma maneira como tinha chegado, o centurião abandonou mulher e filha para acompanhar o destacamento do exército que deixava a cidade de Jerusalém, chamado que fora para sufocar uma rebelião surgida numa das regiões mais distantes do país. Nunca mais voltou ou mandou notícias. Alguns anos depois, Míriam, que permanecia inconsolável com a perda do seu amado, enfermou e, quatro meses depois, veio a falecer. A partir daí, Beatriz passou a morar com um casal de idosos, Samuel e Edite, amigos da mãezinha morta, que se apiedaram da pequena órfã. Uma vez que ela não tinha para onde ir nem com quem ficar, tomaram para si a tarefa de cuidar da menina.

Samuel e Edite tinham bom coração, mas não entendiam as dificuldades de Beatriz, não compreendiam o que estava sentindo nem quais eram suas necessidades. Fariseu conceituado, Samuel atinha-se à fiel execução dos atos exteriores prescritos pela lei mosaica. Frequentava a sinagoga regularmente e só lia a Tora de joelhos. Dessa forma, exigia de Beatriz o mesmo comportamento, sem se interessar por seus pensamentos ou pelo que sentia. Por outro lado, a juvenzinha não se reconhecia com liberdade e confiança suficientes para falar com Samuel, expondo-lhe seus problemas e suas dúvidas. Nem mesmo com Edite, pois, apesar de ser mulher, era esposa submissa e obediente, jamais contestando as opiniões do marido, conforme estabelecera Moisés.

Por isso, ela experimentava um grande sentimento de solidão afetiva. Apesar de generosos ao recolhê-la numa hora de necessidade, Samuel e Edite não a amavam. Nunca lhe demonstraram afeto ou lhe fizeram um gesto de carinho que fosse.

E Beatriz sentia sede de amor. Despertava sua natureza jovem e cheia de

vida com as transformações naturais da idade, quando o corpo se desenvolve e floresce em ânsias desconhecidas.

Agora, um homem ricamente trajado e muito atraente andava rondando sua casa, mandando-lhe recados por um servo. Prometia-lhe – caso acesse a seus desejos – uma bela vivenda, criados e seu amor, pois, afirmava ele, estava loucamente enamorado dela.

Nunca se atrevera a aproximar-se, mas Beatriz o vira de longe, uma vez que seu pretendente costumava acompanhá-la aonde quer que fosse, fixando nela o olhar cheio de paixão.

Intimamente a jovem balançava, entre o que sabia ser correto e os desejos que lhe afloravam ao coração. Procurara informar-se discretamente sobre a identidade do seu apaixonado e descobrira ser ele homem casado, extremamente rico e amigo íntimo de Caifás, o poderoso sumo sacerdote.

No fundo, Beatriz estava orgulhosa do interesse que despertara em tão ilustre e conceituado personagem, que a distinguiu no meio de todas as outras mulheres; que prestara atenção nela e que a queria para si. No entanto, um desgosto e uma insatisfação profunda passaram a dominá-la.

Sabia o que seus conterrâneos, e especialmente Samuel, pensavam sobre as mulheres que se deixavam enredar pelos apetites inconfessáveis dos homens. E Beatriz sentia-se suja e contaminada, como se não tivesse mais honra e houvesse perdido toda a dignidade.

Nesse estado de espírito, a jovem chegou em casa. Encontrou Edite preocupada com sua demora.

Enquanto comia alguma coisa que Edite deixara guardada para quando chegasse, Beatriz ouvia Samuel conversar com a esposa a respeito de um humilde carpinteiro, originário de Nazaré, que andava a fazer milagres, curando toda a sorte de doenças, levantando paráliticos, fazendo os cegos enxergarem, limpando leprosos e expulsando demônios.

Beatriz parou de comer e ficou ouvindo, muito interessada. A luz das velas punha reflexos avermelhados nos interlocutores, criando estranhas sombras em derredor. Um ar de mistério envolvia todas as coisas e o ambiente encontrava-se impregnado de suaves vibrações.

– Será crível tudo isso, Samuel? – perguntou a esposa, com ar de incredulidade.

– Dizem que é a mais pura verdade! E afirmam mais. Que esse profeta prega uma doutrina de amor e de perdão. Aonde vai, atrai sempre grande

multidão de gente, o que tem deixado os sacerdotes do Templo apreensivos. Sua palavra é envolvente e todos o seguem, até as mulheres de má vida, os publicanos e demais desclassificados da nossa sociedade.

– E ele permite?... – indagou novamente Edite, cheia de espanto.

– Sem dúvida! Considera todos os homens como irmãos e afirma que Deus é Pai amoroso que ama a todos os seus filhos, não fazendo distinção alguma entre eles. Considero essas ideias muito perigosas. Até já fui convocado para uma reunião, que será realizada no Sinédrio, para estudar esse assunto. O pretense profeta claramente infringe a Lei de Moisés, desvirtuando os ensinamentos ancestrais da nossa raça.

– E onde está esse profeta? – perguntou Beatriz, procurando não demonstrar muito interesse.

– Em qualquer lugar. Não tem local certo e determinado. Hoje está numa cidade, amanhã estará em outra, pregando sempre em lugares diferentes. Dizem, porém, que ele tem preferência por Cafarnaum, onde reside um dos seus mais fiéis seguidores, um reles pescador.

Beatriz ouvia com o coração aos saltos. Pela primeira vez, chegava a seu conhecimento notícia de alguém que expusesse ideias tão elevadas, quais as desse profeta galileu. Gostaria muito de conhecê-lo, de ouvi-lo falar. Esse homem deveria ser muito especial por considerar a todos como irmãos e não desprezar nem mesmo as mulheres de má vida. Na sua ingenuidade, Beatriz comparava-se a elas e interiormente se reconfortava.

Suave sentimento aquecia seu íntimo inundando-a de alegria estranha e inusitada. Naquela noite Beatriz demorou a conciliar o sono, ansiosa por obter maiores informações sobre o profeta. Lembrou-se de Isabel, que estava enferma e que poderia ter a graça de ser curada por ele.

Na manhã seguinte, a jovem acordou com excelente disposição e cumpriu com alegria as obrigações domésticas, que eram de sua responsabilidade uma vez que Edite era idosa.

Normalmente, ao final das tarefas, estava cansada e sem ânimo para mais nada. Nesse dia, porém, sentia-se diferente. Trabalhara com fortaleza de ânimo e alegria, mantendo sempre o otimismo e o bom estado de espírito.

Após o almoço, enquanto Edite ocupava o tempo trabalhando no tear, arrumou-se e disse:

– Mãe Edite, tudo está pronto. Se não precisas mais de mim, vou ver como está Isabel.

– Sim! sim! vai, minha filha. Transmite à nossa amiga os meus votos de pronto restabelecimento. Que o Senhor te acompanhe!

Beatriz saiu de casa qual um passarinho em liberdade. Chegando à moradia de Isabel, no outro extremo da cidade, entrou com fisionomia radiante.

A doente sorriu, recebendo-a com carinho.

– Vejo que estás com excelente aspecto hoje, Beatriz. Algum motivo especial?

A juvenzinha contou-lhe então, com entusiasmo, as notícias que ouvira na noite anterior a respeito do estranho homem que andava fazendo milagres.

Os olhos da enferma brilharam, como se dotados de nova luz.

– Beatriz! Também gostaria muito de conhecer esse profeta! Quem sabe Jeová não me concederia a graça de ser curada por ele? Mas como fazer? Não posso caminhar! Não temos uma carroça ou mesmo um cavalo...

– Levar-te-ei comigo, Isabel. Improvisaremos uma maca e eu te conduzirei.

– Não, minha Beatriz. O fardo seria superior às tuas forças. Não quero aumentar teus problemas. Vai sozinha e, se encontrares o profeta, pede-lhe que venha cá me curar. Se é tão bom quanto afirmam, não deixará de atender ao meu pedido. Caso isso seja impossível, não tem importância. Estou idosa e compreendo que minha hora não tarda. Mas faço questão que procures o profeta, que o ouças e que me tragas notícias dele. Sinto que estamos no limiar de grandes acontecimentos e não quero morrer sem a confirmação daquilo que penso.

– E o que pensas, Isabel?

A velha senhora fitou um ponto ao longe, como se imersa em divinas imagens. Seus olhos adquiriram um brilho diferente, e murmurou com entonação de profunda fé:

– Penso que esse profeta galileu é aquele esperado e descrito desde muitos séculos pelos profetas da nossa raça. Aquele que viria para recolocar as coisas no seu devido lugar e salvar o povo eleito da garra dos seus opressores.

Fez uma pausa, e Beatriz completou, exclamando com unção:

– O Messias! ...

A jovem, perplexa e maravilhada, sentia a grandeza daquela hora e a

importância desse acontecimento, se verdadeiro.

– Acreditas mesmo nisso, Isabel?

– Só teremos a confirmação depois que tu o encontrares!

A jovem concordou e passaram o resto da tarde a fazer planos.

Ao anoitecer, Beatriz retornava para casa quando, ao virar uma esquina, deparou com um vulto ameaçador. Era o homem que a perseguia sem descanso. Agarrou-a pelo braço. A moça soltou um grito, assustada. Jamais ele se atrevera a aproximar-se tanto. Tapando-lhe a boca com a mão, sussurrou:

– Não grites! Sou eu e não quero fazer-te mal algum.

Percebendo que se aquietara, ele a soltou. Estavam muito próximos um do outro e podiam sentir o calor que se desprendia de seus corpos.

– Não pude resistir mais. Precisava ver-te, falar-te.

– Como ousas interceptar meus passos? – protestou ela.

– Não me repilas, Beatriz. Estou louco por ti. Não respondeste às minhas súplicas e tenho esperado em vão. Deponho minha vida a teus pés, aceita o oferecimento que te faço!

Apesar de trêmula e emocionada, a jovem aduziu:

– Deixarias tudo por minha causa? Abandonarias família e posição social?

Os olhos dele se apagaram e fitou-a com tristeza, lentamente baixando a fronte. O que ela lhe pedia era impossível.

Beatriz suspirou, meneando a cabeça.

– Vejo que não. Então, como te atreves a sugerir-me ser tua concubina, quando não posso ser tua esposa?

Fitando-a, decepcionado, ele murmurou:

– Não é suficiente o que te ofereço?

– Não.

– Ofereço-te minha vida e meu amor!

– Ofereces-me uma existência criminosa, em desacordo com a lei do nosso povo.

O homem calou-se e ela, aproveitando o momento, afastou-se quase a correr. Lágrimas ardentes escorriam-lhe pela face ante a humilhação a que fora submetida.

Ele não a seguiu; ficou parado, pensativo, os braços estendidos ao longo do corpo em posição de profundo desânimo.

Beatriz entrou em casa exausta e ofegante. Felizmente o casal não estava e pôde livremente dar vazão às lágrimas. Recolheu-se ao leito, triste e humilhada.

No dia seguinte, comunicou a Samuel e Edite que, como Isabel estivesse pior, pretendia ficar alguns dias com a amiga idosa, para fazer-lhe companhia e atendê-la em suas necessidades.

Como nada tivessem a opor, arrumou algumas coisas num saco de couro de carneiro, incluindo um pedaço de pão que assara no dia anterior e um pedaço de queijo feito com leite de cabra. Despediu-se e saiu. Na verdade, ia em busca do carpinteiro galileu, que tanto queria encontrar. Combinara com Isabel nada dizer a Samuel e Edite porque não ignorava a maneira estreita de pensar deles, certa de que o fariseu, se soubesse das suas reais intenções, não a deixaria ir em busca do profeta.

Capítulo 9 (2ª parte). O Messias

“Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim revogar, vim para cumprir.”

(Mateus, 5:17.)

Saindo da cidade, Beatriz tomou o rumo de Cafarnaum, que, segundo ouvira dizer, era o local preferido do profeta. Teria um longo trajeto a percorrer, mas a juvenzinha não se atemorizava. Seu objetivo era encontrar o profeta e o encontraria. Nada a demoveria do seu intento.

No caminho, surgiram outras pessoas e, pelas conversas que ouvia, ficou sabendo que também iam em busca do Rabi. Fez amizade com algumas delas que viajavam numa carroça, e prosseguiram juntas.

De quando em vez alguém dava notícias do carpinteiro galileu: “– Está em tal lugar”! Logo, porém, vinha outro e dava informação diferente. Até que um homem afirmou com certeza de lhe conhecer o paradeiro.

Com renovadas esperanças, encaminharam-se para o local anunciado. Atravessaram a Judeia e a Samaria em direção à Galileia. O povo aumentava cada vez mais.

Ao chegarem, depararam um panorama estranho e encantador. Num extenso vale, imensa multidão aglutinava-se. Cada qual se acomodava como podia, sentado no chão ou em alguma pedra.

Beatriz observava toda aquela gente, que trazia no semblante ansioso as marcas de uma busca interior e de uma grande esperança. Leve brisa soprava como se entoando misteriosa melodia. A atmosfera, balsamizada pelo perfume das flores do campo, prenunciava algo de diferente no ar. Mais além erguia-se um monte, atrás do qual o sol principiava a esconder-se.

Nesse momento algumas pessoas surgiram, caminhando no meio do povo. Uma delas chamou a atenção de Beatriz.

Era um homem de estatura elevada, porte erecto e nobreza de gestos. Seus cabelos, à nazarena, desciam até os ombros. O semblante, radioso, traduzia imensa ternura. A distância, a juvenzinha sentiu-se fortemente atraída por aqueles olhos claros, doces e magnéticos, que fitavam a multidão com divina piedade.

O coração de Beatriz batia forte. A emoção que aquela presença augusta desencadeara em seu íntimo era indescritível.

Todos haviam-se acomodado, inclusive seus acompanhantes. Só ele permanecia de pé, altaneiro.

Nesse instante, Jesus começou a falar e sua voz soou aos ouvidos da jovem com uma tonalidade diferente e única. Beatriz teve a íntima certeza, naquele justo momento, que aquela voz ficaria impregnada para sempre em

sua memória. Através do tempo e do espaço ela continuaria ecoando em seus ouvidos.

“– Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos porque herdarão a Terra.”

Não conteve as lágrimas, que desciam abundantes lavando-lhe o interior.

Aquelas palavras caíam na alma de Beatriz como chuva benfazeja que fecunda a terra. Calavam-lhe fundo no íntimo, revigorando suas energias e produzindo uma fé robusta e duradoura. Não eram simples vocábulos pronunciados ao vento, era a resposta do Senhor às criaturas desvalidas e sofredoras do mundo.

E ele continuava falando... A uma pausa mais longa, Beatriz olhou em torno e notou que todos estavam tão emocionados e encantados quanto ela mesma. Apesar da distância, podiam ouvi-lo perfeitamente. Nem uma palavra se perdia.

Prosseguia Jesus:

“– Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á.

“Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente?

“Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lho pedirem?

“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os profetas.”¹⁷

Agora Beatriz passava a ter uma outra visão de Deus e da própria fé. Sim, tudo quanto aquele homem extraordinário dizia tinha um sentido profundo e grandioso. Intimamente, nunca sentira a verdadeira fé porque não podia compreender aquele Deus dos seus ancestrais; aquele Deus de que Samuel lhe falava, mais preocupado com os atos exteriores das criaturas, sem levar em conta os sentimentos interiores; um Senhor vingativo, cruel e sanguinário. Ao contrário, Jesus falava num Deus Todo-Poderoso, mas, sobretudo, Pai amantíssimo, e que queria o melhor para seus filhos.

Beatriz suspirou, sorrindo satisfeita mais para si mesma. Sentia-se agora

realmente amada e em segurança, confiante e tranquila. Uma doce paz a envolveu.

Mas o Profeta galileu continuava sua pregação:

“– Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. Quão pequena é a porta da vida! quão apertado o caminho que a ela conduz! e quão poucos a encontram”! 1815

Compreendia perfeitamente o que o Nazareno queria dizer com esse ensinamento, que parecia dirigido especialmente para ela. Lembrou-se naquela hora do seu conflito interior, do assédio emocional daquele homem sedutor que desejava levá-la para o mau caminho, e percebeu que tudo mudara. Já não a incomodava pensar naquele homem. Ele não a atraía mais, já não tinha nenhuma ascendência sobre ela. Tudo o que vivera parecia distante e sem importância. Com alívio, viu-se liberta da opressão que sofrera nos últimos tempos e limpa de quaisquer anseios menos dignos.

Mentalmente revendo a figura do homem que dizia amá-la, mas que não conseguia fazer qualquer sacrifício ou renúncia por ela, um sentimento de piedade e de ternura por ele a envolveu porque compreendeu o quanto ele era infeliz e, certamente, o quanto deveria fazer infelizes todos os que o rodeavam.

Jesus terminara de falar e todos estavam maravilhados com sua doutrina.

Naquele momento um grande tumulto se fez. A multidão, que até então ouvia calada e atenta as palavras do Profeta, agora procurava acercar-se dele na esperança de obterem a cura para seus males.

Beatriz, levada de roldão, foi arrastada pela turba ansiosa e aflita. E o Senhor curava a quantos se aproximavam, impondo as mãos diáfanas sobre suas cabeças e libertando-os das suas enfermidades.

Distante uns 30 passos, a jovem estava impossibilitada de acercar-se do Rabi, em face da grande multidão à sua frente com o mesmo objetivo. Beatriz olhava-o a distância, encantada com sua figura majestosa.

Nesse momento, talvez atraído pelo olhar dela, ele ergueu os olhos e fitou-a. Um elo pareceu uni-los um ao outro, e a mocinha sentiu um frêmito de emoção, enquanto um grande hausto de amor tomava conta de todo o seu ser.

Beatriz teve a íntima convicção de que Ele “sabia” o que ela desejava, sem que precisasse lhe pedir. Da mesma forma, percebeu nitidamente a

resposta que lhe enviava:

“– É da vontade do Pai que tua amiga goze da verdadeira vida a que fez jus. Não te preocupes. Ela ficará curada. Confia e trabalha, serve e ama, atenta aos deveres que tens para com o Pai, para contigo mesma e para com teus semelhantes”.

Beatriz compreendeu, sem necessidade de palavras, que Jesus lhe assegurava a morte de Isabel, mas isso não lhe causava agora tristeza ou pesar. Ao contrário, sentiu que, para a amiga, seria uma libertação, porque iria viver num mundo melhor. Entendeu claramente que a enferma ficaria curada no “Reino dos Céus”.

O Rabi foi arrastado pelo povilêu para outra direção e Beatriz perdeu-o de vista.

Nada mais tinha para fazer ali. Todos já estavam deixando o local e a noite não tardaria. Era preciso retornar e teria um longo trajeto a percorrer.

Voltou de carroça com seus companheiros de viagem até perto de Jerusalém, onde se separaram. O destino deles era Emaús, e foi com emoção que se despediram, já afeiçoados uns aos outros.

Dali por diante, Beatriz caminhou sozinha mais um bom trecho, até que se aproximou da grande cidade. Em extremo estado de fadiga, ao entrar em Jerusalém tomou o rumo da casa de Isabel. Encontrou a velha senhora ansiosa por sua chegada. Seu estado de saúde piorara, mas mantinha-se firme como uma rocha, informou à vizinha que ficara tomando conta da enferma enquanto a jovem estava ausente.

Isabel não queria morrer sem ouvir as novidades da boca de Beatriz. Mal a mocinha entrou no quarto, a doente perguntou:

– E então? Tu o viste?

Notando o precário estado de saúde da amiga, Beatriz tentou acalmá-la:

– Sim. Eu o vi. Mas não fales, Isabel. Não debes fazer qualquer esforço. Temos muito tempo para conversar.

Com expressivo gesto, a doente retrucou:

– Não tenho tanto tempo assim. Conta-me, Beatriz. Não me deixes nesta agonia!

– Acalma-te, Isabel! Está bem. Contar-te-ei tudo o que ouvi e presenciei.

Apesar de exausta da longa viagem, coberta de poeira como estava, os pés sangrando, feridos pelos seixos do caminho, Beatriz sentou-se ao lado do leito e relatou, pormenorizadamente, tudo o que acontecera desde que

deixara Jerusalém. As dificuldades para obter notícias do Profeta, a multidão que aguardava para ouvi-lo, a mensagem que ele transmitira ao povo, e que ficara indelevelmente gravada em sua memória. E as curas, os milagres que ele fizera após a preleção.

Só omitiu o estranho fenômeno que ocorrera entre ela e o Nazareno, para não impressionar a amiga com a predição da sua morte.

Isabel estava comovida. A adolescente conseguira transmitir-lhe toda a emoção e a grandeza daquele encontro com Jesus, o Rabi da Galileia.

Enquanto as lágrimas desciam mansamente pelo rosto pálido e sulcado de rugas, Isabel afirmou:

– Agora tenho a confirmação de minhas suspeitas. Ele é realmente o Messias!

Beatriz, também em prantos, balançando a cabeça e apertando fortemente a mão da enferma, concordou reverente:

– Sim. Também não tenho nenhuma dúvida, Isabel. Em que pese minha pouca idade e inexperiência, tudo o que ouvi e presenciei asseguram-me que ele é o Salvador, o Messias tão aguardado pelo nosso povo!

Ficaram assim, longo tempo abraçadas, entregues aos próprios pensamentos, perplexas e encantadas com a constatação dessa realidade e da importância desses acontecimentos para o povo judeu, que havia séculos aguardava ansiosamente, munido de extraordinária fé, a vinda do Cristo – O Ungido de Deus!

Capítulo 9 (3ª parte). O Messias

“Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica, e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.”

(Mateus, 13:23.)

Há algumas horas, Isabel deixou a veste física, velha e rota, rumo à Pátria Espiritual. Beatriz mandou portador comunicando a Samuel, que tomou todas as providências para que o sepultamento se fizesse segundo os rituais do judaísmo.

Depois das cerimônias fúnebres, Beatriz retornou com Samuel e Edite para casa. Estava calada e circunspecta. Sabia que precisava contar ao casal os acontecimentos dos últimos dias. Era até uma obrigação moral, em face do muito que tinha recebido deles desde a infância de criança órfã. Sabia que mentira, mas as informações que trazia eram tão importantes que, julgava, suplantariam tudo o mais.

Assim, após dormir dois dias ininterruptamente, refazendo-se da viagem – o que não causou estranheza em vista dos serviços e cuidados que prestara à enferma, e, posteriormente, das canseiras com os funerais –, Beatriz muniu-se de coragem e se dispôs à confissão.

Samuel terminara suas abluções e sentara-se na sala, onde Edite entretinha-se no tear. Beatriz acomodou-se também e, pedindo permissão, principiou a falar:

– Pai Samuel e mãe Edite, tenho algo de muito importante para confessar a ambos. Sei que ficareis decepcionados comigo, mas espero que compreendais meus motivos.

E assim relatou, como fizera com a querida morta, tudo o que acontecera naqueles dias em que estivera ausente, sem nada omitir. Eles ouviam calados, sem interromper. Quando terminou, Beatriz, que percebera a ira se concentrando nos olhos de Samuel, jogou-se aos pés do varão e suplicou:

– Pai Samuel, sei que errei, mas foi por uma causa justa. Perdoa-me!

– Tu nos enganaste! Pensávamos que estavas zelando por Isabel e, enquanto isso, corrias atrás do maldito galileu!

– Não, meu pai, ele é realmente um Profeta, como há muito nosso povo não tinha! Por tudo o que vi e ouvi, posso afirmar que ele é o Messias tão esperado! Além disso, foi a própria Isabel quem me pediu fosse ao encontro dele!

Cheio de ódio, olhos congestos e respiração sibilante, Samuel ergueu os braços teatralmente, gritando:

– Não blasfemes, criatura! Foste contaminada por esse enviado do demônio! Afasta-te de nós! Já não és digna de morar sob este teto, que por tantos anos te agasalhou!

Edite, horrorizada, vendo a tempestade que se acumulava sobre suas cabeças, chorava, suplicando ao marido que tivesse piedade, pela primeira vez, opondo-se à vontade dele.

– Cala-te, mulher! Não defendas essa criatura mentirosa e desclassificada que desrespeitou a nossa casa honrada! Caso contrário, irás junto com ela! Expulsar-te-ei também!

Edite, em prantos, olhou para Beatriz sem saber o que fazer, mas a jovem, cheia de compaixão, disse:

– Mãe Edite, errei e tenho que pagar. Não te preocupes comigo. Estás idosa e teu lugar é ao lado do esposo que o Senhor te concedeu.

Dominado pela ira, Samuel apontou a porta da rua:

– Fora! Não ficarás mais nem um minuto nesta casa.

– Piedade, Senhor! Dá-me ao menos o tempo necessário para que encontre um local onde possa me abrigar!

– Não! Aqui mando eu! Nada mais tens a fazer nesta casa, criatura ingrata. Fora! Fora! ...

Ante tamanha intransigência, Beatriz pegou sua mochila de couro de carneiro e não disse mais nada. Apenas trocou um olhar com Edite, que chorava convulsivamente, e, tranquilizando-a com um gesto, foi embora.

Na rua, sem saber para onde ir, que rumo tomar, a jovem caminhou sem destino por algum tempo. Seus pés, pela força do hábito, a levaram em direção à casa de Isabel. Lá chegando, Beatriz sentou-se no chão e pôs-se a chorar. Sua amiga já não existia mais. Em vão batera naquela porta, agora cerrada para sempre.

A lembrança do homem que tanto a assediava surgiu como alternativa naquela hora acerba. Quem sabe seria uma solução para o seu problema? Com ele teria tudo. Casa confortável, escravas, luxo, riqueza e amor. E os pés, ainda feridos da longa viagem, lhe doíam tanto!

Sentiu-se tentada a procurá-lo.

Nesse momento, porém, veio-lhe à mente a figura excelsa de Jesus de Nazaré e pareceu-lhe ouvir de novo suas palavras: “Larga é a porta da perdição, estreita é a porta que conduz à salvação”.

Sim!, sem dúvida, procurar amparo naquele homem que tanto a desejava seria o caminho mais fácil e mais cômodo. Teria tudo o que uma mulher pudesse almejar.

Suspirou fundamente e pensou: só não teria o respeito próprio nem o das

outras pessoas.

Naquela contingência amarga da vida, quando estava desesperada e sem saber o que fazer, a imagem do Mestre galileu surgiu como um bálsamo em sua mente, caindo sobre ela como aragem bendita, renovando-a por dentro e acalmando-lhe os receios.

Naquela hora, Beatriz decidiu que iria em busca do Rabi porque só ele poderia dar o que ela estava precisando.

Assim, levantou-se e, de ânimo renovado, partiu. Teria que refazer todo o longo trajeto, mas sentia-se fortalecida. Agora que não tinha família nem alguém com quem se preocupar, somente junto dele encontraria abrigo.

* * *

Ao rever Jesus sentiu-se compensada por todo o seu esforço, dificuldades e canseiras. Desse dia em diante, jamais deixou seu Mestre nazareno. Onde quer que ele estivesse, ela ali também estaria.

Procurava sempre acercar-se dos grupos familiares, pois, como fosse muito jovem e desprotegida, não queria que os homens se dessem ao direito de perturbá-la, julgando-a indefesa e só. Assim, quem a visse de longe, teria a impressão de que ela fazia parte de alguma família.

Alimentava-se frugalmente. Muitas vezes, pessoas de bom coração lhe davam o que comer, percebendo que ela estava com fome. Ou então, ela pedia em alguma casa e nunca lhe negavam um prato de comida ou um lugar onde pudesse repousar o corpo cansado.

Naquela época, como as estalagens e hospedarias eram em número reduzido e as pessoas geralmente não tinham recursos para pagar uma hospedagem – diferente de hoje, quando há tanto conforto e facilidades em termos de transporte e alojamento –, os viajantes costumavam solicitar abrigo aos habitantes das aldeias por onde passavam, e estes não se negavam a socorrer alguém nessas condições.

No meio da multidão, Beatriz passava despercebida, porque ninguém dava atenção a uma jovem, quase uma menina, que viajasse ao lado dos parentes.

Dessa forma, ela seguiu Jesus por todos os lugares, cada vez mais apaixonada por ele e por sua doutrina. A cada dia compreendia melhor a grandeza da missão do Rabi e das mensagens que deixava ao se dirigir ao povo.

Jamais fora tão feliz. Esse foi o período mais rico e o mais importante de

toda a sua curta existência.

Mas veio o Quatorze de Nisan e, com ele, uma outra fase de extremo sofrimento. Jesus fora preso e o povo estava assustado. Beatriz não vira a prisão do seu Mestre; sempre que ele queria ficar a sós com seus discípulos, ela se afastava, não desejando parecer intrusa. Assim, adormecera ao pé do Jardim das Oliveiras, em local protegido pela vegetação, de modo que ninguém a pudesse ver.

Ouviu, a certa hora, um grande clamor e muitos archotes. Não tinha ideia do que estava acontecendo. Ficou escondida, observando. Havia muitos sacerdotes do Templo, mas, como a quantidade de soldados romanos era grande, julgou que estivessem atrás de algum criminoso foragido, fato comum naquela época.

Quando desceram do Getsêmani, Beatriz percebeu, com infinito assombro e horror, ladeado pelos soldados, o seu Rabi.

Perplexa, não podia acreditar. Então era Jesus de Nazaré que eles estavam procurando? Como podia ser isso? E seus seguidores, onde estavam? Não os viu no meio do povo. Queria poder fazer alguma coisa, mas a sua condição de quase criança e, sobretudo, de mulher, a impediam. E, além disso, o que poderia fazer uma única pessoa contra aquela multidão? Era impossível!

Assim, acompanhou o séquito a uma distância regular e viu para onde levaram Jesus. Tentou falar com um soldado para saber do que o Profeta estava sendo acusado, mas ninguém lhe deu atenção. Apenas um deles notou sua presença, porém, fitando-a com olhos cúpidos, tentou agarrá-la, perguntando que interesse poderia ter naquele criminoso uma juvenzinha tão bonita.

Desvencilhando-se dos braços do romano, Beatriz resolveu tomar mais cuidado. Juntou-se a um grupo de mulheres em torno de uma fogueira e aguardou.

O sofrimento apenas começava. Passaram toda a noite ali, esperando. No dia seguinte, Jesus de Nazaré foi julgado e condenado à morte por crucificação.

Beatriz acompanhou todo o sofrimento e o martírio do Cristo, sem poder fazer nada para socorrê-lo. Viu-o ser pregado no madeiro e exposto ao público em meio a dois ladrões. Sentia-se fraca e impotente. Justamente ele, que tanto dera às pessoas, nada recebia em troca. Com exceção de algumas

poucas que lhe eram afeiçoadas, inclusive sua mãe, todas as demais estavam ausentes.

Após a morte de seu Mestre, Beatriz viu-se novamente perdida e desesperada. No momento mais difícil de sua existência, encontrara nele alento, sustentação e fortaleza de ânimo. Suas palavras calavam fundo no coração e na mente da jovem, e tinha ela certeza de que jamais se esqueceria de tudo o que ouvira daquele homem extraordinário.

Mas agora, o que fazer? Beatriz, pálida e desfeita, exausta de tanto chorar, queria ficar sozinha. Estava sem rumo. Não queria ver ninguém. De novo sem ter para onde ir, lembrou-se de uma gruta onde já se abrigara anteriormente, no meio do mato, e para lá se encaminhou. Ali permaneceu por muitos dias, entre a vida e a morte, dominada por uma febre insidiosa, sem alguém que lhe desse um pouco de água para aplacar-lhe a sede, algum alimento ou quaisquer cuidados de que estivesse necessitada.

Alguns dias depois, um morador da região, que andava à procura de certa erva medicinal, a encontrou. Passava pelas imediações quando ouviu gemidos. Percebendo que provinham da gruta, entrou e, com assombro, deparou com a jovem, que delirava banhada em suor, em meio à febre que a consumia. Compreendendo que, se não recebesse cuidados, a enferma morreria, imediatamente, tomou-a nos braços e levou-a para sua casa, tratando dela com generosa solicitude.

Entre Beatriz e seu generoso salvador estabeleceu-se logo forte vínculo afetivo. Oseias, que beirava os 40 anos, apesar da aparência assustadora, era boa pessoa. Tinha os cabelos bastos e encaracolados; a barba sem trato, a voz áspera e o jeito rude mantinham as pessoas a distância. Contudo, tinha bom coração, e quem o conhecia acabava por estimá-lo. Assim, logo que ficou curada, grata por tudo o que ele lhe fizera, Beatriz pôs-se a ajudá-lo no trabalho.

Oseias morava sozinho e tinha apenas uns poucos servidores para trabalhar no cultivo da terra. Desde que sua esposa morrera, fechara-se na solidão.

Com a presença de Beatriz, tudo mudara. Ela tornou-se a filha que ele nunca tivera, e ele o pai que ela tanto queria.

Certa ocasião, já muito amigos, Oseias perguntou à Beatriz à razão por que uma jovem, quase uma menina, estava sozinha naquela gruta.

Beatriz narrou então a sua história. Falou dos pais, especialmente da mãe,

que ela muito amava e que tão cedo perdera. Contou de Samuel e Edite, da doença da amiga Isabel e, naturalmente, de Jesus de Nazaré.

Oseias ouvia com atenção e enlevo. À medida que ela falava, mais ele se emocionava. Quando Beatriz terminou sua narrativa, horas depois, aquele homem rude e de aparência apavorante tinha os olhos nublados de pranto.

A partir desse dia, todas as tardes eles se reuniam para conversar sobre Jesus e seu Evangelho. Aos poucos, os outros trabalhadores também se aproximaram para ouvir e a pequena assistência foi aumentando cada vez mais.

Beatriz comentava com sentimento e unção as passagens do Evangelho de Jesus, narrando com maestria as parábolas, os ensinamentos e as curas efetuadas pelo Mestre. Gostava de falar, especialmente, de Maria de Magdala, a mulher de vida luxuosa e desregrada, que tudo abandonara por amor ao Rabi.

Depois, oravam em conjunto, auferindo grande bem-estar e alegria, otimismo e disposição para o trabalho, além de fé robusta e inquebrantável naquele Deus-Pai, do qual Jesus tanto falara.

Oseias não gostava de sair da propriedade. Certo dia, porém, precisou ir à cidade e voltou com uma notícia surpreendente, extraordinária: Jesus ressuscitara! Fora visto, conversara com seus apóstolos! O Mestre estava vivo!

Isso acontecera havia quase dois meses, mas o povo não falava em outra coisa na cidade.

Aquela noite foi muito especial. Fizeram uma festa e comemoraram o retorno de Jesus. Com gritos de “hosanas ao Senhor!”, dançaram e cantaram. Beatriz sentia-se renovada. Toda aquela dor represada explodia em gloriosas esperanças.

Daí em diante, tudo adquiriu um novo significado e colorido porque Jesus voltara para testemunhar seus ensinamentos.

* * *

Alguns dias depois, apareceu uma criança pelas imediações. Estava suja, faminta e afirmava não ter ninguém. Sua mãe havia morrido e não tinha quem cuidasse dela. Era uma menina de seis anos de idade.

Beatriz comoveu-se. Essa criança lembrava-lhe muito sua própria história. Levou-a para casa e cuidou dela com carinho. Chamava-se Samara.

Algum tempo depois, a pequena Samara encontrou um bebê que alguém

deixara no portão da propriedade. Vinha envolto em trapos e chorava de fome. Quando o recém-nascido abriu os olhos, Beatriz deixou-se envolver por um sentimento doce e maternal. Pegou-o nos braços envolvendo-o com muito amor. Era um menino e deu-lhe o nome de Isaías, o mesmo de um profeta antigo e que mais admirava.

Mais alguns dias, apareceu um rapazinho de dez anos, depois outro de oito anos e ainda outra menina, de dois anos, que a mãe, muito doente, ouvindo falar na bondade de Beatriz, trouxera para que cuidasse. A fama da jovem se espalhava.

Oseias, no início, não aceitara bem as intromissões. Depois, abria grande sorriso cada vez que uma nova criança chegava ao sítio. Como a habitação estivesse ficando pequena para uma família tão grande, Beatriz pediu-lhe permissão para ocupar alguns cômodos, fora do corpo da casa, onde outrora haviam morado os pais de Oseias. Desde que morreram, essas dependências não estavam sendo utilizadas.

Oseias concordou e mandou reformar as antigas instalações para que ela e seus protegidos pudessem ter maior conforto.

Dentro de pouco tempo, dez crianças estavam sob os cuidados da abnegada jovem, que tratava delas com infinito amor.

Os anos se passaram. As crianças cresceram e, tornando-se adultos, iam cuidar da própria vida. Alguns ficavam, incapazes de se afastar do lugar onde cresceram, e ajudavam-na a cuidar dos menores. Outros “filhos” vinham tomar o lugar daqueles que se foram e ela continuava firme no seu labor.

Já não tinha o frescor da juventude de outrora. A beleza juvenil fora substituída pela maturidade orgânica, que lhe branqueou os cabelos e esculpiu-lhe no belo rosto as marcas do tempo; as mãos níveas e delicadas ficaram ásperas e enrugadas pelo trabalho, mas jamais desanimou ou queixou-se de qualquer coisa.

Seus olhos, porém, mantinham a mesma chama de antes, o mesmo calor e o mesmo brilho juvenil.

Quando Oseias morreu, vitimado pela peste branca, Beatriz verificou, com emoção, que ele se preocupara em agir como um verdadeiro pai. À falta de descendentes e de outros parentes que pudessem reivindicar direitos, Oseias, antes de falecer, fê-la sua herdeira, deixando assim Beatriz na posse da propriedade, o que assegurava o futuro dela e o dos seus

protegidos. A generosidade de seu protetor, porém, conquanto lhe desse segurança e tranquilidade, acrescentou-lhe novas responsabilidades e novos deveres.

No entanto, Beatriz não era de fugir à luta e aceitou as novas tarefas com coragem e determinação, que de resto era o que já vinha fazendo desde que Oseias adoecera.

Assim, ela passou a administrar também a herdade, auxiliada por seus “filhos”, Samara e Isaías, agora adultos. Nos finais de tarde, após o afanoso labor do dia, ela gostava de discorrer sobre a vida de Jesus, relatando seus feitos e ensinando sua doutrina para quantos quisessem ouvi-la.

E as crianças cresciam aprendendo a história daquele homem tão bom, aquele humilde carpinteiro de Nazaré, que viera libertar as criaturas das suas imperfeições, ensinando-lhes o amor, a paz, o perdão. E de um Deus, Pai misericordioso e bom, que amava da mesma maneira a todos os seus filhos. E tornavam-se outros tantos divulgadores da Boa Nova, espalhando as sementes do Evangelho onde estivessem.

E quando alguém lhe perguntava por que não se casara, Beatriz lembrava-se daquele homem que se dizia enamorado dela, que tanto a assediara, mas que não pudera dar-lhe nada, e respondia:

– Casar por quê? Jamais apareceu o homem certo que pudesse me fazer feliz. E depois, encontrei em Jesus e em meus filhos tudo o de que preciso para viver! Não sinto falta de nada!

Quando, alquebrada pelos anos, já não conseguia trabalhar como antes, seus filhos diletos incumbiram-se de tomar conta de tudo, dividindo as tarefas e realizando todo o serviço, além de cuidarem da “mãezinha” com desvelado amor.

Certa madrugada fria e nevoenta encontrou os moradores da propriedade compungidos. Beatriz estava agonizante. Tinha agora 56 anos bem vividos, dos quais 40 dedicados ao próximo.

Nos estertores da morte, ainda consolava as crianças que choravam ao lado do leito, acariciando-lhes as cabecinhas.

– Não choreis. Não vou deixar-vos. Acreditais que possa separar-me de vós, a quem tanto amo? Estaremos juntos. Quero pedir que sejais bonzinhos e que obedeçais a Samara e Isaías.

– Mas vamos sentir tua falta, mamãe! – dizia um.

– Abraão disse que não voltarás mais! – afirmava outro em prantos.

Com extremo carinho, não obstante a dispneia, a agonizante tranquilizou-os:

– Não, meus queridos, Abraão se enganou. Alguém se lembra daquela... história que... tantas... vezes... vos contei sobre a... ressurreição... de Jesus?

– Lembramos! – responderam em unísono as crianças.

– Alguém... poderia... contar para... mim?

A pequena Hanna, de apenas cinco anos, com sua voz meiga e suave dispôs-se a narrar:

– Jesus havia morrido e toda a cidade estava triste. Até os animais! – acrescentou por conta própria fazendo com que todos rissem, apesar da seriedade do momento. – Então, um dia, seus amigos estavam todos trancados dentro de uma casa e ele apareceu, vivinho! Conversou com todos e até comeu. O que é que ele comeu mesmo?! ...

– Peixe! – ajudou Saul, orgulhoso por demonstrar sua “sabedoria”.

– Isso mesmo! Peixe assado!

– Então... continua! – incentivou-a moribunda.

– ... Então todos ficaram muito felizes e fizeram uma grande festa porque o Messias não tinha morrido!

– Muito bem, querida... Hanna. É isso... mesmo... o que... acontecerá comigo. Não morrerei. Só irei para... um outro... mundo... como... Jesus.

– E também voltarás, mamãe? – perguntou Abraão.

– Certamente! ... velarei... por... todos... vós.

A enferma calou-se por alguns minutos, recuperando as forças. Depois convidou:

– Vamos... orar... como o... Mestre ensinou? Isaías... meu filho...ora...por todos nós.

Com a voz alterada pela emoção, o primogênito elevou os olhos para o Alto e começou a prece dominical:

– Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome...

À medida que repetia as palavras da oração ensinada por Jesus a seus discípulos, Beatriz acalmou-se. A dispneia melhorou e ela passou a fitar o teto do quarto, onde uma claridade intensa se fizera. A seus olhos deslumbrados, surgiram seres diáfanos que povoaram todo o ambiente. Era como se as estreitas paredes do quarto tivessem deixado de existir.

Descortinou o horizonte infinito e cintilante, onde entidades belas e sorridentes a fitavam, dando-lhe as boas-vindas. Percebeu que tinham vindo

esperá-la.

Dentre elas, reconheceu Míriam, sua mãe, que surgia ainda mais bela do que nas suas mais caras lembranças; Oseias, seu querido benfeitor; a amiga Isabel, os “filhos” que tinham morrido em tenra idade e muitas outras pessoas que reconhecia como amigas, mas que não lembrava onde ou quando as conhecera.

E, do meio dessa multidão de seres sublimados, uma claridade mais intensa se fez e Beatriz viu surgir, ao longe, uma figura radiosa que se aproximava. Logo, sob intensa emoção, reconheceu seu querido Mestre Jesus, que tinha vindo recebê-la no pórtico de uma outra vida.

Sentiu-se transportada aos aprazíveis dias da sua adolescência, especialmente àquele momento grandioso e inesquecível do Sermão do Monte, quando tivera a honra e o privilégio de encontrar Jesus pela primeira vez, de ouvir-lhe as palavras que permaneciam indelevelmente gravadas em sua mente.

Ele acercou-se mais e, braços estendidos, sorriu docemente dizendo-lhe:

– Vem! Soubeste sufocar teus sonhos, dedicando-te aos filhos do infortúnio. As sementes brotaram em teu coração generoso e as distribuíste ao teu redor, fazendo com que frutificassem para a eternidade. É chegada a hora da colheita. Fazes jus ao salário do trabalhador dedicado e honesto. Vem! Novas tarefas te aguardam o espírito sequioso de progresso. Agora irás repousar, pois o mereces. Vem, comigo!

Diante do divino convite, mal podendo acreditar em tamanha felicidade, Beatriz cerrou os olhos do corpo, despertando na Espiritualidade. Sentia-se leve e feliz. Já não tinha dores ou falta de ar.

Olhou para baixo e viu os seus filhos que choravam sobre o corpo que acabara de deixar. A pequena Hanna notou o sorriso no rosto da mãezinha morta e intuitivamente murmurou:

– Acho que não devemos chorar. Mamãe está contente. Ela está com Jesus!

Sorridente e jubilosa, a celeste caravana deslocou-se no espaço rumo a outras moradas da Casa do Pai.

Capítulo 10 (1ª parte). O Criminoso

“Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.”

(Mateus, 7:17.)



Na aldeia todos o consideravam um caso perdido. Desde a infância sempre demonstrara péssimo caráter e tendências criminosas. Nem mesmo os pais o toleravam. Atingindo a puberdade, seu comportamento de tal modo passou a comprometer o bom nome da família, que foi expulso de casa.

Não demonstrava nenhum respeito pelas pessoas e, à menor interpelação, respondia agressivo e irreverente; violento, estava sempre envolvido em brigas e disputas; de tendência viciosa, aos 12 anos já era capaz de ingerir grandes doses de bebida, como não o faria um adulto, permanecendo nas tabernas e lupanares até altas horas da noite.

Certo dia, desentendeu-se por bagatela com um amigo de infância. Sumamente nervoso, pôs-se a agredi-lo física e verbalmente. Como fosse o mais forte, de tal modo o golpeou que o seu contendor ficou estirado no chão, como morto.

O pai, informado do que estava acontecendo naquele momento, correu ao

local da briga. Contudo, ao chegar, a disputa já terminara. Deparou com o companheiro de folguedos do filho caído ao solo; em meio à poeira da rua, viu-lhe a cabeça ensanguentada, e a ira dominou o coração do velho pai.

Colérico, ergueu os braços magros e enrugados, bradando com voz estentórica, sem querer ouvir as explicações que o filho, assustado, tentava dar.

– Vergonha da nossa família! Recaia sobre ti a ira do Senhor! Jafar, desaparece da minha vida! A partir de hoje não tenho mais filho!

Arfante, o rapazinho limpou as lágrimas que caíam e, após lançar um olhar dolorido para o genitor, partiu.

Nunca mais se ouviu falar de Jafar naquela região.

* * *

Alguns anos depois, um bando de salteadores ganhou notoriedade na região, pela forma cruel com que matavam suas vítimas.

Certa ocasião, uma notícia agitou a cidade. Um dos bandidos fora preso numa localidade não muito distante. Justamente aquele que se supunha ser o chefe dos bandoleiros. A população exultou. Afinal, gozariam de um pouco de paz e de segurança.

No cárcere para onde fora conduzido, o bandido Tanatos rugia. Caminhando de um lado para outro da cela, de quando em vez parava e dava um murro na parede de pedra, praguejando.

Jafar – pois era ele o terrível bandido cognominado Tanatos – fora pego por acaso. Tendo marcado encontro furtivo com uma mulher, por quem tinha algum interesse, desgarrou-se do grupo, prometendo encontrá-los em local conhecido, certo esconderijo de que se utilizavam sempre que estavam nessas bandas. Os soldados o cercaram e prenderam, antes que pudesse esboçar qualquer reação.

Desesperava-se de pensar que seus companheiros não sabiam que fora aprisionado e, o que era mais grave, desconheciam seu paradeiro. Para seu bando, composto de homens ágeis e corajosos, não havia barreira que não vencessem. Se soubessem que estava preso, não tardariam em vir libertá-lo.

Cada vez mais impaciente, o truculento bandido compreendeu que estava sozinho e à mercê das autoridades. Se não poderia contar com ajuda de fora, teria que usar a cabeça e planejar algo que o livrasse daquela situação.

Daí por diante, resolveu mudar de tática e de comportamento. Parou de esbravejar e dar murros nas paredes, tornou-se afável e simpático. Fez

amizade com o carcereiro, a quem comoveu com sua história, naturalmente contando-a à sua maneira e colocando-se sempre como vítima inocente de circunstâncias adversas.

Com o passar dos dias, delicadamente, pôs-se a reclamar para o amigo carcereiro do tempo que não passava, da monotonia da vida na prisão. Entre um suspiro e outro, lamentava:

– Compreende, meu amigo, não é que eu não goste da tua companhia... mas, se ao menos me fosse permitido fazer alguma coisa...

– O quê, por exemplo? – indagou o carcereiro, interessado em amenizar a situação daquele que se julgava um injustiçado pela vida.

– Sei lá! Talvez se pudéssemos jogar dados...

De tal modo Tanatos havia conquistado as boas graças do pobre homem que ele, penalizado, propôs:

– Se prometes não fugir, abro a porta da cela e poderemos jogar. Naturalmente, ninguém deverá ficar sabendo disso. Este segredo deverá permanecer entre nós.

Exultante, Tanatos concordou:

– Claro! Não fugirei. Faze isso e, quando sair daqui, não te esquecerei. Sou muito rico e te darei muito mais do que ganharias durante toda a tua existência neste local infecto.

Convencido, o carcereiro pegou o molho de chaves e abriu a porta da cela.

Vendo-se livre, porém, Tanatos golpeou-o violentamente nas têmporas e o infeliz caiu ao chão, inconsciente.

Rapidamente o celerado fugiu para bem longe, escondendo-se em meio às pedras da região, que conhecia como a palma da mão, e colocando-se a uma distância considerável de seus perseguidores.

Estava cansado e faminto. Não podia entrar nas cidades e aldeias por onde passava com medo de ser reconhecido. Mas prosseguia sempre, muitas vezes descansando de dia e viajando à noite, quando o movimento diminuía e os caminhos ficavam desertos.

Alguns dias depois, mais tranquilo, transitava por uma estrada quando viu, a distância, dois cavaleiros vindo em sua direção. Assustou-se. Eram soldados romanos. Reconheceu-os pela cor do manto e pelo brilho das armaduras, que refletiam a luz do sol.

Rapidamente, mudou de direção, internando-se no meio de algumas

árvores para evitar que o vissem. Caminhou assim alguns passos, quando se viu próximo às margens do Rio Jordão.

Grande multidão ali estava e uma cena curiosa ocorria naquele instante. Um homem de aparência estranha, magérrimo, vestido com pelos de camelo e uma tira de couro na cintura, olhar coruscante e assustador, conclamava o povo que ali estava para o reino de Deus, dizendo:

“– Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.¹⁹

Tanatos percebeu que deveria ser um desses profetas tão comuns na sua raça e que vez por outra surgiam no meio do povo. Prosseguia ele:

“– Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá ele a tem na mão, e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”.²⁰16

Um arrepio percorreu o corpo de Tanatos. Pela primeira vez sentiu-se algo temeroso. Puxou o capuz do manto, cobrindo a cabeça e aproximou-se. Misturando-se no meio da multidão, fingiu ser um fiel, interessado na arenga. Entrou no rio, à semelhança do que via os outros fazerem, deixando-se batizar. Não confessou, porém, seus pecados.

A água fresca lhe fez bem, revigorando-o. Estava um dia excepcionalmente quente e abafado.

No momento em que saía do rio, gozando estranho bem-estar que havia muito não sentia, algo inusitado aconteceu. Um pequeno grupo de homens acercou-se, e aquele que parecia ser o chefe deles mergulhou nas águas para ser batizado.

Vendo-o, porém, o profeta (veio a saber depois que se tratava de João, o Batista.) o dissuadia, dizendo respeitosamente:

“– Eu é que preciso ser batizado por ti e tu vens a mim”.

Mas o recém-chegado lhe respondeu:

“– Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça”.²¹17

Naquele instante, percebendo que algo diferente ocorria, pelo estranho diálogo entre eles, Tanatos passou a observar melhor a figura bela e majestosa daquele que acabara de ser batizado e sentiu algo de especial dominar-lhe o íntimo.

Não teve muito tempo para pensar, porém. Os soldados romanos tinham-

se aproximado e, displicentemente parados no alto de uma pequena elevação, à margem do rio, observavam a multidão com desprezo, fazendo chacota e dizendo pilhérias sobre a fé religiosa do povo hebreu.

Tanatos aproveitou o momento em que estavam todos envolvidos com a presença daquele estranho personagem e afastou-se, rapidamente, saindo pela margem oposta do rio.

Algum tempo depois, escondendo-se sempre, Tanatos percorria a região da Galileia quando, certa tarde, viu grande multidão que se congregava numa planície. Curioso, acercou-se; notando, pelo aspecto humilde das pessoas, que nada teria a temer, assentou-se no meio delas. Chamou sua atenção o grande número de enfermos, de paralíticos, de cegos, de endemoninhados. Jamais vira tanto sofrimento reunido num mesmo lugar. Queria saber o que estava acontecendo.

Alguém falava e todos ouviam no maior silêncio. Apesar da distância, reconheceu a figura impressionante do homem que fora batizado logo depois dele pelo profeta João. Nunca mais pôde esquecer aquela face serena e aqueles olhos dúcidos. Nunca mais voltara a vê-lo nem sabia de quem se tratava!

Agora, ele ali estava e pregava ao povo. Sua voz soava clara e encantadora, dotada de atração irresistível. Naquele preciso momento, ele dizia:

“– Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar tolo, estará sujeito ao fogo do inferno. Se, pois, ao trazeres ao altar tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo”.²²¹⁸

Jafar, agora o bandido Tanatos, pôs-se a meditar nas palavras que ouvira. Estavam de acordo com sua maneira de pensar. Certo, ele cometera muitos crimes, mas jamais fora hipócrita. O que não aceitava no judaísmo era a

falsidade de muitas pessoas, que cometiam deslizes, até crimes, e depois iam tranquilamente ao Templo para orar e fazer suas oferendas como se fossem limpos de coração.

O extraordinário personagem continuava falando e ele não despegava os olhos da sua figura ímpar. Falou o Profeta ainda sobre o adultério, sobre o falso-testemunho, sobre a vingança, sobre o amor.

“– Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e virem chuvas sobre justos e injustos.”²³¹⁹

As doces palavras daquele homem caíam na alma seca e árida de Tanatos como chuva benéfica cujos pingos são incorporados imediatamente ao solo sequioso.

– Sim – pensava ele –, o Profeta tem razão. Se nós que somos do povo escolhido fizermos o mesmo que os gentios, que diferença existirá entre nós e eles?

Os conceitos de Jesus eram bebidos pelo celerado Tanatos como licor precioso. Sua alma, que jamais ouvira semelhantes ideias, deixava-se impregnar por elas.

Ao mesmo tempo, ele, que conhecia a maneira de pensar dos sacerdotes, dos escribas e dos fariseus, refletia que Jesus estaria correndo sério perigo com seus conceitos revolucionários. Por muito menos, outros já tinham sido presos. Decidiu que, como sua vida não tivesse um objetivo, dedicaria seu tempo a proteger o Profeta. O Rabi precisava de segurança e Tanatos seria sua sombra, seguindo-o por onde fosse. Seria discreto, porque não podia ser reconhecido, mas não se afastaria do seu Mestre.

E assim ele o fez. Em todos os momentos esteve junto do Nazareno, guardando uma discreta distância, mas atento a tudo o que acontecia a seu redor.

A doutrina de Jesus se foi incorporando ao íntimo de Tanatos, à custa de tanto ouvi-lo falar, tornando-se ele um homem completamente diferente do que fora um dia.

A prisão de Jesus deixou-o no maior desespero. Nada podia fazer. Se seus antigos companheiros ali estivessem, talvez ele pudesse tentar uma reação, resgatando o Rabi de seus algozes. Contudo, soubera certa ocasião,

por acaso, que seu bando fora aprisionado e, portanto, não poderia contar com seus companheiros.

Trocaria sua vida, que reputava completamente inútil e sem sentido, pela vida de seu Mestre. Mas tinha certeza de que, caso se apresentasse e fizesse tal proposta, seus adversários seriam duplamente vitoriosos: além de não libertarem Jesus, o manteriam preso também.

Portanto, foi com inaudito terror e sentimento de profunda impotência que Jafar acompanhou o calvário de Jesus e sua crucificação.

Depois disso, foi como se o mundo desabasse sobre sua cabeça. O sofrimento era a tal ponto atroz que ele, antes tão preocupado com sua segurança, agora já não pensava em si mesmo nem se importava mais em ser reconhecido, vagando ao léu, sem ânimo e sem vontade de viver.

Oito dias depois, estava caído na soleira de uma porta, completamente bêbado, quando um grupo de pessoas passou, e ouviu o que diziam:

– Sabem da novidade? O carpinteiro galileu, aquele que foi crucificado junto com ladrões há uma semana, dizem que está vivo! Foi visto por fiéis seguidores seus. Será crível?

Jafar não conseguiu entender mais nada porque o grupo já se afastara, mas ouvira o suficiente. Jesus não morrera! Seu Mestre estava vivo!

Procurou curar a bebedeira, lavando-se numa bica que existia no meio de uma praça, e saiu em busca de maiores informações. Por acaso encontrou Maria de Magdala, que no meio de um grupo de pessoas contava o que tinha acontecido, e sumamente gratificado ouviu da própria boca da ex-meretriz o seu encontro com Jesus.

Ao contrário do que acontecera com discípulos do Rabi, ele acreditou nas palavras de Maria. Não teve qualquer dúvida. Pôs-se a refletir na grandeza desse acontecimento.

Jesus não morrera e sua doutrina também não podia morrer. Era preciso mudar de atitude e procurar ser digno seguidor das pegadas do Cristo.

Tanatos levantou a cabeça e seus olhos brilhavam com nova luz. No momento de maior desespero, desejara acompanhar seu Mestre na morte, mas compreendia agora que isso não era possível. A volta de Jesus tinha um profundo significado para seus seguidores: mostrava que sua passagem pelo mundo não fora em vão e que as sementes lançadas ao solo teriam que germinar e florescer.

Jafar respirou profundamente. Estava determinado a cumprir sua parte na

propagação da Boa Nova, o Evangelho que Jesus legou ao mundo, mostrando o caminho que conduz as criaturas humanas até ao regaço do Pai.

Para isso, de ora em diante, trabalharia sem descanso.

16

19 - Mateus, 3:2

20 - Mateus, 3:11 e 12

17

21 Mateus, 3:14 e 15

18

22 - Mateus, 5:21 a 26

19

23 - Mateus, 5:43 a 45

Capítulo 10 (2ª parte). O Criminoso

“Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.”

(Lucas, 15:7.)

Desse dia em diante, Jafar passou a refletir profundamente naquilo que lhe competia realizar. Chegou à conclusão, por tudo o que seu Mestre pregara, de que, antes de cuidar da modificação de outrem, teria que começar pela sua própria pessoa.

O que fora sua vida até então? – pensava ele. – Uma série de desatinos e de crimes, dos quais tardiamente se arrependia. Contudo, não poderia seguir livremente seu caminho se não reparasse os erros cometidos.

Isolado de todos, por muitos dias Jafar meditou sobre a melhor estratégia a ser adotada. Concluiu que, para reparar seus crimes, era imprescindível procurar aqueles a quem lesara, reembolsando-os dos prejuízos havidos.

Mas como fazer isso? Grande parte daqueles a quem roubara eram desconhecidos, que ele e seu bando atocaiavam numa estrada. Geralmente vinham de terras distantes e apenas de passagem pela Judeia. Muitos eram siríacos, idumeus, samaritanos, até gregos. E isso seria possível em se tratando de bens materiais, mas... e a vida? A quantos destruíra a existência sem preocupar-se com os danos que estivesse causando à vítima ou à família, que certamente ficaria sem o sustentáculo maior?

Sumamente aflito, o remorso a corroer-lhe as fibras mais íntimas, elevou o pensamento em prece, como ensinara Jesus, suplicando ao Pai que o inspirasse, de modo que pudesse colocar em prática suas boas resoluções. Queria fazer o bem, mas não sabia como.

Dormiu, e na manhã seguinte despertou incredivelmente tranquilo. No íntimo sabia o que deveria fazer. Tudo estava claro em sua mente. Não adiantava afligir-se com o que não poderia reparar no momento. Melhor realizar o que estava a seu alcance, deixando à Divina Providência a cobrança de seus débitos quando chegasse a hora.

Assim pacificado, sorriu. Lembrou-se dos tesouros que guardara para uma eventualidade, escondidos numa gruta nas proximidades do mar Morto.

Decidido, para lá se encaminhou. Chegou durante o dia e acampou, esperando escurecer. Ao cair da noite, caminhou até ao local que tão bem conhecia e, oculto pela vegetação, encontrou a entrada da gruta. Cavou até deparar-se com o saco de couro de carneiro. Ali deixara uma faca, alguns alimentos e um odre com água, para o caso de estar sendo perseguido e ser obrigado a uma fuga rápida.

Recolheu tudo, comeu alguns frutos secos que guardara e retornou à

cidade. Alojou-se numa estalagem e, no dia seguinte, pôs-se a caminho.

Suas riquezas serviriam para reparar seus erros, quando possível. Quando não, seriam utilizadas para ajudar os mais necessitados. Ao mesmo tempo, iria pregando a Boa Nova e espalhando as sementes que Jesus de Nazaré havia deixado como divino depósito nas mãos de seus discípulos.

A primeira pessoa que Jafar lembrou-se de procurar foi o carcereiro, o bom homem que nele confiara e a quem atraíra, golpeando-o barbaramente e fugindo. Na ocasião, prometera que ele não se arrependeria de abrir-lhe a porta da cela pois seria bem recompensado. Teria que cumprir a promessa. Iria até ele e lhe pediria perdão, entregando uma boa quantia com que pudesse viver mais confortavelmente.

Ao chegar à cidade, informou-se do endereço do carcereiro e para lá se dirigiu. Bateu à porta e aguardou. Foi recebido por uma mulher de aspecto envelhecido, embora ainda jovem, que indagou a que vinha.

– Estou procurando por Zelão, o carcereiro.

A mulher abriu a porta e o mandou entrar, conduzindo-o até um cômodo onde, apesar da pouca luminosidade, pôde ver, estirada num leito tosco, uma figura esquelética. Aproximou-se, temeroso. Antes tudo lhe parecera simples, mas agora que estava ali, tão próximo, teve medo da reação da sua vítima.

– Como estás, Zelão? – indagou.

Como o dono da casa não respondesse, Jafar prosseguiu:

– Não me estás reconhecendo? – insistiu, achando que fosse devido à meia-luz do quarto.

A mulher meneou a cabeça com expressivo gesto, afirmando:

– Meu marido não reconhece mais ninguém. Está assim, preso ao leito, desde que recebeu uma pancada na cabeça, por ocasião da fuga do terrível criminoso Tanatos. Encontraram-no caído no chão, já paralisado e sem consciência. Não fala, não sei se ouve e não se mexe. Ah!, que Jeová nos proteja! O salário que meu marido recebia era uma miséria, mas dava para viver. Agora, falta tudo. Meus filhos vivem famintos, esmolando na rua, e eu nem posso trabalhar para ganhar o nosso sustento, pois preciso cuidar dele. Que vida, Senhor!

Atingido duramente pelas palavras da mulher, só agora tomando conhecimento do que acontecera naquele dia em que fugira do cárcere, Jafar percebeu o mal que fizera àquela família. Comovido, não conteve as

lágrimas, deixando que corressem livremente pelo rosto.

A dona da casa, surpresa com a reação do recém-chegado, que para ela era um completo estranho, indagou:

– Conhecias meu marido? Noto que a situação dele te abalou muito. Ignoravas o seu infortúnio?

Enxugando as lágrimas com as costas da mão, Jafar explicou:

– Perdoa-me, senhora, não ter-me apresentado. Meu nome é Jafar e fomos amigos de infância. Há anos não via Zelão e agora, em viagem, tive oportunidade de passar por esta cidade e desejei visitá-lo. Jamais esperava, no entanto, encontrá-lo neste estado! – justificou-se, inventando uma desculpa.

Enxugando as lágrimas com a ponta do avental, a mulher concordou, tristemente. Em seguida, demonstrando grande generosidade, apesar da penúria, convidou:

– Se não tens onde ficar e se és tão amigo de meu marido quanto dizes ser, nossa casa está à tua disposição. Serás nosso hóspede.

Com um nó na garganta, Jafar agradeceu. Tanta gentileza o fazia sentir-se ainda mais culpado.

Lia foi para a cozinha preparar uma refeição frugal: um caldo ralo e um naco de pão duro para cada um.

Nesse momento, os meninos chegaram da rua e sentaram-se para comer, surpresos de encontrarem um estranho dentro de casa, o que era inabitual. A mãe contou-lhes o que acontecera e Jafar pôs-se a conversar com as crianças, enquanto ela levava a refeição ao doente.

Mais tarde, quando os pequenos, cansados, foram para a cama, Jafar disse à esposa de Zelão:

– Lia, de hoje em diante nada faltará à tua família. Tenho alguns recursos e sou só. Quero que me permitas ajudar-te. Estimaria poder fazer muito mais, devolver-te Zelão com saúde, mas isso é impossível. Portanto, o que puder fazer por ti e pelas crianças, conta comigo.

Satisfeita, Lia sorriu, e o semblante abatido e triste iluminou-se. Pela primeira vez em muito tempo sentia uma réstia de esperança no ar e nova luz a clarear o horizonte, que até aquele momento se lhe figurara escuro e sem perspectivas.

No dia seguinte, uma nova etapa teve início.

Às primeiras horas da manhã, Jafar dirigiu-se ao quarto do enfermo.

Precisava enfrentar logo a situação. Sentia-se mais confiante e tranquilo, uma vez informado de que Zelão nem sequer reconhecia as pessoas.

O aposento, agora inundado pela luz solar, apresentava melhor aspecto. Aproximou-se do enfermo e disse:

– Zelão, sou um amigo e vim visitar-te. Como estás passando?

O doente olhou para o visitante, que teve a nítida sensação de que Zelão o reconhecera, por uma fugaz expressão de medo nos olhos. Mas foi um segundo só. No momento seguinte, Zelão trazia o olhar vazio e distante de sempre.

Delicadamente, Jafar cuidou da higiene do enfermo, trocou-lhe os panos sujos, deu-lhe a refeição na boca e, depois, sentou-se ao lado do leito e pôs-se a conversar com ele. Falou-lhe de um homem que tinha conhecido, um homem que viera para reformar o mundo e ensinar as pessoas a serem melhores. Descreveu seu encontro com Jesus, as curas que o Profeta galileu fizera, seus ensinamentos, suas parábolas.

Zelão não movia um músculo do corpo nem dava mostras de estar ouvindo, mas Jafar percebeu que ele gostava da sua companhia, pois o enfermo, que grunhia dolorosamente, se aquietara.

Lia entrou no aposento e muito surpresa ficou ao vê-los juntos. Zelão com aparência serena enquanto Jafar falava-lhe de um homem que se chamava Jesus de Nazaré.

A partir desse dia, Jafar tomou para si a tarefa de cuidar do doente, para que Lia pudesse descansar um pouco, dedicar-se mais às crianças e realizar os afazeres domésticos. Nunca mais faltou comida, roupas, calçados, agasalhos naquela casa nem remédios para o doente. Jafar provia tudo com generosa solicitude.

Nas horas de folga, reuniam-se no quarto do enfermo e o ex-algoz punha-se a contar fatos da vida de Jesus, falando-lhes do seu amor por todas as criaturas. Ensinou-os a orar, como o Rabi o fizera a seus discípulos, e todos os dias oravam juntos.

O ambiente daquela casa modificara-se por completo. Viviam em paz e harmonia. Os garotos cresciam sob conceitos morais evangélicos que lhes norteariam a existência, transformando-os em criaturas dignas e úteis à sociedade, outros cristãos dedicados à propagação da Boa Nova.

Aos poucos, a influência de Jafar estendeu-se a outras pessoas, habitantes daquela pequena cidade, que também queriam ouvir falar de Jesus e de seus

feitos notáveis.

Constituíram um grupo de ajuda aos necessitados e todos os dias chegavam criaturas buscando recursos e consolo com Jafar. Na medida do possível, nunca deixou de atender a nenhum dos pobres viandantes que o procuravam, seja doando-lhes recursos materiais, seja restaurando-lhes a fé na Misericórdia Divina, através dos ensinamentos de Jesus.

Os anos se passaram. Dois lustros depois, Zelão teve o seu estado de saúde agravado consideravelmente. Antes de morrer, já agonizante, Jafar conversou com ele francamente. Pediu-lhe perdão pelo mal que lhe causara e percebeu, no olhar do antigo carcereiro, um momento de lucidez. Ele o fitava e de seus olhos baços duas lágrimas rolaram. Jafar compreendeu que o enfermo sabia quem ele era, e que, naquele momento extremo, o perdoava.

Abraçou-se àquele que, agora, dez anos passados, considerava como verdadeiro amigo e soluçou convulsivamente de alegria e de alívio por ter conseguido o seu perdão.

Após a morte de Zelão, continuaram trabalhando ainda com mais disposição na ajuda aos carentes do corpo e do espírito.

Certo dia, muitos anos depois, alguns homens chegaram à cidade. O fato não causou preocupação nos habitantes, visto que era normal a passagem de pessoas que vinham em busca de auxílio.

Apesar de estranhos e pouco comunicativos, os recém-chegados receberam toda a atenção, participaram das reuniões evangélicas e oraram com os cristãos.

Seus objetivos, porém, eram outros. Transpirara na cidade, em virtude da ajuda aos necessitados, que Jafar era singularmente rico; por isso, passaram a cobiçar seus tesouros. Na verdade, Jafar quase nada mais possuía então. Os recursos que distribuía com os mendigos eram em grande parte doados pelos companheiros mais aquinhoados do grupo.

Assim, certa tarde, quando todos haviam saído para fazer uma visita e Jafar permanecera sozinho em casa, os forasteiros invadiram a residência munidos de facas e pedaços de pau.

Naquele dia, Jafar tinha o coração apertado por forte angústia. Maus pressentimentos segredavam-lhe que algo de muito grave estava para acontecer.

Quando os bandidos entraram, entregava-se ele à bênção da oração,

elevando o pensamento e buscando amparo no seu querido Mestre Jesus. Ao vê-los invadir a casa, compreendeu que era chegada a sua hora.

Com insolência indagaram o local onde escondia seus tesouros. Jafar informou que nada mais possuía. Duvidando disso, os salteadores reviraram tudo e, inconformados por não encontrarem coisa alguma de valor, começaram a agredir Jafar.

Deram-lhe pauladas nas costas, que o prostraram de joelhos. Eram cinco os agressores, e, ante sua insistente negativa, coléricos, passaram a golpeá-lo por todos os lados. Seu corpo era já uma massa sanguinolenta. No chão, os olhos inchados, os braços e pernas quebrados, Jafar mantinha serenidade e nobreza de atitudes. Não suplicara por sua vida, porque compreendia estar colhendo o que tinha semeado outrora. Enquanto as lágrimas corriam abundantes pelo rosto inchado, leve sorriso de satisfação fixava-se nos lábios do ex-malfeitor, que estava certo de que a Justiça Divina lhe concedia naquele instante a oportunidade de saldar uma parte dos seus imensos débitos.

Por sua retina espiritual passavam celeremente as cenas de sua vida, num caleidoscópio alucinante.

Irritados ante a firme atitude da vítima e interpretando seu sorriso como ironia e desdém, o chefe deles, num último ato de selvageria e insanidade, enterrou-lhe o punhal no coração, golpeando-o repetidas vezes.

Abandonando o invólucro corpóreo, liberto enfim das amarras que o prendiam à Terra, Jafar percebe-se numa outra realidade. Muitos daqueles a quem ajudara vieram esperá-lo no limiar da Espiritualidade, inclusive o amigo Zelão, alegre, bem disposto e recuperado da enfermidade que o prostrara ao leito por tantos anos.

Abraçaram-se, satisfeitos. Jafar não podia acreditar em tamanha felicidade. Nesse momento o céu se abriu e percebeu, ao longe, numa bela estrada larga e florida, a luminosa figura de Jesus de Nazaré, que vinha a seu encontro, estendendo-lhe braços acolhedores, enquanto sublime melodia soava dos arcanos infinitos como se tocada por harpas divinas.

Parecia-lhe ouvir as palavras na voz de acento carinhoso e inesquecível, sopradas pela brisa:

“– Vinde a mim, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; porquanto tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes;

estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver”...2420

A emoção dominou-lhe o íntimo. Estava novamente na presença do seu querido Mestre, por quem se esforçara para vencer o “homem velho”, transformando-se em criatura renovada ao sol do Evangelho redentor.

Naquele instante, porém, Lia e seus filhos invadem a casa aos gritos de desespero, ao vê-lo morto, suplicando por sua volta. Jafar se lembra de todos os que ficaram e que tanto necessitavam de sua ajuda e titubeia. Sente que Jesus de Nazaré lhe acena com a paz de um mundo melhor e mais feliz. Contudo, coração renovado pelo amor, percebe-se ainda preso à Terra.

– Meu Mestre, se possível, desejaria prosseguir na tarefa que me confiaste. A imensa série das misérias humanas faz com que meu coração anseie por continuar trabalhando na tua seara. Enquanto houver uma única criatura sofrendo entre aquelas a quem tanto prejudiquei, apreciaria permanecer no mundo para ajudá-las a caminhar ao teu encontro. Além disso, Senhor, tenho necessidade de aproximar meus antigos companheiros da tua mensagem, renovando-os moralmente.

O Mestre aquiesceu, benevolente:

– Será como desejas, meu filho. Por algum tempo irás te recuperar, repousando um pouco das lutas terrenas. Depois, voltarás para prosseguir no trabalho da divulgação e vivência da minha doutrina ao lado de todos os sofredores e aflitos do planeta.

A celeste imagem desapareceu, e Jafar, reconhecendo-se leve e bem disposto, elevou-se nas alturas, conduzido pelos amigos espirituais, rumo a local de refazimento e assistência, preparando-se para novas tarefas em futuro próximo.